



Universidade do Estado do Pará  
Centro de Ciências Sociais e Educação  
Programa de Pós-Graduação em Geografia



Ana Rosa Calado Cyrus

**PRÁTICAS E ESTRATÉGIAS ATIVISTAS AMAZÔNIDAS:  
A LUTA SOCIOAMBIENTAL DO NÚCLEO LOCAL DA  
ONG ENGAJAMUNDO EM BELÉM/PA**



Belém/PA

2021

**ANA ROSA CALADO CYRUS**

**PRÁTICAS E ESTRATÉGIAS ATIVISTAS AMAZÔNIDAS: A LUTA  
SOCIOAMBIENTAL DO NÚCLEO LOCAL DA ONG ENGAJAMUNDO  
EM BELÉM/PA**

Relatório referente a Defesa de Dissertação, submetido ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade do Estado do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Geografia.

**Orientador: Prof. Dr. Antônio de Pádua Mesquita dos Santos Brasil.**

**Belém – PA**

**2021**

**ANA ROSA CALADO CYRUS**

**PRÁTICAS E ESTRATÉGIAS ATIVISTAS AMAZÔNIDAS: A LUTA SOCIOAMBIENTAL DO NÚCLEO LOCAL DA ONG ENGAJAMUNDO EM BELÉM/PA**

Relatório referente a Defesa de Dissertação, submetido ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade do Estado do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Geografia.

**Orientador: Prof. Dr. Antônio de Pádua Mesquita dos Santos Brasil.**

RESULTADO: \_\_\_\_\_.

DATA: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Antônio de Pádua Mesquita dos Santos Brasil

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Aiala Colares de Oliveira Couto

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Bruno Cezar Pereira Malheiro

**Belém – PA**

**2021**

**Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)**  
**Biblioteca do CCSE/UEPA, Belém - PA**

---

Cyrus, Ana Rosa Calado

Práticas e estratégias ativistas amazônidas ; a luta socioambiental do núcleo local da ONG engajamundo em Belém-PA / Ana Rosa Calado Cyrus ; orientação de Antônio de Pádua Mesquita dos Santos Brasil.. - Belém, 2022.

Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade do Estado do Pará. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Belém, 2022.

1.Belém-PA-Meio ambiente.2.Organizações não-governamentais.3.ONG Engajamundo.4. Cidades amazônidas. I. Brasil, Antônio de Pádua Mesquita dos Santos (orient). II. Título.

CDD 23 ed. 333.7098115

---

Regina Coeli A. Ribeiro - CRB-2/739

*Para Paulo Moy, a figura paterna que a  
vida me presenteou. O homem dos olhos  
de carnavais.*

*Ir ao comércio não tem mais a  
mesma magia, muito menos o sabor do  
ver o peso seguiu sendo o mesmo.*

*Mas nossa terra ainda ensina e nela  
estamos aprendendo a viver novamente.*

*A tua perda foi como uma navalha  
atravessando a alma. Iremos nos  
encontrar, como aconteceu nesta vida.*

*Que venham as próximas.*

*Obrigada por acreditar, a todo momento.*

*A mesa da cozinha nunca mais foi a  
mesma sem você.*

## AGRADECIMENTOS

Beth Carvalho possui uma música -um poema cantado, em linhas curtas e profundas- que se chama Andança e me permito iniciar com um trecho:

*Já me fiz a guerra por não saber  
Que esta terra encerra meu bem-querer  
E jamais termina meu caminhar  
Só o amor me ensina onde vou chegar*

Entre os distintos e significativos lugares que esta música me toca, existe um ponto específico da letra que revela um elemento essencial para a concretização desta pesquisa: *o amor*. Ao longo de dias repletos de dúvidas, incertezas e conquistas que trilharam o percurso que resultou neste estudo, obtive o apoio de pessoas que seguraram minhas mãos me dando forças e acreditando nas minhas palavras, lutas e princípios.

Agradeço primeiramente a Paulo Moy Teixeira, o meu pai que esteve em minha vida por pouco tempo, mas o suficiente para sabermos que nossa ligação estava para além deste plano. Foi graças a tua força, a tua presença, aqui do meu lado enquanto escrevo estas palavras, que é possível dizer como cheguei até aqui. Você é o meu pai e sempre será. Obrigada pelos dias, pelas memórias.

À minha avó, Maria Rosa, por todos os dias ter acreditado nos meus sonhos, acompanhado e participado de cada momento em que surgia algo novo que me fazia mudar de rumo, tomar novas decisões, recuar quando fosse necessário e crescer constantemente em meio a barreiras que enfrentamos juntas. Obrigada por ter sido a minha Rosa.

À minha mãe, Soraia Calado, pelos abraços, risadas, conselhos e olhares de cumplicidade regados a bagunça e lanches nas madrugadas que me fizeram ser a Ana Rosa que hoje escreve sobre o que faz seu coração e alma borbulhar. Guilherme e Gustavo, meus irmãos que representam a parte mais bonita da minha vida, por todos os dias que sentamos juntos e me fizeram sentir a bondade no mundo. Agradeço a Sulema Calado, Laura Ruth, Graça, Suely Borges, João Elias, Anna Clara e Maria Helena, aos almoços em família, sorrisos e caminhos que ainda vamos construir juntos.

A meu grande amigo e companheiro Eduardo Armínio, por todas as danças que trilharam nossas amizades, palavras de conforto, descobertas sobre quem sou e

quem pretendo ser e, acima de tudo, por ter acreditado quando nem mesmo eu achava que esta pesquisa e meus objetivos mais impossíveis tivessem condições de se realizarem. Você é a minha pessoa.

A Kimberly, por todos os momentos em que estivemos uma pela outra, por cada palavra que me ajudou a não desistir destes sonhos e continuar imaginando outros.

À meu orientador, Professor Pádua, por ter sido uma das minhas maiores inspirações ao longo destes anos. Obrigada por ter acreditado no meu potencial no início de tudo, quando esta pesquisa ainda era somente um papel, por me ajudar a manter o brilho nos olhos e me fazer acreditar que uma pedagoga pode, e deve, estar na Geografia.

À Thalita, Mathaus, Kinda, Nayara, Pedro Lacerda e Larissa, por terem sido as pessoas que estiveram comigo ao longo desta grande descoberta que é ser ativista e pesquisadora, enquanto amigos, colegas de trabalho, mas acima de tudo, como pessoas que acreditam no que juntos podemos fazer.

Aos jovens do Núcleo Local de Belém do Engajamundo, obrigada por todos os relatos, ações e conversas, pelos dias em que foram vocês que me deram o impulso para continuar. A energia que fez surgir este trabalho vem do que é construído no movimento e na grandiosidade que ele representa para a nossa Amazônia. Vocês são plurais e singulares.

À todos que cruzaram meu caminho e deixaram em mim pegadas que nem o tempo é capaz de obliterar.

À todos que lutam pela vida, pela sobrevivência.

À quem, todas as manhãs, faz o sol levantar.

*"Vem por aqui" - dizem-me alguns com os olhos doces  
Estendendo-me os braços, e seguros  
De que seria bom que eu os ouvisse*

Quando me dizem: "vem, vem por aqui!"  
Eu olho-os com olhos laços,  
(Há, nos olhos meus, ironias e cansaços)  
E cruzo os braços,  
E nunca vou por ali...  
A minha glória é esta:  
Criar desumanidades!  
Não acompanhar ninguém.  
- Que eu vivo com o mesmo sem-vontade  
Com que rasguei o ventre à minha mãe  
Não, eu não vou por aí! Só vou por onde  
Me levam meus próprios passos...  
Se ao que busco saber nenhum de vós responde  
Por que me repetis: "vem vem por aqui!"?

Prefiro escorregar nos becos lamacentos,  
Redemoinhar aos ventos,  
Feito farrapos, arrastar os pés sangrentos,  
A ir por aí...  
Se vim ao mundo, foi  
Somente para desflorar florestas virgens,  
E desenhar meus próprios pés na areia inexplorada!  
O mais que faço não vale nada.

Como, pois, sereis vós  
Que me dareis machados, ferramentas e coragem  
Para eu derrubar os meus obstáculos?...  
Corre, nas vossas veias, sangue velho dos avós,  
E vós amais o que é fácil!  
Eu amo o Longe e a Miragem,  
Amo os abismos, as torrentes, os desertos...

[...]

Ah, que ninguém me dê piedosas intenções,  
Ninguém me peça definições!  
Ninguém me diga: "vem por aqui!"  
A minha vida é um vendaval que se soltou,  
É uma onda que se alevantou,  
É um átomo a mais que se animou...  
Não sei por onde vou,  
Não sei para onde vou  
Sei que não vou por aí.

- José Régio

de Mestrado - Universidade do Estado do Pará - UEPA, Programa de Pós-Graduação em Geografia - PPGG. Belém, Pará, Brasil. Novembro, 2021.

## RESUMO

A pesquisa intitulada “Práticas e estratégias ativistas amazônicas: a luta socioambiental do núcleo local da ONG Engajamundo em Belém/PA” busca analisar as dinâmicas existentes no movimento social posto em enfoque e pretende-se revelar quais práticas coletivas direcionam-se para a relação entre a ONG e a cidade, emergente da atuação de ativistas envolvidos pela causa ambientalista na Amazônia. A partir destas questões pretendeu-se alcançar o objetivo geral de analisar como são empreendidas as práticas socioambientais a partir da ONG Engajamundo em Belém-PA. Já como específicos carrega a intenção de verificar a vinculação existente entre o Engajamundo a nível nacional e as atuações locais por meio do núcleo local em Belém, analisar como as estratégias e mobilizações do grupo se relacionam com as agendas nacionais da ONG, além de averiguar como as vozes dos ativistas do grupo local são consideradas ao longo dos movimentos estabelecidos pelo Engajamundo. Optou-se em termos metodológicos, após profunda análise, em adotar a abordagem qualitativa, tendo como método a dialética, sendo do tipo pesquisa participante. A metodologia utilizada ao longo da produção de dados esteve dividida em etapas de de aprofundamento, primeiramente se realizando pesquisa exploratória e após o desenvolvimento de Grupos Focais, estes sendo realizados a partir da dinâmica de diálogo com Palavras-Mundo, baseando-se nos pensamentos trilhados por Paulo Freire (1998). Teoricamente parte-se, principalmente, de uma discussão estabelecida entre ambientalismo, Organizações Não Governamentais, Conflitos e Injustiças Ambientais. Com os resultados obtidos é possível afirmar que o Engajamundo gera a partir do (des)encontro das suas instâncias uma política de escalas, além disso é notável que o Núcleo Local EngajaÉGUA desenvolve sua agenda com base em suas realidades, criando-se então práticas, saberes e espacialidades para atuação na Amazônia assim como maneiras de construir e ler-se a cidade de Belém, tornando-se evidente que há participação dos ativistas do grupo nos processos desenvolvidos e concretizados em espaços nacionais da ONG. Dessa forma os sujeitos da pesquisa averigam que suas necessidades, pautas e processos são considerados na pauta do Engajamundo, apesar de sinalizar inúmeros obstáculos para tal. Conclui-se então que a ONG configura-se, na cidade de Belém, como um espaço de construção coletiva para incidência nas questões socioambientais a partir das estratégias desenvolvidas por ativistas amazônicas.

**Palavras-chave:** Ambientalismo. Injustiça Ambiental. Organização Não Governamental. Cidades Amazônicas.

CYRUS, Ana Rosa Calado. **Practices and strategies activists amazon: the social Ambiental fight of Engajamundo NGO local nucleus in Belém , state of Pará.** Master's Dissertation - University of the State of Pará - UEPA, Postgraduate Program in Geography - PPGG. Belem, Pará, Brazil. November 2021.

## ABSTRACT

The research entitled "Practices and strategies activists amazon: the social Ambiental fight of Engajamundo NGO local nucleus in Belém , state of Pará, seeks analyze dynamics that exist of the social movement and intended to reveal which collective practices are directed towards the relationship between the NGO and the city, emerging from the actions of activists involved in the environmental cause in the amazon. Since those points intended to achieve the general objective of analyzing how socio environmental practices are undertaken from the Engajamundo NGO in Belém city. On the other hand, the specifics objectives are about the intention to verify the link between NGO at the national level and the local actions through the local nucleus in Belém, analyzing how group's strategies and mobilizations relate to the NGO's national agendas, in addition to investigating how the voices of local group activists are considered throughout the movements established by Engajamundo. It Was decided in Methodological terms, after deep analysis, to adopt the qualitative approach, having as the method the dialectic, being of the type participating research. The methodology used throughout the data production was divided into deepen stages, first conducting exploratory research and after the development of Focus Group, these being carried out from the dynamic of dialogue with the words and the world, based on Paulo Freire (1998) concept. Theoretically, it is based mainly on an established discussion between environmentalists, Non-governmental Organizations, Conflicts and Environmental Injustices. The results obtained it is possible to affirm that the Engajamundo generates from the dissension of its instances a policy of scales, moreover it is remarkable that local nucleus is EngajaÉGUA, develops its agenda based on its realities, thus creating practices, knowledge and spatialities for action in the amazon as well as ways to build and read the Belém city, making it clear that there is participation of the group's activists in the processes developed and materialized in the NGO's national spaces. Thus, the subjects of the research verify that their need, agendas and the processes are considered in the Engajamundo's Agenda, despite signaling numerous obstacles to that. It is concluded that NGO is configured, in the city of Belém as a space for collective construction to focus on socio environmental issues from the strategies developed by Amazonian Activists.

**Key-words:** Environmentalism. Environmental Injustice. Non-governmental Organization. Amazonian cities.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Logo do ENGAJAMUNDO, 2019

Figura 02: Ativismo na Greve Global Pelo Clima, 2019

Figura 03: Ativismo na Greve Global Pelo Clima, 2019

Figura 05: Entrevistas sobre fundação do NL de Belém

Figura 06: Entrevistas sobre articulação a nível nacional do movimento  
Figura 07: Fluxograma sobre a dinâmica dos grupos focais  
Figura 08: Instâncias do Engajamundo, 2020  
Figura 09: Logo da campanha CultivaCidade, 2016  
Figura 10: Logo da campanha “Fala aê: as vozes da água”, 2018  
Figura 11: Logo da campanha Solução, 2018  
Figura 12: Logo do programa “Engaja na Amazônia”, 2018  
Figura 13: Logo do Podcast, 2020  
Figura 14: Logo da Campanha de eleições, 2020  
Figura 15: Logo da Campanha A Parada Não Para, 2020  
Figura 16: Logo da VEM, 2020.  
Figura 17: Logo da Raízes, 2020  
Figura 18: Darlly Tupinambá no anúncio da sua entrada no CONJUVE, 2019  
Figura 19: Mapa de localização das ações Belém em 2015, 2021  
Figura 20: Ação no projeto Museu Goeldi de Portas Abertas, 2016  
Figura 21: Mapa de localização das ações em Belém de 2016, 2021  
Figura 22: Mapa de localização das ações em Belém de 2017, 2021  
Figura 23: Mapa de localização das ações em Belém de 2018, 2021  
Figura 24: Projeto Ruas Verdes, 2019  
Figura 25: Projeto Ruas Verdes, 2019  
Figura 26: Mapa de localização das ações em Belém de 2019, 2021  
Figura 27: Imersão de planejamento do Projeto Maniva, 2021  
Figura 28: Fluxograma sobre criação de estratégias, 2021  
Figura 29: Desdobramentos das estratégias, 2021

### **LISTA DE SIGLAS**

CF: Comitê Facilitador

GTs: Grupos de Trabalhos

NLs: Núcleos Locais

ONG: Organização não-governamental

SUDAM: Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia

INCRA: Instituto de Colonização e Reforma Agrária

PIN: Plano de Integração Nacional

COP: Conference of Parties (Conferência das partes)

CSW: Commission on the Status of Women (Comissão sobre a Situação das Mulheres)

ONU: Organização das Nações Unidas

FMA: Fórum Mundial da Água

VEM: Vote em Mulheres.

CONJUVE: Conselho Nacional de Juventude

LGBTQIAP+: Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/ Questionando, Intersexo, Assexuais/ Arromânticas / Agênero, Pan/ Poli, Não-binárias e mais

### **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1: Disciplinas ao longo da pós-graduação

Quadro 2: Fontes Bibliográficas

Quadro 3: Fontes Documentais do Engajamundo

Quadro 4: Pilares de atuação do Engajamundo

Quadro 5: Posições dos voluntários dentro da ONG

Quadro 6: Fundação dos núcleos a partir da experiência do comitê facilitador

Quadro 7: Estrutura do Núcleo Local de Belém-PA

Quadro 8: Roteiro de sessões

Quadro 9: Sujeitos da Pesquisa

Quadro 10: Lutas pela Amazônia

Quadro 11: Engajamundo na Amazônia

Quadro 12: Significados sobre Engajamundo

Quadro 13: Relação do Núcleo Local com o Engajamundo

Quadro 14: Criação de estratégias

Quadro 15: Organização de estratégias

Quadro 16: Dificuldades para implementar estratégias

Quadro 17: Aprendizados com estratégias

Quadro 18: Resultados das estratégias

Quadro 19: Problemas ambientais em Belém

Quadro 20: Desigualdade em Belém

Quadro 21: Atuação diante da realidade desigual

## SUMÁRIO

Trajatória na pós graduação.....	15
Preparo para o andar.....	17
<b>1. Introdução.....</b>	<b>19</b>
1.1 Motivações e origem da Pesquisa.....	20
<b>2. Procedimentos Metodológicos.....</b>	<b>30</b>
2.1 Contextualização do lócus de pesquisa, objeto e sujeitos da pesquisa.....	31
2.2 Caracterização Do Tipo De Pesquisa.....	33
2.3 Etapas e procedimentos da pesquisa.....	36
2.3.1 Levantamento bibliográfico e documental.....	37
2.3.2 Pesquisa de Campo: entrevistas exploratórias e aplicação de metodologia para gerar dados .....	39
2.4 Sistematização e análise de dados.....	44
1ª Andança.....	48
<b>3. (Re)pensar realidades socioambientais: conflitos, injustiças e respostas...50</b>	
3.1 O Ambiental para além do colonial.....	52
3.2 Articulações diante dos conflitos e injustiças: a distribuição desigual de problemas ambientais e as Organizações Não- Governamentais na Amazônia.....	62
2ª Andança.....	73
<b>4. Engajamundo: dimensão escalar da Ong e sua Atuação em Belém-PA.....76</b>	
4.1 A dimensão escalar da ONG.....	77
4.2 O surgimento do Engajamundo.....	86
4.3 Organização atual e ações.....	88
4.4 Formação do Núcleo Local EngajaÉGUA.....	96
4.5 O EngajaÉGUA: estrutura e práticas empreendidas de 2015-2021.....	100
3ª Andança.....	111
<b>5. Palavras-mundo e suas aplicações na dinâmicas dos grupos focais: As experiências socioambientais a partir de Belém.....113</b>	
5.1 Amazônia e vivências: caminhos sentidos, não somente narrados.....	117
5.2 Escalas, o fazer e estratégias: relações e conexões.....	127
5.3 Belém e estratégias: essa cidade foi feita por/para quem?.....	145
6. Considerações para não finalizar.....	159
<b>5. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>164</b>

<b>APÊNDICES</b> .....	...171
------------------------	--------

## TRAJETÓRIA NA PÓS-GRADUAÇÃO

O Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado do Pará iniciou sua caminhada no ano de 2019, com uma turma composta por 10 discentes. Apesar dos obstáculos vivenciados por um programa recém-criado, foi notável o comprometimento com a diversidade para o desenvolvimento de pesquisas que estivessem ligados com o contexto amazônico. No período dos três primeiros semestres letivos, segundo semestre de 2019 e primeiro e segundo semestres de 2020, o foco esteve no cumprimento das disciplinas optativas e obrigatórias. A apresentação do quadro curricular realizado pode ser analisada a seguir:

**Quadro 1- Disciplinas ao longo da pós-graduação**

DISCIPLINA/ATIVIDADES	SITUAÇÃO	DOCENTES
Gestão Ambiental e Cidades na Amazônia (Optativa).	APROVADA	Prof. Dr. Antônio de Pádua de Mesquita dos Santos Brasil; Prof. Dr. Carlos Alexandre Leão Bordalo; Prof. Dr. Francisco Emerson Vale Costa.
Urbanização, Rede Urbana e Cidades na Amazônia (Optativa).	APROVADA	Prof. Dr. Willame de Oliveira Ribeiro
Fundamentos Teóricos e Conceituais da Geografia (Obrigatória)	APROVADA	Profa. Dra. Cátia Oliveira Macedo; Prof. Dr. Fabiano de Oliveira Bringel
Métodos e Técnicas de Pesquisa em Geografia (Obrigatória)	APROVADA	Prof. Dr. Willame de Oliveira Ribeiro; Prof. Dr. Benedito Ely Valente da Cruz; Prof. Dr. Carlos Alexandre Leão Bordalo
Seminário de Dissertação	APROVADA	Prof. Dr. Aiala Colares de Oliveira Couto; Prof. Dr. Carlos Alexandre Leão Bordalo; Prof. Dr. Francisco Emerson Vale Costa.
Estágio da Docência	APROVADA	-

Movimentos insurgentes na Amazônia	EM ANDAMENTO	Prof. Dr. Aiala Colares de Oliveira Couto
------------------------------------	--------------	---

Fonte: Elaboração própria, 2021.

A disciplina de **Gestão Ambiental e Cidades na Amazônia**, ministrada pelos professores Dr. Antônio de Pádua de Mesquita dos Santos Brasil, Dr. Carlos Alexandre Leão Bordalo e Dr. Francisco Emerson Vale Costa trouxeram as perspectivas acerca do contexto ambiental da cidade de Belém, o que contribuiu com a percepção sobre a cidade, somando aos debates trilhados em **Urbanização, Rede Urbana e Cidades na Amazônia**, ministrada pelo Prof. Dr. Willame de Oliveira Ribeiro, a qual contribuiu de forma significativa ao aporte teórico que trilha a presente pesquisa. A disciplina obrigatória de **Fundamentos Teóricos e Conceituais da Geografia**, ministrada pela Profa. Dra. Cátia Oliveira Macedo e pelo Prof. Dr. Fabiano de Oliveira Bringel se fez fundamental na análise aprofundada em relação aos debates realizados na pesquisa por meio de distintas correntes de pensamentos da geografia.

A disciplina de **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Geografia**, ministrada pelos professores Prof. Dr. Willame de Oliveira Ribeiro, Prof. Dr. Benedito Ely Valente da Cruz e Prof. Dr. Carlos Alexandre Leão Bordalo, trouxe minimamente aprofundamentos sobre técnicas e alternativas metodológicas a serem utilizadas, ampliando assim as possibilidades de aplicação e instrumentos para execução de estudos. O **Seminário de Dissertação**, organizado pelos docentes Dr. Aiala Colares de Oliveira Couto, Dr. Carlos Alexandre Leão Bordalo e Dr. Francisco Emerson Vale Costa, foi um espaço de grande construção para os passos trilhados nesta pesquisa, com contribuições essenciais para desenhar linhas de execução.

O **Estágio da Docência** foi contemplado pela participação na disciplina de *Estágio da Docência*, desenvolvido junto a turma do 6º período de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade do Estado do Pará- UEPA, durante a disciplina de *Fundamentos da Educação Ambiental* apresentando carga horária de 60h, ministrada pelo Professor Drº Antonio de Padua M. S. Brasil.

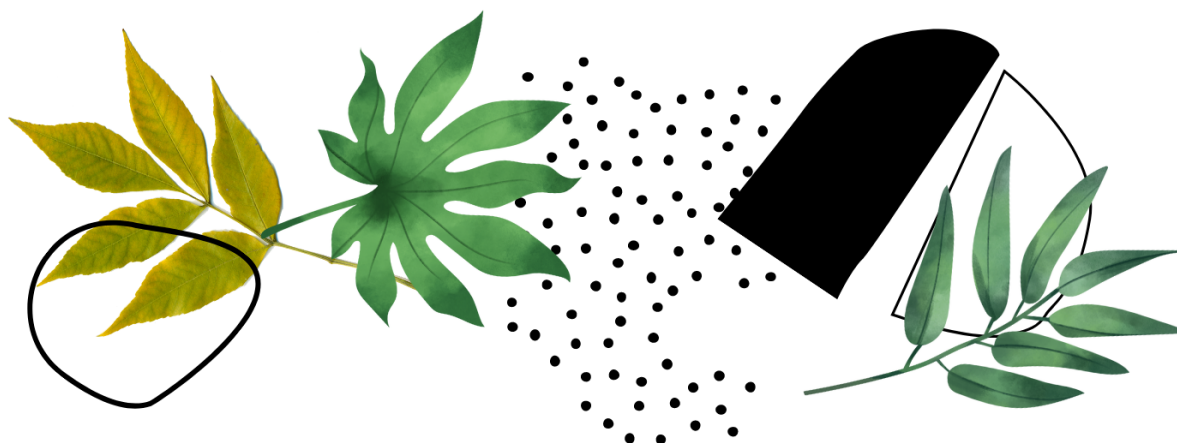
Por meio de Análise de textos, Seminários, Trabalho de grupo (tarefas dirigidas), visitas a espaços que promovem Educação Ambiental e aulas expositivas a disciplina se concretizou, sendo ministrada de forma presencial e houveram debates voltados para se discutir os antecedentes históricos e a evolução dos conceitos. Objetivos, princípios e estratégias para a educação ambiental formal e

não formal. Tendências da Educação Ambiental; a incorporação da dimensão ambiental nos currículos de ensino fundamental e médio. PCNs. Lei federal nº 9795/99. Política Nacional de educação ambiental. Planejamento, execução e avaliação de atividades práticas interdisciplinares na educação ambiental formal. Elaboração de projetos de educação ambiental voltados para ambientes escolares e não escolares. O estágio foi uma fonte de diversas experiências que contribuíram com a formação dos estagiários pois destacaram a importância de reconhecer-se a singularidade do ser humano, seus saberes e antecedentes, fomentando na caminhada e formação dos professores que participaram, como discentes e docentes, visões distintas de contextos e compreensões acerca da sociedade e a questão ambiental.

As vivências proporcionadas pelo Programa tiveram impactos essenciais nas formações dos discentes, desenvolvendo uma rotina voltada para o desenvolvimento de pesquisas ligadas ao objetivo de construir-se pontos entre a teoria e a prática no intuito de materializar estudos com contribuições pertinentes para as realidades da sociedade em suas múltiplas dimensões.

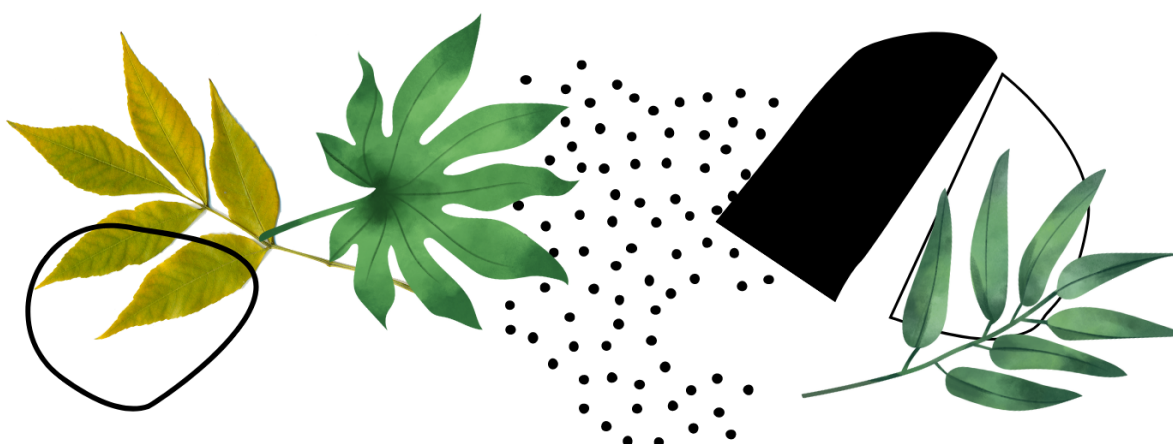


PREPARO  
PARA O  
ANDAR



*O início da jornada começa pelo simples ato de andar, este por sua vez significa mover-se, deslocar-se. O andar gera encontros e desencontros desencadeia novas histórias, projeta rumos. O andar também é sentir, está nos tropeços, nos passos firmes, o andar é aprendizado. Cada pegada deixada há de ter o que ensinar. Então em momentos estratégicos deste texto você irá encontrar experiências, questionamentos e aprofundamentos que surgiram ao longo dos caminhos percorridos para a concretização desta pesquisa.*

*Ao clicar [aqui](#) você será direcionado para uma playlist com sons na plataforma Spotify, que foi criada pensando em estímulos que possibilitam deslocamentos, impulsos para começar a andar por este material, o objetivo é mergulhar, afinal de contas a música toca sentidos que somente palavras não acessam. Então, antes de andar por meio da leitura, sinta o início da jornada.*





# I INTRODUÇÃO



## 1.1 Motivações e origem da pesquisa

Trata-se de uma pesquisa intitulada “**Práticas e estratégias ativistas amazônidas: a luta socioambiental do núcleo local da ONG Engajamundo em Belém/PA**”, em que se busca analisar as dinâmicas existentes no movimento social posto em enfoque, e pretende-se revelar quais práticas coletivas direcionam-se para a relação entre a ONG e a cidade, emergente da atuação de ativistas envolvidos pela causa ambientalista na Amazônia. Esse estudo surge a partir da soma das minhas experiências acadêmicas e pessoais, que perpassam por participação em grupos de pesquisa, pelo trabalho de bolsista em projetos e por ações voluntárias realizadas.

Quando me desafiei a começar a caminhada dentro de estudos sobre os movimentos ambientalistas e as realidades de ativistas daqui de baixo- *da base, dos meus*- estava no início da minha graduação no curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Universidade do Estado do Pará. Em algum momento, ao longo de (des)encontros encontrei-me com a Geografia e assumi então que era hora de seguir fazendo diferente. E assim se iniciou um período de formação sobre o que buscaria ser e as coisas que gostaria de desenvolver, aumentando minha experiência nos movimentos e na pesquisa que me fez tomar um novo rumo: embarcar na Geografia.

Outro fato extremamente importante para conhecer os trajetos que resultaram nas presentes reflexões é que além de pesquisadora também sou ativista. Afirmar isto é algo necessário para a compreensão de minha aproximação com o Engajamundo.

Adentrei na rede Engajamundo no ano de 2018, atuando no Núcleo Local de Belém, iniciando assim minha trajetória enquanto voluntária. Foram muitos caminhos, gostos e sentimentos que vieram junto com as vivências dentro da ONG, somando-se com inúmeros questionamentos que também foram se intensificando. Entre as dúvidas e quase raras certezas me deparei com a verdade que me fez chegar até aqui: antes mesmo de saber sobre pesquisa a luta já era algo que borbulhava em um lugar profundo da minha trajetória, já era ativista mesmo antes de achar uma nomenclatura para isto, e nunca foi uma escolha ir para o caminho diferente caso quisesse sobreviver.

Então as escolhas - *metodológicas e estruturais* - desta pesquisa são uma mescla precisa de doses da essência e sensibilidade de quem vive a luta socioambiental com o suporte, visão, leitura e aprofundamento que a ação de uma pesquisadora exige.

Esta soma em muitos momentos esteve presente como uma barreira, mas com o amadurecimento deste estudo foi possível ver que é exatamente neste possível desencontro - *talvez doloroso, exigindo grandes movimentos, um mergulho arriscado, mas instigante*- que reside um novo horizonte para o ato de pesquisar.

E esta barreira me fez perceber que é preciso andar devagar, pisar lentamente e observar o que existe ao redor. O objeto desta pesquisa me exigiu realizar viagens por territórios dos mais diversos - em que precisei sentir o chão e refletir sobre ele- *ou que em outros momentos precisei apenas escutar para saber até onde deveria ir*. A Geografia, juntamente com a minha realidade de ativista, agora me apropriando das palavras de Carlos Walter Porto Gonçalves, me fez traçar uma caminhada por solos não tão firmes como os que já havia percorrido anteriormente, mas que me fizeram conhecer a consistência da terra e das raízes.

O Engajamundo, que surgiu em 2012, após os jovens que criaram o grupo participarem da Rio+20, como consta no Regulamento Interno do movimento, desenvolve por meio da Juventude estratégias para modificar realidades ao redor do Brasil, de acordo com o site da organização, compreendendo assim a importância da formação, mobilização e ativismo juvenil para abertura de novas portas em locais de tomadas de decisões socioambientais, enfatizando a necessidade de jovens dialogarem e estabelecerem conexões nacionais e internacionais, estabelecendo debates a nível local e global.

O movimento possui sua própria forma de se articular e conta, de maneira online, em reuniões semanais, com os Grupos de Trabalhos (GTs) que desenvolvem campanhas e ações que são executadas nos estados brasileiros onde há voluntários, sendo esta uma forma de articulação dos locais para alcançarem metas nacionais. Contam com a existência de 24 Núcleos Locais (NLs), presentes em 24 estados do país, atuando diretamente em questões pontuais e levantando demandas, necessidades, problemáticas e situações que anteriormente ficavam em um plano escondido e silencioso da sociedade para um lugar de destaque onde se exige mudanças, soluções e atenção ao que se ocorre na realidade brasileira.

Figura 01: Logo do ENGAJAMUNDO, 2019.



Fonte: Site do ENGAJAMUNDO, 2019.

O Engajamundo movimenta-se para alterar realidades e luta para que vozes ecoem por diversos cenários antes jamais alcançados pelos jovens que atualmente assumem papéis de protagonistas em suas localidades. É neste sentido que se compreende a ONG como uma estratégia para se modificar a cidade e desenvolver o novo pois caminha pela realidade do país e atravessa identidades que em seus lugares modificam sua visão e, conseqüentemente, seu espaço. A ONG em suas escalas locais e nacionais traça andanças e desenvolve campanhas que multiplicam articulações e sujeitos engajados nas causas socioambientais.

A Organização, segundo informações presentes no seu site, possui 2297 jovens dentro da rede, tendo como pilares principais à frente de educação, mobilização, participação e advocacy. O Núcleo Local da Cidade de Belém, não possui uma sede em que desenvolve suas atividades cotidianas de maneira permanente, todavia, assume caráter itinerante ao levar suas práticas para localidades em que conseguem articular. O grupo realiza atividades distintas acerca das problemáticas urbanas que surgem em Belém, trazendo, em conjunto com metodologias socioeducativas, mobilizações para a cidade que levam a refletir sobre a existência de práticas que são historicamente subalternizadas.

Figura 02: Ativismo na Greve Global Pelo Clima, 2019.



Fonte: Acervo do Núcleo Local do Engajamundo, 2019.

Figura 03: Ativismo na Greve Global Pelo Clima, 2019.



Fonte: Acervo do Núcleo Local do Engajamundo, 2019.

Partimos assim da ideia de que a organização desenvolvida por jovens ativistas enfatiza a necessidade do reconhecimento de sujeitos que possuem saberes e vivências locais, firmando as questões que articulam os ativismos urbanos e o movimento ambientalista para a fomentação da participação e sensibilização da população desencadeiam especificidades pertinentes para a análise da realidade que esta pesquisa propõe-se investigar.

Dessa forma, nessa pesquisa, o pensamento surge na ideia de procurar revelar ativismos urbanos que tem sua gênese a partir de sujeitos que foram subalternizados e limitados ao pensamento abissal, mas que resistem e se fazem presentes no movimento, constroem novas práticas socioespaciais e legitimam suas existências, resistindo ao sistema colonizador, hegemônico e eurocêntrico.

Souza (2015), apresenta a ideia da existência de práticas espaciais insurgentes, sendo estas ações desenvolvidas por ativistas em meio coletivo que são desenhadas em uma gama de sentidos e visões em que as dimensões espaciais são latentes e particularmente notórias, enfatizando que esta dimensão aqui está para além de um instrumento neutro pois representa uma realidade condicionante por meio do material, das relações de poder existentes, que estão inscritas em limites e fronteiras, somados aos significados e saberes incrustados neste por meio dos processos realizados pela sociedade. A existência de práticas

que representam resistências e a busca pela superação de sistemas opressores, de forma que lutam contra a soberania de um determinado grupo são recorrentes, como coloca o autor.

Partindo do pressuposto que os jovens ativistas da ONG Engajamundo desenvolvem práticas que dialogam com visões contra hegemônicas dentro da cidade de Belém cabe ressaltar que os ativismos realizados por estes sujeitos, de acordo Souza e Rodrigues (2004), podem ser considerados modeladores das cidades e isto se deve ao fato de proporem movimentos e propostas alternativas por meio de mobilizações na sociedade civil de onde surgem novas possibilidades de se pensar/criar o urbano.

O urbano é discutido e pensado para ser uma forma de reproduzir as demandas e perspectivas do capitalismo, sendo carregado de mecanismos que reforçam a manutenção de ações hegemônicas. Em paralelo a isto existem movimentos que respondem a estas práticas regulatórias das cidades em busca do direito de expressarem suas dinâmicas que diferem das padronizadas pela urbanização capitalista.

Quando se discute as questões referentes ao espaço urbano e sua produção, Oliveira (2016), aponta que cidade é o resultado de uma soma de especificidades e realidades que estão inseridas em um regime de dominação, de forma que se predominam características que remetem à desigualdade e segregação. A autora pondera que dentro desses espaços diversas disparidades estão presentes de forma que os sujeitos não possuem acesso à recursos essenciais para a vida, surgindo assim processos em que pessoas são expulsas para as margens da sociedade, excluídas do centro em que estão infraestruturas e serviços, que são disponibilizados apenas à um grupo seletivo que se fecham diante do restante da sociedade, ignorando as necessidades, narrativas e identidades dos que não se encaixam dentro dos padrões que estabelecem como dogmas.

É neste contexto que Oliveira (2016) afirma que as questões econômicas são ditadas como prioritárias e se veicula as pautas e necessidades socioambientais em debates reducionistas que não contemplam a real situação em que estes processos estão inseridos, ou seja, não são escutados os distintos modos de fazer e saber, engolindo as mais complexas e diversas formas que o ser humano encontra para se relacionar com a natureza, negando aos sujeitos das cidades a possibilidade de

construir formas de enxergar e interpretar o mundo que se diferenciam dos mecanismos hegemônicos que predominam no espaço urbano.

Carlos (2007), aponta que os estudos sobre cidades precisam articular as teorias às práticas, afinal a teorização não pode ser realizada sem contemplar vivências pois não há como dissociar o que se desenvolve acerca da produção dos espaços nas cidades das realidades que produzem reflexões sobre elas, afinal é necessário buscar novos horizontes teóricos que dialoguem com as práticas socioespaciais realizadas pelos agentes.

A autora traz significativa contribuição para esta pesquisa ao afirmar que a cidade é uma construção do ser humano, com cargas sociais e históricas, tendo as relações que sociedade estabelece com a natureza incrustadas em materializações que são frutos dos processos estabelecidos por conexões geracionais, afinal a cidade é a obra que expõe os significados das existências humanas. É no intuito de entender que as cidades são mutáveis que Carlos (2007) registra que os movimentos dentro destas se apropriam e englobam dinâmicas passadas, mas ao mesmo tempo abrem possibilidades para adentrarem novas perspectivas que são desenhadas na atualidade e se projetam para o futuro.

A atuação do Núcleo Local do Engajamundo que esta pesquisa tem como objeto se localiza em Belém, uma cidade amazônica. Pensar as cidades amazônicas exige um movimento em busca de entender os fluxos que fazem parte da constituição da região em que essas estão incluídas, por efeito, de acordo com Corrêa (2005), a rede urbana amazônica retrata os traços que dão existência à Região, que perpassam aspectos sociais e econômicos, envolvendo por meio dos centros urbanos as características de distintos tempos espaciais em sua dinâmica.

Porto-Gonçalves (2018), discute que a Amazônia está sendo sujeitada a alterações significativas devido aos acontecimentos que a desenharam nas últimas décadas. O padrão colonial e hodierno de desenvolvimento ameaça constantemente as diversidades da Região, ocasionando em problemáticas socioambientais das mais complexas que atingem os sujeitos locais, suas vivências, saberes e práticas às quais estão interligadas com a natureza. A Amazônia é posicionada dentro de uma gama de países periféricos do ponto de vista capitalista, de forma que suas minúcias são submetidas a um processo de silenciamento, lhe retirando até mesmo a autonomia de narrar suas próprias andanças, preponderando, acima de qualquer saber, a definição e visão de quem silencia, coloniza e violenta.

Até mesmo quando se busca falar sobre a Amazônia não são os seus sujeitos os protagonistas. O poder de voz que permite falar da terra, das vidas, anseios e narrativas é destinado a quem está fora, raras as vezes a quem pertence. O autor reitera que enquanto Natureza a Amazônia previamente já está destinada a ser objeto de domínio do Homem. Essa dominação não vem de todos os homens, mas dos que estão dentro das normativas que são estabelecidas pelo padrão colonial - europeus, brancos e da elite burguesa.

As lutas e resistências ao desenvolvimento, homogeneização e predação fizeram surgir movimentos na Amazônia como o do Núcleo Local do Engajamundo em Belém, que por meio do ambientalismo articulam mobilização de enfrentamento.

Existem pensamentos que levam a analisar o ambientalismo como uma criação europeia. Todavia, de acordo com Pádua (1997), é necessário entender que o movimento de surgimento do ambientalismo não é um marco que ocorreu no chamado Primeiro Mundo e que após foi se expandindo para os demais territórios, mas que os debates socioambientais emergiram das periferias, e em um movimento de enfrentamento adentrou nos ditos centros, como a Europa Ocidental e os Estados Unidos.

O movimento ambientalista, segundo Leff (1998), é um grande montante de causas, questionamentos e demandas que nascem de contextos e articulações com as vivências e existências que constituem o momento histórico onde o sujeito está inserido, caracterizando assim como um aspecto que representa a necessidade de o ser humano ser agente ativo, transformador e crítico. O autor coloca em suas reflexões a ideia de que o movimento ambientalista é uma porta para a entrada de novos valores, concepções e formas de organização social, estimulando maneiras de participações, objetivos, motivações diversas, que variam de acordo com os grupo, localidade e condições culturais em que ocorre, podendo ser considerado heterogêneo, dinâmico e mutável.

Em virtude de partir-se deste ponto de vista, é preciso levar em consideração, na perspectiva de Souza (2019), que o ambientalismo não pode ser analisado sob uma única história, a partir de uma única maneira de se lutar pela vida.

Neste cenário, parte-se de uma análise voltada para os debates trilhados pela (In)justiça Ambiental que, segundo Acselrad (2008), carrega uma crítica a concepção de que todos os sujeitos são diretamente e igualmente impactados pelas

problemáticas ambientais que emergem do contexto da crise. Entretanto, nem todos são atingidos da mesma forma pelos percalços trilhados por esta.

Diante deste cenário, se torna um equívoco assumir que todos os sujeitos são sacrificados diante do cenário da crise ambiental. Quando parte-se da ideia de que por estarem no mesmo sistema geral e global todos os efeitos recaem sobre todos os corpos em proporções idênticas, se *oblitera- ou máscara-se-* as escalas de opressão que surgem em recortes de gênero, classe e raça.

A interpretação de que a crise, por ser global, como afirma Acselrad (2008), afeta proporcionalmente cada habitante da Terra, recai em um discurso que generaliza e apaga possibilidades de esmiuçar-se os contextos e mecanismos que são produzidos pela sociedade diante do sistema que a rege.

Dessa maneira, esta pesquisa parte da ideia de que as cidades amazônicas, com foco em Belém, que possui sujeitos os quais atuam modeladores das realidades por meio de ativismos urbanos, desenvolvendo práticas insurgentes de cunho socioambiental com o objetivo de transgredir os pensamentos impostos pela sociedade em geral. Busca-se então articular conhecimentos de áreas distintas- trazendo também perspectivas epistemológicas que estão para além das análises acadêmicas, afinal serão considerados saberes que emergem das realidades dos sujeitos da pesquisa- em rumo ao entendimento da complexidade dos ativismos urbanos que são desenvolvidos pela ONG Engajamundo na cidade de Belém, analisando estratégias e saberes que dão base para a realização de lutas ligadas às questões ambientais que surgem a partir das dinâmicas em que o grupo está inserido. Para a Geografia, possui o intuito de contribuir para a construção da compreensão acerca do movimento ambientalista a partir de uma cidade amazônica -*o que vem a ser construído, pensado e realizado pelos que historicamente foram silenciados-* o qual é composto por saberes de territórios que anteriormente não foram acessados pelas investigações, sendo estas, em diversos momentos, apegadas ao palpável e evidente, sem levar em consideração uma série de amarras e limitações metodológicas que não possibilitam a revelação de estruturas da sociedade que fogem das normativas generalizadoras, afinal exigem um movimento de aprofundamento em miúdos e existências que o sistema colonial buscou obliterar.

Com este histórico acerca dos pensamentos e ações que deram subsídios para o surgimento do Engajamundo em sua perspectiva socioambiental e educativa, busca-se então entender a relação entre o movimento em questão e suas influências

na cidade de Belém do Pará por meio de ativismos urbanos, sendo assim é oportuno indagar as seguintes questões: Quais as práticas socioambientais realizadas pelos ativistas da ONG em Belém? Qual a vinculação dos propósitos da ONG de forma nacional com as lutas vivenciadas pelos ativistas na cidade amazônica? Quais as relações existentes entre as estratégias e mobilizações que se projetam no núcleo de Belém e as agendas que tocam o Engajamundo a nível nacional? De que forma as vozes amazônicas de Belém são consideradas no processo de atuação da ONG Engajamundo?

A partir destas questões pretende-se alcançar o objetivo geral de analisar como são empreendidas as práticas socioambientais a partir da ONG Engajamundo em Belém-PA. Já como específicos carrega a intenção de verificar a vinculação existente entre o Engajamundo a nível nacional e as atuações locais por meio do núcleo local em Belém, analisar como as estratégias e mobilizações do grupo se relacionam com as agendas nacionais da ONG, além de averiguar como as vozes dos ativistas do grupo local são consideradas ao longo dos movimentos estabelecidos pelo Engajamundo.

Os resultados obtidos serão apresentados em forma de um relatório de pesquisa, então cabe sinalizar que a organização segue uma ordem de diálogos que se estabelecem em seis momentos: (1) Os Processos Metodológicos adotados na pesquisa, aprofundando nas estratégias usadas e ensinamentos adquiridos ao longo do caminho (2) Revisão Teórica sobre os bases conceituais sobre movimentos sociais, injustiça ambiental, ambientalismo e ativismos (3) Evidencia as problemáticas socioambientais de Belém e os alternativas que emergem de grupos e movimentos distintos na realidade paraense, assim como contém a história da Ong Engajamundo e a sua inserção na cidade paraense, dialogando com dados que desenham a realidade do grupo, evidenciando ações e mobilizações com relação ao contexto local (5) Serão apresentado os resultados obtidos por meio da metodologia utilizada no estudo para analisar os Ativismos Urbanos do Engajamundo, desenhando os dados de acordo com os procedimentos adotados ao longo de sua coleta e após, para caminhar para as reflexões que abrem outras portas para as pesquisas, (6) trará as considerações e contribuições da pesquisa, com resultados e reflexões do trabalho que será realizado.

Entre as caminhadas trilhadas para a materialização da presente pesquisa existem marcos que se tornam essenciais para entender-se as pegadas desenhadas

em busca de constituir o estudo, então parte-se da ideia que o ato de investigar solicita determinadas abordagens e que guarda em si segredos que somente ao longo das andanças serão revelados. Ao longo de cada pegada existiram ensinamentos que, sem estes, não haveria como assumir a missão de escrever acerca do que está presentes nas linhas que virão. Ciente de que haveria uma significativa omissão - *de passos, sentimentos e possibilidades*- acreditei na necessidade de reservar entre uma reflexão e outra um espaço para contar as andanças que marcaram pontos essenciais na teia que é o movimento de se fazer pesquisa.

Pretende-se, nas linhas que virão, evidenciar as práticas de sujeitos amazônidas ativistas que se articulam para enfrentar problemáticas socioambientais às quais assolam as realidades do espaço urbano de Belém, mostrando assim a necessidade de desenvolver-se uma distinta maneira de se enxergar o ambientalismo realizado por meio destes ativismos urbanos, afinal emerge das miudezas que compõem a Região Amazônica, composta por uma rede densa de epistemes singulares, produzidas por sujeitos históricos, que desenvolvem suas próprias centralidades e não podem ser encaixados em debates perfunctórios e generalizadores.



## II PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

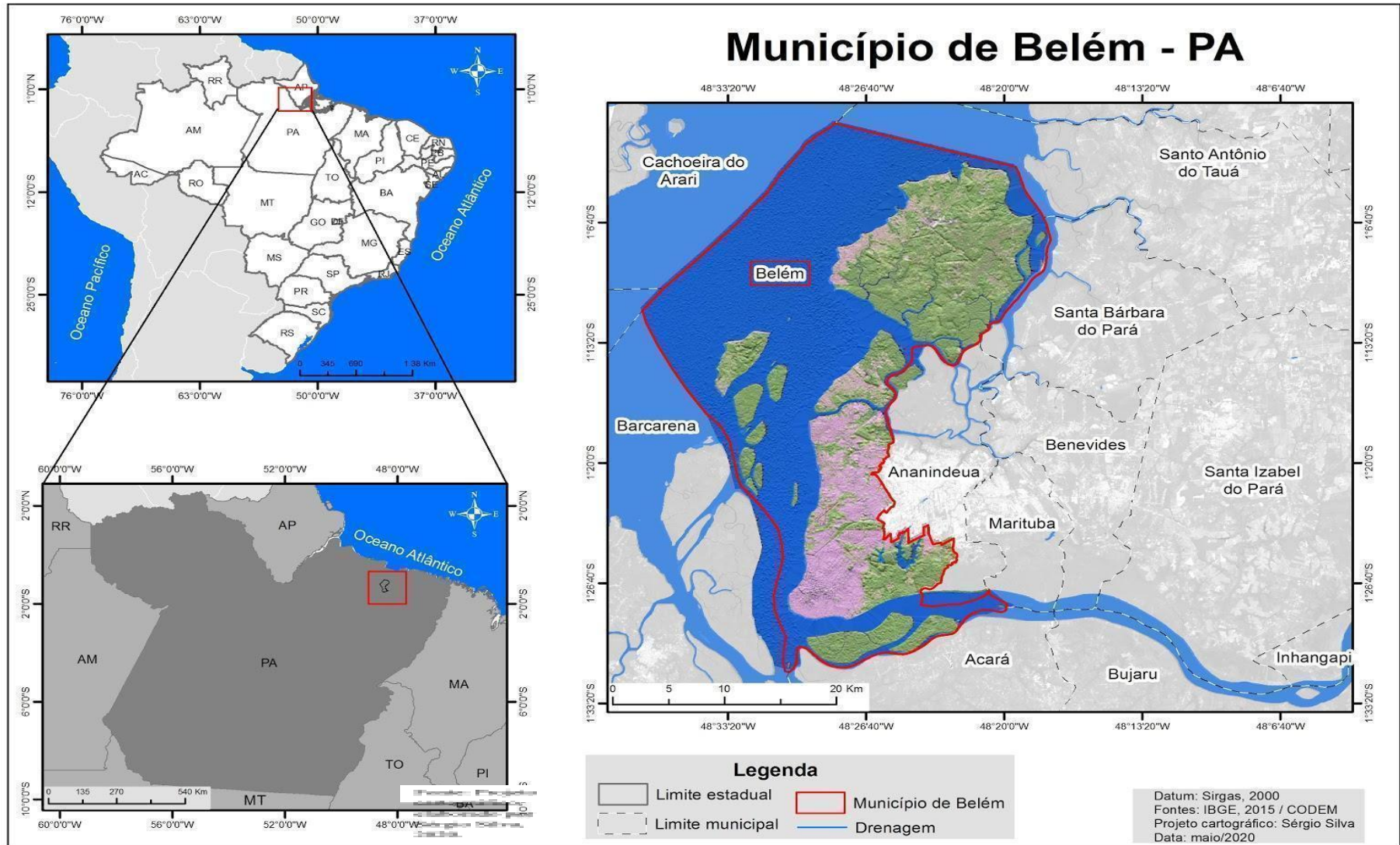
## **2.1 Contextualização do lócus de pesquisa, objeto e sujeitos**

O local em que o estudo ocorreu está intercalado com os espaços estabelecidos para a realização das reuniões e mobilizações desenvolvidas pelo grupo EngajaÉGUA, núcleo local da ONG Engajamundo, então será delimitado como lócus a cidade de Belém-PA (figura 04), que teve suas problemáticas socioambientais sinalizadas na parte inicial desta pesquisa.

Conhecer a história do movimento, sua construção e consolidação, exigiu caminhar por narrativas que estiveram presentes na gênese da sua criação, solicitando determinado mergulho sobre os fatos históricos que se articularam para se desenhar a atual estrutura do grupo. Partindo desta caracterização do objeto, foram considerados como sujeitos da pesquisa 15 jovens de um total de 50, com idades entre 18 e 24 anos, integrantes do movimento, tendo como critério para entrevista os sujeitos que compõem o grupo a mais de um ano, pela quantidade de vivências, experiências e reuniões que estes jovens participaram.

Apesar das comunidades atingidas pelo movimento e antigos participantes fazerem parte da história e do desenvolvimento do grupo, esta pesquisa selecionou trabalhar com as visões dos jovens que compõem o movimento na atualidade buscando abarcar a complexidade das mudanças vivenciadas pelos mesmos em relação aos contextos que foram configurados recentemente em setores políticos, sociais e econômicos do Brasil e do mundo, intercalando na mesma proporção com as memórias e saberes dessas juventudes amazônicas que constroem o movimento ambientalista no Estado do Pará.

Figura 04: Município de Belém-PA, 2020.



## 2.2 Caracterização do tipo de pesquisa

Assume-se ao longo desta pesquisa a abordagem qualitativa que, de acordo com Chizzotti (2003), pretende analisar dimensões, partindo do pressuposto que existem verdades múltiplas, não podendo se enxergar o mundo a partir de uma única lente, afinal existem realidades singulares. Godoy (1995) mostra que a pesquisa qualitativa não se limita a quantificar os fatos estudados ou implementar análises que se situam em dados voltados para empregar passos instrumentais. A abordagem qualitativa trilha para trazer pautas que ao longo do processo investigativo caminham para afunilar o interesse, contemplando o uso de dados que buscam descrever sujeitos, espaços e interações, tendo a intenção de visualizar realidades a partir das lentes que as vivenciam. A autora aponta que a abordagem valoriza e prioriza a relação entre pesquisador e a realidade em que se propõe a investigar, levando em conta que é essencial trazer-se todos os dados e aprofundar-se nesses fatos, afinal de contas a pesquisa qualitativa leva em consideração de importância de olhar-se para os distintos pontos em que fenômeno ocorre, não se limitando a dados fragmentados e sim observando as particularidades do todo. Ou seja,

Os pesquisadores qualitativos estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados ou produto. O interesse desses investigadores está em verificar como determinado fenômeno se manifesta nas atividades, procedimentos e interações diárias. Não é possível compreender o comportamento humano sem a compreensão do quadro referencial (estrutura) dentro do qual os indivíduos interpretam seus pensamentos, sentimentos e ações. (GODOY, 1995, p. 63).

Com isto é possível afirmar que a pesquisa qualitativa realiza análises que consideram as dimensões sociais, históricas, econômicas e psicológicas como um ponto de partida para a realização de investigações, não podendo ser resumida a um conjunto de passos a serem trilhados para se obter dados, afinal está contemplada a necessidade de entender-se o caminho metodológico como uma das etapas essenciais para alcançar-se os objetivos do estudo.

Partindo deste viés, é essencial pontuar que esta pesquisa teve propriedade inicialmente **exploratória**, pois mesmo na condição de já existirem diálogos e estudos acerca da temática, existem dados que foram coletados e produzidos pela pesquisa para se reconhecer os sujeitos, os contextos, o lócus e as especificidades que caracterizam o Engajamundo na cidade de Belém, por conta da carência de documentos, publicações e dados em geral que respaldassem a pesquisa em quesitos referentes à realidade do grupo de maneira mais particular.

Após assumiu o caráter **descritivo** buscando investigar, dialogando com os dados produzidos de maneira específica, através dos grupos focais, por estar em conjunto com as discussões mais gerais que foram estabelecidas anteriormente as quais visam estudar Ativismos Urbanos a partir da Ong Engajamundo, sendo assim o autor Triviños (1987) coloca que o estudo descritivo não se minimiza a fases como a coleta, ordenação, classificação dos dados, já que anteriormente será feito o levantamento bibliográfico que norteiam a fundamentação dos conceitos que são articulados na presente pesquisa.

Para inserção no campo será realizada a metodologia pesquisa participante, em que se pode reconhecer o pesquisador como neutro, como se fosse intocável e não social, afinal, segundo Oliveira e Oliveira (1981), este é uma soma e produto das problemáticas e contextos, com seus valores e costumes que fluem das relações e interligações que estabelece nas suas vivências.

Itaborahy (2013) assume que este tipo de pesquisa transforma a percepção do investigador pois traz em sua essência a necessidade de construir-se um caminho que está para além de passos metodológicos cíclicos baseados em dogmas, afinal fazer-se desenvolve-la é abrir-se para a entrada de distintos sentidos atribuídos ao estudo, sem estar necessariamente amarrado ao incansável ato de busca por conceitos e teorias, afinal a participante estabelece uma abertura para os sentidos atribuídos ao mundo que, em sua maioria, ainda não são alcançáveis pelas metodologias que priorizam dados e colocam em segundo plano as experiências que podem emergir da pesquisa.

Neste sentido, a pesquisa participante requer que, de acordo com Severino (2010), o pesquisador assuma o papel de observar os fenômenos e, simultaneamente, participa, inteiramente, das atividades desenvolvidas pelos sujeitos da pesquisa, interagindo e compartilhando em diversas situações, construindo descritivamente os dados observados assim como as suas impressões durante o processo de participação. Brandão (2006) leva a refletir acerca das necessidades de realizar-se um movimento de diálogo com outras epistemes ao propor-se uma pesquisa participante em contextos que a realidade ocidental não abarca, partindo para construir-se diálogos além dos moldes estabelecidos pelas amarras coloniais. O autor situa que:

Alguns estudiosos da história cultural da América Latina lembram mesmo que entre os anos 60 e 80, pela primeira pensadores e ativistas sociais situados entre a Argentina e o México, exportam para o outro lado do Rio

Grande e do Atlântico teorias e metodologias de ações fundadoras dos movimentos populares, da educação popular, da teologia da libertação e da tradição latino-americana da pesquisa participante. E a que pesquisa participante surge no bojo destes acontecimentos e quase sempre à margem das universidades e de seu universo científico, embora parte de seus principais teóricos e praticantes provenha delas e nelas trabalhem. Apenas alguns anos mais tarde, e com resistências, algumas teorias e práticas da pesquisa participante ingressam no mundo universitário latino-americano e de modo geral, mais pelo trabalho de estudantes e raros professores também ativistas de causas sociais, do que pelo de docentes e pesquisadores de carreira. (BRANDÃO, 2006, p.08).

Emergindo de espaços e movimentos de resistências, a pesquisa participante na América Latina revela dimensões acerca do ato de investigação a partir do Sul Global, afinal vem a interrogar as práticas anteriores, realizando o ato de questionar instrumentos que não abarcavam saberes e vivências advindas de contextos os quais as ferramentas de pesquisas não conseguiam alcançar devido suas limitações epistemológicas e metodológicas.

Brandão (2006) apresenta que a pesquisa participante surge com o intuito de ampliar as frentes de leitura sobre o ato de participar, podendo mensurar em duas perspectivas, sendo a primeira ligada com a possibilidade de que os sujeitos não limitam-se apenas ao ato de atuarem somente a nível secundário na construção da pesquisa, ao contrário, na pesquisa participante estes são vistos como centrais e contribuem diretamente no seu desenvolvimento, afinal é a partir das ações dos sujeitos que pode-se acessar dimensões essenciais que trazem criticidade e se traçar caminhos para a investigação. Ou seja, é participante pois abre espaços para construções com sujeitos, que contribuem diretamente trazendo suas vivências, leituras e interpretações para a problemática investigada. A segunda perspectiva releva a dimensão de que:

A própria investigação social deve estar integrada em trajetórias de organização popular e, assim, ela deve participar de amplos processos de ação social de uma crescente e irreversível vocação popular. Uma articulação de ações de que a pesquisa participante é um entre outros instrumentos. Um instrumento científico, político e pedagógico de produção partilhada de conhecimento social e, também, um múltiplo e importante momento da própria ação popular. Esta alternativa de investigação social é "participante" porque ela própria se inscreve no fluxo das ações sociais populares. Estamos em uma estrada de mão dupla: de um lado a participação popular no processo da investigação. De outro, a participação da pesquisa no correr das ações populares. (BRANDÃO, 2006, p. 10-11).

Considerando a pesquisa participante como uma ferramenta para ampliar os alcances do ato investigativo através da visão que assume a existência de múltiplas dimensões, as quais são de suma importância para a pesquisa, é notável que esta

gera diálogos que estruturam metodologias que propõem o rompimento dos abismos existentes entre os conhecimentos que emergem da vida e de fluxos estabelecidos pela ciência. É como Brandão (2006) apresenta: um ato de ir de vir. Há mãos de sujeitos na construção da pesquisa. Há mãos advindas das pesquisas no que se desenrola nos passos dados pelos sujeitos em sociedade. O autor reflete sobre como o ato de propor-se a construir uma pesquisa participante também é, em paralelo, um ato de coragem, justamente porquê:

Nesta e em boa parte das abordagens qualitativas na pesquisa social, eu descobro que sou confiável. Posso proceder assim porque posso confiar em mim mesmo e, não apenas, nos instrumentos que coloco entre eu e os meus “objetos de pesquisa”. Posso confiar em minha memória, em minhas palavras e nas de outros, meus interlocutores. Posso confiar neles “para mim”. Para efeitos do processo e produtos de um trabalho científico que eu controlo, interpreto e uso em meu favor. Na pesquisa participante parto de um duplo reconhecimento de confiança no meu “outro”, naquele que procuro transformar de “objeto de minha pesquisa” em “co-sujeito de nossa investigação”. Devo confiar nele, tal como na observação participante, na qualidade de meu interlocutor, aquele que no dizer de si-mesmo, desenha para mim os cenários de vida e destino que pretendo conhecer e interpretar. Mas devo ir além, pois devo criar com ele e em seu nome (bem mais do que no meu próprio) um contexto de trabalho ao ser compartilhado em pleno sentido, como processo de construção do saber e como produto de saber conhecido e posto em prática através de ações sociais de que ele é (ou deveria ser) o protagonista e, eu sou (ou deveria ser) o ator coadjuvante. (BRANDÃO, 2006, p. 28).

Por meio da pesquisa participante se assume a importância da troca de fluxos, da dialogicidade como ferramenta de produção, do estar presente como um movimento que possui o objetivo de mergulhar em distintas realidades. Há de assumir-se o ato de confiar, não somente no material, mas do simbólico, no que guarda-se enquanto pesquisador e no que se produz como sujeito criador das dimensões que ambos virão a conhecer. Com isso, esta pesquisa busca estudar o seu objeto visando reconhecer as pluralidades que circundam e fazem-se presentes nas relações entre ser humano e meio ambiente, interpretando as relações e individualidades que interligam os ativistas do Engajamundo com o movimento ambientalista que surge na cidade de Belém.

### **2.3 Etapas e procedimentos da pesquisa**

Conhecer os aspectos teóricos e metodológicos que embasam esta pesquisa torna-se uma imersão essencial para compreender-se os caminhos trilhados de acordo com as necessidades do objeto. Cabe ressaltar que os processos trilhados

aqui estão inseridos em um contexto ímpar da realidade vivida pela sociedade: a pandemia do COVID-19. Em outros tempos, os desdobramentos tomados pela investigação viriam a pretender assumir outras formas de ir a campo, coletar e interagir para alcançar os objetivos situados como metas a serem alcançadas. Todavia, não há como analisar um objeto sem olhar o que está passando ao seu redor e devido a este fato houve consideráveis adaptações na forma como foram desenhados os passos pelos quais se pretende percorrer.

A questão é que devido a pandemia algumas interações e produções de dados se tornam inviáveis e como alternativa trouxe-se para o ambiente virtual as formas e possibilidades de seguir produzindo conhecimento, dessa maneira cabe ressaltar que antes do período pandêmico já haviam sido realizadas as entrevistas exploratórias, assim como uma parcela dos momentos essenciais para a imersão na observação participante, ocorrendo de forma online por meio da plataforma *Google Meet*, as coletas de dados com os sujeitos da pesquisa. Neste viés, foram adotados os seguintes procedimentos para construção do estudo:

### 2.3.1 Levantamento bibliográfico e levantamento documental

A base bibliográfica foi desenhada a partir de conceitos que se articulam e juntam-se para a interpretação do objeto desta pesquisa. Foi essencial debater-se sobre Movimentos Sociais em suas dimensões voltadas para entender-se os desdobramentos históricos que desenharam o que se sabe atualmente sobre estas manifestações em escalas globais e nacionais, direcionando após a reflexão para analisar as interligações entre a Ciência Geográfica e os estudos voltados para as questões ambientais. Neste sentido, em cada categoria usou-se as seguintes referências para estabelecer-se diálogos:

**Quadro 2- Fontes bibliográficas**

CATEGORIAS	AUTORES QUE DESENHAM O DEBATE
<i>Belém e Amazônia</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Trindade- Junior (1998).</li> <li>- Abelém (1988).</li> <li>- Corrêa (1987).</li> <li>- Meira Filho (1976).</li> <li>- Moreira (1966).</li> <li>- Penteado (1968).</li> <li>- Queiroz (2019).</li> </ul>

<i>Movimentos Sociais, ativismos e Organizações Não-Governamentais</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Gohn (1997;2008).</li> <li>- Viana (2016).</li> <li>- Souza (2019).</li> <li>- Melucci (1989).</li> <li>- Pedon (2013).</li> <li>- Moraes (2003).</li> <li>- Lacoste (1993).</li> <li>- Santos (2004).</li> <li>- Carlos (2007).</li> <li>- Oliveira (2016).</li> <li>- Souza e Rodrigues (2004).</li> <li>- Pedon (2013).</li> <li>- Souza (2019).</li> </ul>
<i>Movimento Ambientalista</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Cruz (2017).</li> <li>- Santos (2010).</li> <li>- Leff (2013).</li> <li>- Porto-Gonçalves (2011;2005).</li> <li>- Pádua (1997).</li> <li>- Cunha e Coelho (2003).</li> <li>- Silva, Neves e Martins (2011).</li> <li>- Souza (2019).</li> </ul>
<i>(In)justiça Ambiental</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Alier (2007).</li> <li>- Souza (2019).</li> <li>- Acsehrad (2010).</li> </ul>
<i>Escalas</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Castro (1995).</li> <li>- Filho (2015).</li> <li>- Grandi (2019).</li> <li>- Moore (2018).</li> <li>- Silveira (2020).</li> <li>- Soeterik (2015).</li> </ul>

Fonte: Elaboração a partir da construção da base bibliográfica da pesquisa,2021.

Já a pesquisa documental teve suporte, para entender-se a cidade no plano diretor de Belém (2008), e houve também a busca em acervos do Engajamundo, através de um processo baseado em encontrar fontes que dão suporte para o movimento. Neste sentido foram selecionadas fontes de diferentes segmentos a nível nacional e local para subsidiar a pesquisa, como pode ser visto na tabela a seguir:

**Quadro 3: Fontes documentais do Engajamundo**

<b>LOCAL DE PRODUÇÃO</b>	<b>FONTES</b>
<i>Engajamundo a nível nacional</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Site “Engajamundo.org”.</li> <li>- Regimento interno de 2019.</li> <li>- MOB (Manual de Orientações Básicas do movimento).</li> <li>- Carta de Valores do Engajamundo.</li> <li>- Relatórios de encontros nacionais</li> </ul>

	<p>realizados em: 2014, 2015, 2016, 2017 e 2019.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Relatórios de Encontros Regionais realizados em 2018.</li> <li>- Relatório da Campanha “Engaja na Amazônia”.</li> <li>- Pesquisa coletiva da Ong chamada “Visão das Juventudes do Engajamundo para o Desenvolvimento do Brasil”.</li> </ul>
<i>EngajaÉGUA (Núcleo Local de Belém do Pará)</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Atas internas</li> <li>- Regimento interno com estrutura do grupo atual</li> <li>- Projetos de metodologias de formação</li> <li>- Relatórios de participação em ações</li> <li>- Agendas de atividades do ano de 2015 até 2020.</li> </ul>

Fonte: Elaboração a partir da construção da busca documental, 2021.

Através deste caminho teórico e documental foi possível desenhar os passos da pesquisa em diálogos entre autores e a realidade estudada para enfatizar dados e ao mesmo tempo estabelecer pontes com debates já traçados na literatura.

### **2.3.1 Pesquisa de Campo: entrevistas exploratórias e aplicação de metodologia para gerar dados**

A produção de dados ocorreu por meio da observação participante, que pode ser reconhecida como uma espécie de participação ativa no campo de pesquisa, assim como a realização de entrevista científica, uma técnica qualitativa, que segundo Gil (2008), pode ser caracterizada como uma maneira de estabelecer interação social, sendo assim além de uma fonte de informação um veículo para coletar dados. Importante frisar que os relatos coletados pela observação participante serão inseridos em formato de relatos antes de iniciar-se cada capítulo desta pesquisa, em formato de narrativa sobre a imersão em campo.

Em seguida iniciou-se as entrevistas exploratórias as quais, como situam Quivy e Campenhoudt (2005), consistem em possibilidades de contato com o objeto que leituras e buscas documentais não revelam, alargando assim a visão acerca dos fenômenos pesquisados, de maneira que trazem para o investigador particularidades que não conseguiria alcançar sem esta ferramenta. Estas entrevistas assumem o papel de encontrarem rastros e percursos, sem possuírem a necessidade de destinar uma gama de perguntas a quem está sendo entrevistado,

afinal trazem as características da flexibilidade e liberdade de transitar por temas distintos, ou seja, não partimos de questionamentos profundamente precisos para que haja abertura de expressão do sujeito, ampliando a possibilidade de trazer universos e desdobramentos ímpares ao debate.

Segundo Quivy e Campenhoudt (2005), grandes problemas metodológicos podem surgir dentro de investigações quando este momento da produção é negligenciado. Dessa forma, esta fase foi realizada com doze sujeitos que compõem a rede Engajamundo em segmentos e setores distintos, tendo o objetivo de conhecer estruturas e ideias que circulam na organização.

Com o início da pesquisa exploratória e o movimento de reunir informações sobre o Engajamundo na cidade de Belém, exigiu-se deslocamentos para outras localidades, tanto dentro do Estado, como em Altamira e Alter do Chão, quanto para fora, na cidade de São Paulo. Esses momentos foram essenciais para conhecer o objeto da pesquisa justamente por possibilitar vivenciar o cotidiano dos ativistas do movimento e assim coletar dados que emergem a partir de diálogos rotineiros, surgindo destas oportunidades o conhecimento sobre a história do grupo na Amazônia, sua fundação e articulação nacional, que são apresentados ao longo da dissertação.

Os sujeitos que participaram da pesquisa exploratória foram: Ativista Local da cidade de Belém e Fundador do Núcleo; Fundadora do Engajamundo no Brasil; articuladora que auxiliou nos processos de construção do movimento em Belém.

As entrevistas foram realizadas em contextos distintos o que proporcionou uma gama de discursos e pontos de percepções complexos. Quivy e Compenhout (2005) indica que essas entrevistas não possuem o intuito de trazer debates ou objetos específicos, mas que pretendem ampliar os alcances das leituras acerca do objeto, permitindo o surgimento de novas análises e questionamentos. É a busca de ler o que há entre linhas, desvendar as visões ocultas para se trilhar novos passos para a pesquisa. É, justamente, ter o discurso como guia.

Neste sentido, cabe ilustrar com os seguintes quadros a necessidade de trazer as narrativas dos sujeitos para o momento exploratório voltado para entender a construção do movimento em Belém, divididos em dois grupos geradores pois os diálogos foram estabelecidos em duas vertentes: conhecer o processo de fundação do NL de Belém e entender a articulação do movimento, buscando dados sobre a inserção do grupo na dinâmica nacional. Segue o esquema:

Figura 05: Entrevistas sobre fundação do NL de Belém.



Fonte: Elaboração própria a partir da pesquisa exploratória, 2020.

Após essa fase, se iniciou o momento de realizar a coleta dos dados com os 15 jovens ativistas selecionados para compor esse momento, funcionando por meio de grupos focais que emergem a partir de palavras-mundo destinadas a analisar as particularidades do movimento socioambiental em sua dimensão urbana. Primeiro, cabe situar que, segundo Gaskell (2002) as entrevistas de abordagem qualitativa devem objetivar dialogar com as realidades, cientes de que há dimensões distintas as quais não podem ser colocadas em segundo plano no processo de produção do conhecimento.

Gaskell (2002) mostra que é preciso assumir cuidados para se efetivar uma compreensão aprofundada acerca dos mundos em que os sujeitos estão imersos, sendo essencial analisar as respostas considerando as aberturas que estas possibilitam, não assumindo que o entrevistador deve manter-se pacífico diante do processo de diálogo, respaldando que o ato de entrevistar requer mergulhar em trocas e falas as quais ambos os lados, de quem realiza a entrevista e de quem vem a concedê-la, façam parte do processo de construção do entendimento. Ou seja, o ato de entrevistar clama por movimentos de busca por dividir e interagir.

Acerca dos grupos focais, cabe afirmar que de acordo com o autor supracitado, há outros aspectos que emergem, afinal o entrevistador passa a assumir o papel de responsável pela mediação entre as partes. Uma característica essencial dos grupos focais é justamente a possibilidade de emergência dos relatos coletivos, afinal, em contato com as narrativas assumem gênese de caráter social, ao invés de somente trazer percepções individuais. Usou-se nesta pesquisa a produção de dados dessa forma devido:

Em sua essência, a pesquisa mostra que o grupo, distinto de determinado número de pessoas em um mesmo local, é mais do que a soma das partes: ele se torna uma entidade em si mesma. Ocorrem processos dentro dos grupos que não são vistos na interação diádica da entrevista em profundidade. A emergência do grupo caminha lado a lado com o desenvolvimento de uma identidade compartilhada, esse sentido de um destino comum presente quando dizemos-nos. Um grupo pode se subdividir em facções que confrontam seus próprios pontos de vista e opiniões. A interação do grupo pode gerar emoção, humor, espontaneidade e intuições criativas. As pessoas nos grupos estão mais propensas a acolher novas idéias e a explorar suas implicações. Descobriu-se que os grupos assumem riscos maiores e mostram uma polarização de atitudes -um movimento para posições mais extremadas. Com base nestes critérios, o grupo focal é um ambiente mais natural e holístico em que os participantes levam em consideração os pontos de vista dos outros na formulação de suas respostas e comentam suas próprias experiências e as dos outros. (GASKELL, 2002, p. 75-76).

Sendo assim os grupos possibilitam para a presente pesquisa o ato de captar os contatos, as dinâmicas e alterações que surgem no decorrer dos processos de entrevistas grupais, além dos fatores ligados a ter acesso em emoções que na frente voltada para relatos individuais não seriam possíveis de acessar como são quando a dimensão grupal se faz presente. Para situar e subdividir as coletas de dados a partir dos grupos focais, foram feitos três grupos menores, cada um contendo cinco jovens ativistas, em que o debate foi situado de acordo com as palavras- mundo destinada a cada agrupamento. Estas palavras - *a saber: mobilização, vivências e estratégias*- surgiram de acordo com a pesquisa exploratória e são as que se fazem presentes nas articulações do EngajaÉGUA, ou seja, cada temática irá gerar um debate ao qual se desdobrará em narrativas coletivas sobre cada aspecto colocado para o grupo.

A questão é que, por meio das palavras- mundo, com base em Freire (1989), torna-se possível acessar realidades e diálogos para entender a dimensão da realidade sem considerar visões fechadas sobre os fatos, dinâmicas e práticas, caminhando por outra trajetória que se configura como primazia para interpretar-se

os aspectos que virão a emergir das interações. Após este momento, os três grupos virão a se tornar apenas um, no intuito de estabelecer um debate sobre *ativismos urbanos*. Durante o processo o pesquisador irá assumir o papel de mediador e será essencial que seja um processo fluído e dinâmico, por isso optou-se por buscar adotar o uso da Plataforma Google Meet, pois possibilita uma interação online em que o sistema de bate-papo pode ser adaptado de acordo com as ocasiões, havendo como projetar vídeos e imagens, além de compartilhar tela e ter um espaço para bate-papo simultâneo. Diante disso, o fluxo dos grupos focais pode ser visualizado no esquema a seguir:

Figura 06: Fluxograma sobre a dinâmica dos grupos focais.



Fonte: Elaboração própria a partir da esquematização da coleta de dados, 2020.

É essencial frisar que todos os participantes dessa pesquisa foram informados por meio do Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) de que o participante teria total conhecimento de seus direitos enquanto voluntário deste projeto, e que serviu de fonte de dados para esta pesquisa. No termo, é garantido o completo anonimato dos voluntários, assim como, a livre vontade de prosseguir ou continuar na pesquisa, sem qualquer tipo de punição ou prejuízo. Sendo as informações coletadas mantidas em completo sigilo, como as identidades dos informantes, a menos que a autorização do contrário seja consentida pelos portadores delas. Como coloca a resolução n° 510, do dia 7 de abril de 2016, no 2°

artigo, no primeiro parágrafo, o assentimento livre e esclarecido possibilita o ressaltado de que haverá respeito aos direitos do ser humano, frisando a transparência das particularidades da pesquisa buscando informar e transparecer os objetivos que permeiam este estudo.

Enquanto pesquisadora pretendo frisar aos participantes a importância e significados que a pesquisa irá trazer para a sociedade, disponibilizando acesso aos objetivos do estudo e esclarecendo dúvidas que possam ocorrer ao longo do contato, priorizando a construção de um diálogo que reconheça as particularidades, realidades e saberes dos indivíduos que contribuem para o desenvolvimento da pesquisa acadêmica.

## **2.4 Sistematização e análise de dados**

Com a entrada em campo usou-se como método para coleta de dados a observação participante, que ocorreu nas reuniões e ações do EngajaÉGUA, assim como será usada as entrevistas por meio de grupos focais, em que as perguntas serão dispostas de maneira livre com a intenção de encontrar nos resultados as devidas informações que favoreçam o alcance dos objetivos da pesquisa, estando a pesquisadora exercendo um papel de mediadora dos processos e diálogos que virão a emergir.

O método que trilha os debates estabelecidos por esta pesquisa é a dialética, em que, de acordo com Marconi e Lakatos (2003), o mundo é analisado na perspectiva que há agrupamentos de maneiras distintas de realizar dinâmicas. Sendo assim:

Segundo Engels (In: Politzer, 1979:202), "para a dialética não há nada de definitivo, de absoluto, de sagrado; apresenta a caducidade de todas as coisas e em todas as coisas e, para ela, nada existe além do processo ininterrupto do devir e do transitório". Nada é sagrado significa que nada é imutável, que nada escapa ao movimento, à mudança. Devir expressa que tudo tem uma "história". Tomando como exemplo uma maçã e um lápis, veremos que a maçã resulta da flor, que resulta da árvore - macieira - e que, de fruto verde, a maçã passa a madura, cai, apodrece, liberta sementes que, por sua vez, darão origem a novas macieiras, se nada interromper a seqüência. (MARCONI E LAKATOS, 2003, p. 103).

Portanto, a dialética vem no intuito de analisar as trajetórias e metamorfoses que ocorrem constantemente na sociedade, trazendo a lógica de que todos os

processos passam por movimentos de modificação, evidenciando então a perspectiva da não existência de verdades absolutas, mas abrindo portas de possibilidades que criam alterações.

Segundo Gil (2008) a dialética possibilita o surgimento de uma apreciação total da realidade, afinal defende que as conjunturas que se desdobram a partir do social não podem ser lidas de forma isoladas, mas trazendo para as interpretações fatos que envolvem a existência de contextos distintos envoltos nos quadros políticos, socioeconômicos e afins, o autor ainda cita que a dialética, na vertente discutida por Hegel, leva em consideração o fato de que as convicções sobreleva em relação ao material, havendo então o enfoque embasado no idealismo. Gil (2008) mostra que Karl Marx e Friedrich Engels compuseram um alicerce em que levavam em consideração a materialidade como primeira antes de ler o que está além, pensamento este que vai em caminho oposto que foi estruturado por Hegel.

A questão é, ainda de acordo com o autor supracitado, que as interrogações realizadas pelo Materialismo Histórico se converteram para algo além de pensamentos e deram origem ao método. Gil (2008), traçou então três elementos essenciais da dialética, sendo estes:

- a) *A unidade dos opostos.* Todos os objetos e fenômenos apresentam aspectos contraditórios, que são organicamente unidos e constituem a indissolúvel unidade dos opostos. Os opostos não se apresentam simplesmente lado a lado, mas num estado constante de luta entre si. A luta dos opostos constitui a fonte do desenvolvimento da realidade.
- b) *Quantidade e qualidade.* Quantidade e qualidade são características imanentes a todos os objetos e fenômenos e estão inter-relacionados. No processo de desenvolvimento, as mudanças quantitativas graduais geram mudanças qualitativas e essa transformação opera-se por saltos.
- c) *Negação da negação.* A mudança nega o que é mudado e o resultado, por sua vez, é negado, mas esta segunda negação conduz a um desenvolvimento e não a um retorno ao que era antes (GIL, 2008, p. 13).

Neste sentido, cabe assinalar que os princípios esquematizados pelo autor demonstram que os objetos precisam ser analisados sob uma ótica em que leve-se como instrumento de interpretação a ideia que estes são compostos por dimensões que trazem contradições, aspectos qualitativos que também podem ser vistos pelo viés quantitativo assim como o oposto desta lógica é possível, além de ponderar sobre as transformações por meio do negar e neste sentido criar em cima do que já era existente, mas nunca regressar a sua essência de outrora, ou seja, é um processo de construção visando o prosseguimento.

Lakatos e Marconi (2003) situam outra maneira de ler os princípios da dialética ao não definirem uma quantidade exata de fundamentos, enumerando então quatro leis que devem guiar as análises, sem enfatizar uma ordem fixa para o uso das mesmas, sendo elas: o fato de que todos os aspectos e contextos interagem e relacionam-se, havendo também o aspecto da dos cambios que a transformação possibilita, bem como traz o prisma sobre as questões qualitativas e as transfigurações que desencadeia por meio da transição do quantitativo para a face que envolve a qualidade, situando em seguida os contextos que envolvem os conflitos presentes nas relações entre os opostos.

Sobre a aplicação do Método na pesquisa, Sposito (2003) mostra que pensar uma investigação que caminhe pelas trajetórias propostas pela crítico-dialética exige refletir sobre os pressupostos que envolvem o objeto, apontando que não se deve adotar meios onde a produção de dados se envolva apenas com análises voltadas para a quantidade, sendo essencial trazer e avaliar os aspectos históricos e narrativas, priorizando desvelar confrontos e analisar as mudanças pelas quais a sociedade passa. Sposito (2003) ainda acrescenta que é preciso considerar os movimentos e as relações estabelecidas entre a natureza e o ser humano, visualizando as alterações que a ação causa na realidade. O autor além do mais desenha interligações entre a pesquisa envolta pelo método e a Geografia, apontando que há de trazer aspectos os quais as prioridades sejam levar a história como elemento essencial para analisar-se os passos e trajetórias, sabendo também da importância em ler-se conflitos e trazendo a necessidade de conhecer as relações existentes entre o objeto e o sujeito.

Depois da organização dos dados houve a análise dos mesmos, por meio da narração e interpretação dos significados encontrados ao longo da investigação, que quando adentrei no movimento e passei ter vivências dentro do grupo, conhecer as causas e reivindicações do grupo em Belém, tendo dessa forma como etapa seguinte deste processo investigativo a pesquisa exploratória objetivando levantar dados sobre o movimento, ocorrendo após esta fase a dinâmica dos grupos focais com os sujeitos, tendo como última etapa das análises o tratamento dos dados, criando diálogos entre as falas dos entrevistados e interpretações que assegurem a essência dos dados para projetá-los para uma significativa contribuição para a pesquisa científica.





*Estou aqui justamente por uma história - a minha história que é a soma de tantas outras- repleta de caminhos que me trouxeram.*

*Nesses entremeios, entre reflexões teóricas e análises, deixarei vir a história que me levou ao lugar de saber que além de ativista também precisava me tornar pesquisadora para assim estabelecer diálogos entre o que se vive e a produção de conhecimento.*

*O ativismo ambiental chegou em mim como uma necessidade para existir antes mesmo de ter em mente o que significava ser. Sempre costumo dizer que quem é ativista sente o problema de forma diferente, borbulha algo dentro em busca de solução, na procura por justiça.*

*Essa trajetória não começou com um grande anseio por querer salvar o mundo, discursar em grandes conferências, ter reconhecimento, ele iniciou quando me peguei perguntando, aos 8 anos de idade, qual o motivo de minha pele não ser tão clara quanto a das demais crianças.*

*A questão ambiental me atravessou quando me vi tendo que passar três horas no transporte público de Belém, em pé, tanto para ir, quando para voltar da universidade. Me transpassou quando não pude mais sair sozinha de noite, quando a única refeição durante o dia era a oferecida pelo Restaurante Universitário da Universidade do Estado do Pará, ou pelas inúmeras vezes que, sozinha, precisei segurar dores que outros corpos não sentem, quando o desemprego assola minha casa e vi os meus sucumbindo.*

*Quando tive que velar meu pai, morto por falta de leito em uma UPA, uma das milhares de vítimas do descaso diante da pandemia do Covid-19.*

*O que me faz ativista não é a possibilidade do pódio, da visibilidade, é a dor que me traz até aqui. É saber que para muitos eu não deveria ter direito a estudar, a viver, a escrever minha própria história.*

*Trazer esses fatos, duros, grossos, sem rodeios, é a forma de lhe mostrar, leitor, a profundidade do que tenho a contar.*

*A injustiça ambiental me fez ser ativista, sem me dar margens para escolher outro caminho.*



### III

(Re)pensar realidades socioambientais: conflitos, injustiças e respostas



O objeto desta pesquisa é pensado a partir da **Geografia Ambiental**, afinal esta propõe uma dinâmica de análise que pretende superar as dualidades metodológicas e epistemológicas das investigações que trazem questionamentos relacionados com as relações existentes entre natureza e sociedade.

Segundo Souza e Candiotto (2019), essa assume a missão de romper as fragmentações que assolam os saberes sobre nossas articulações e conexões com a Terra. A intenção é justamente trazer para pauta os vínculos que existem entre os impasses que emergem de áreas da Geografia, como a Física e Humana, sem desvalorizar um conhecimento em detrimento do surgimento de questionamentos acerca da validade de outro, aspirando assim efetivar diálogos entre estes para enfim se elaborar uma forma de lançar-se um olhar ao mundo em que as questões, realidades e vivências não sejam desmembradas. A questão é que:

Os currículos foram mais e mais espelhando uma tendência crescente à especialização e mesmo ao ensimesmamento ou à insularização de ramos específicos: dentro da “Geografia Física”, geógrafos interessados em Geomorfologia, Climatologia, Pedologia, Biogeografia e Hidrologia cada vez menos intercambiavam entre si, e muitas vezes o diálogo com colegas de outras áreas (Geologia no caso da Geomorfologia, Meteorologia no caso da Climatologia, e assim sucessivamente) se tornou mais importante que as articulações internas à chamada “Geografia Física”; e o mesmo passou a valer para aqueles geógrafos versados em Geografia Urbana, Agrária, Econômica, Política, Cultural, Histórica etc., os quais, crescentemente, passaram a conversar menos entre si e mais com colegas sociólogos, economistas, antropólogos, cientistas políticos ou historiadores, a depender do ramo da Geografia em questão. A fragmentação, com isso, vem prosperando para muito além da velha dicotomia “físico”/“humano”. É toda uma visão de totalidade a respeito da compreensão e do estudo da Terra como morada humana que passou a ficar visivelmente comprometida.” (SOUZA E CANDIOTTO, 2019, p. 20).

Ou seja, a Geografia Ambiental objetiva trazer um conhecimento acerca da questão socioambiental que não setoriza saberes, mas evidencia-os para que possamos perceber uma gama de escalas em que as visões sobre o mundo estão interligadas, sendo que esta não pode ser considerada como um braço- *ou um ramo, como os autores sinalizam*- pois se torna um equívoco tratarmos de delimitar seu alcance. No fim das contas, pode-se tratá-la como uma perspectiva, um enfoque, que surge do ato de criar possibilidades para vislumbrar a abertura de novos passos a serem trilhados quando se pretende embarcar nas análises acerca das mais distintas realidades.

A noção de Ambiente nesta pesquisa é o trilhada por Souza (2019) que designa a ideia de este ser a *'totalidade'*, englobando todos os conjuntos de vidas e materiais, estando em formas de encontrar-se formas de desenvolver (re)significados a realidade, de sentir e estar nos mundos, ou seja, é a maneira de se transformar a natureza por meio das articulações e conexões estabelecidas em sociedade. O Ambiente não está externo ao ser, afinal é também a própria existência.

Partindo deste diálogo, o autor situa que ambiente está para além da reflexão embasada na natureza intocada- *uma perspectiva que desconsidera os processos sociais que são estabelecidos, levando como verdade a necessidade de analisar o meio ambiente somente em sua forma material*- já que é essencial levar em consideração as relações sociais.

Partindo desta ideia, o presente capítulo tem o objetivo de desenhar o quadro teórico da pesquisa, sendo dividido em conexões de debates que compõem a análise do objeto, trazendo conceitos essenciais que possibilitam a interpretação das categorias primordiais.

### **3. 1 O ambiental para além do colonial**

Quando se realiza o movimento de refletir-se sobre as heranças deixadas pelas experimentações advindas do período colonial há, na maioria das vezes, de acordo com Cruz (2017), o equívoco de acreditar-se no fato deste ser um passado que guarda consigo todas as mazelas que lhe desenhavam, todavia o término dos processos que estabeleciam o regime de domínio não significou as quebras das amarras coloniais que estavam incrustadas em distintos segmentos da sociedade. Ler a coloniedade exige enxergar os distintos efeitos, obstáculos e limitações que esta representa, afinal é possível senti-la:

Manifestando-se das mais variadas maneiras em nossas instituições políticas e acadêmicas, nas relações de dominação/opressão, em nossas práticas de sociabilidades autoritárias, em nossa memória, linguagem, imaginário social, em nossas subjetividades e, conseqüentemente, na forma com produzimos conhecimento. (CRUZ, 2017, p. 15).

Se a colonialidade surge como uma imposição para obedecer-se a uma única visão de se estar, vivenciar, produzir mundos e está pautada, como sinaliza o autor no trecho seguinte, em um regime de contaminar e obliterar as raízes dos grupos que não estão dentro das normativas estabelecidas pelo saber dominante- aquele

produzido a partir de uma lógica eurocêntrica. Existem distintas formas e mecanismos de estabelecer a manutenção desta lógica e se materializam por meio da colonialidade do poder, do saber, do ser e da natureza.

Segundo Cruz (2017), estas formas de dominação não se limitam apenas a uma possibilidade de controlar sujeitos. Para além do ato de dominar, cria-se uma realidade em que se nega o direito de existir a pluralidade de se estabelecer relações com o meio, de produzir-se saberes, silencia-se as possibilidades de viver-se em sociedade e a até mesmo limita-se a própria interpretação da essência do ser- e como *EU se enxerga no MUNDO*- estejam curvadas diante de uma única visão sobre a vida, que se configura:

sobretudo, a intenção do colonizador de eliminar “as muitas formas de conhecer” (e viver) dos povos subjugados e colonizados e substituir por outras novas formas de conhecer (e viver) que serviam diretamente aos propósitos dos processos civilizatórios do regime colonial (CRUZ, 2017, p-17).

Sabendo que a colonização é um processo que busca obliterar episteme, propõe-se como resposta o movimento de realizar-se um “giro descolonial”, o qual, como situa Cruz (2017), propõe-se a (re)pensarmos as particularidades dos colonizados, caminhando-se para a busca de retornar-se e resgatar origens, visões e trilhar-se uma história que não seja única, mas que vislumbre abarcar nuances e miúdos que constituem a individualidade. Neste viés:

O giro decolonial inaugura novas perspectivas epistemológicas, teóricas, metodológicas com grandes implicações éticas e políticas no pensar e fazer geográfico como um todo. Por outro lado, as categorias, os conceitos e as noções geográficas têm sido incorporados pelos(as) autores(as) do pensamento descolonial de forma parcial e precária reduzindo a geograficidade a metáforas espaciais. Categorias e conceitos como espaço, território, lugar, escala etc. são de grande potencial cognitivo e político para renovação do pensamento crítico e para ampliação e enriquecimento dos estudos descoloniais. Contudo seu uso precisa ultrapassar o sentido metafórico e ganhar consistência teórico-metodológica capaz de considerar a geograficidade como um elemento essencial em termos ontológicos e epistemológicos para compressão de nossas sociedades. (CRUZ, 2017, p-30).

Para criar-se e realizar-se o giro é preciso, diante do ato interpretar territórios e lugares, comprometer-se em superar as amarras coloniais que em diversos cenários acabam encabeçando análises realizadas sobre a sociedade. E é diante deste compromisso que as linhas que virão serão pautadas, buscando realizar distintos esforços para que a descolonização seja um ato que revele Práticas Outras

através de territorialidades que emergem dos que resistem ao padrão estabelecido pela lógica colonial.

De acordo com Porto-Gonçalves (2002) na atualidade deparamo-nos com as urgências que surgem a partir das demais formas de lógicas construídas através das especificidades que estão para além do eixo ocidental, diante disto as pessoas as quais estas ferramentas de silenciamento afetam suplicam e lutam cotidianamente na linha de frente das estruturas firmadas pela racionalidade que leva em consideração a existência de uma superioridade do conhecimento imperialista, o qual objetivou esmagar outras possibilidades de criação e existência.

O autor aponta que é a partir desta ideia de dominação que surge a colonialidade da natureza, a qual se baseia em limitações impostas para as relações estabelecidas com o meio, nas quais se reduz as alternativas ao que é visualizado como correto pelo pensamento colonial, reduzindo as possibilidades de existências e significados as necessidades de quem domina, se tornando irracional as demais configurações apresentadas por grupos que estão fora das normativas estabelecidas. Neste sentido, as lógicas que analisam a natureza como algo para além de ser engolida e rendida, são consideradas formas de viver que não dialogam com o conveniente a ser executado, sendo então violadas e apagadas como formas legítimas de existirem.

Segundo Porto-Gonçalves, juntamente com esse processo de obliteração surgem questões para além de problemas físicos ambientais, como desmatamento e estrangulamento do uso de recursos naturais, por exemplo, afinal também surgem processos de deslegitimação de territorialidades, como o caso de indígenas e quilombolas, os quais não perdem apenas o direito a terra mas também a sua relação com suas raízes e o direito a “ser” no sentido de que a natureza também se configura, em suas racionalidades, como parte da materialidade e essência humana.

A partir desta introdutória conceituação cabe ampliar o debate em rumo ao entendimento das questões ambientais no intuito de realizar diálogos entre frentes-chaves para o entendimento do contexto histórico e social de onde emergem as problemáticas que baseiam esta pesquisa. Entre essas categorias fundamentais há a noção de **conflito ambiental**, a qual Acserald (2004) define como sendo o confronto entre distintos significados criados a partir das relações estabelecidas com o meio, que surgem de diversos grupos e os quais não possuem a mesma interpretação e conseqüentemente desenvolvem heterogêneas formas de sentir e ler

a realidade, ou seja, a partir do encontro com o diferente, do que não parte do mesmo lugar para enxergar o uso do meio e as significações sobre recursos como os naturais, surgem estes conflitos. O autor aponta que esta reflexão é primordial e indissociável do debate ambiental ler-se a dimensão conflitante, afinal estabelecer exercício contrário a isto é como retirar da natureza a sua amplitude social e esvaziar o conflito de sua extensão natural.

Diante disso, Godinho, Viana, Rosa e Zhouiri (2016) assinalam que o conflito ambiental pode passar por processos de busca por soluções com as partes mas dificilmente se chegará em uma resolução concreta, já que a raiz da questão problemática ainda permanecerá, todavia se busca como solução institucionalizar esses conflitos como uma forma de dar conta das demandas que surgem, fato este configurado como mais uma tentativa reducionista e paliativa para os problemas apontados pela população em relação ao quadro ambiental, dando-se uma solução que ao mesmo tempo é somente uma forma de mostrar cenários com benefícios com a instauração desse mecanismo. Sendo assim:

O projeto neoliberal se consolidou no Brasil após a década de 1990 e com isso surgiram incentivos e investimentos em grandes projetos de infraestrutura, tais como: hidrelétricas, mineração, portos e outros. Essa perspectiva desenvolvimentista manteve a premissa do crescimento econômico no aporte do desenvolvimento sustentável, com o aval da sociedade civil organizada que não percebeu os riscos desse consentimento. Contudo, esses grandes projetos mostraram ser geradores de diferentes tipos de conflitos, principalmente os conflitos ambientais. Diante disso, o conflito ambiental se dá através de expropriações ou de impactos ambientais que impedem comunidades excluídas do projeto de desenvolvimento de manterem suas formas de reprodução socioculturais e socioambientais. Essas comunidades possuem formas diferentes de ver o mundo que as contrapõem aos grandes projetos. São normalmente quilombolas, grupos indígenas, pequenos agricultores, vazanteiros, geraizeiros, caiçaras (GODINHO et al, 2016, p. 8).

Em um cenário de conflitos ambientais gerados a partir de processos de silenciamento de manifestações dos saberes e entre outras questões, é evidente que com grandes infraestruturas externas se intensificam os confrontos e surgem outros advindos do processo de expandir o alcance neoliberal.

Perpassando as reflexões, é essencial trazer o conceito de **(In)justiça Ambiental**, como um movimento para lutar-se pela existência de ambientes, já que este leva a pensar as ações que são desenvolvidas pelo objeto desta pesquisa: A Ong Engajamundo na cidade de Belém, no Pará, a partir da Amazônia.

Neste sentido, de acordo com Leff (2013), é preciso partir da premissa que a sociedade está vivenciando uma crise ambiental, que traz consigo questões profundas que revelam o fato deste desequilíbrio também enfatizar problemáticas nas entranhas do sistema neoliberal, apontando a existência de uma crise também civilizatória, descortinando a decadência das estruturas hegemônicas, que usam de diversos mecanismos para continuar perpetuando o ciclo de manutenção do poder.

Uma vertente construída a partir dos pressupostos e interesses das classes dominantes acerca da crise, segundo Acsehrad (2008), leva a acreditar que a questão ambiental está estritamente interligada com a escassez de recursos para a produção e alimentação do sistema, retirando do debate as consequências voltadas para ideias que nascem a partir de reflexões sociológicas, levando então a ação equivocada de se pensar ambiente em uma linha de raciocínio restrita em relação ao que de fato é exigido para refletir-se acerca da temática.

E esta percepção gera consequências nefastas aos diálogos que se estabelecem na sociedade acerca da relação entre sociedade e natureza, levando-se a incorporar verdades pregadas pelo mercado- e o *modelo de (des)envolvimento que defende e impõe*- com suas necessidades de expansão. Em vista disto:

das três convenções internacionais criadas a partir da Conferência da ONU sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, a Rio-92- mudança climática, diversidade biológica e desertificação- somente as duas primeiras receberam maior atenção da comunidade internacional, por interessarem diretamente aos países ricos. O tema da seca e desertificação, que preocupa seriamente os países menos desenvolvidos, foi deixado de lado. Essa combinação entre uma concepção socialmente homogênea da questão ambiental e estratégias neoliberais vem constituir o pensamento ecológico dominante nos meios políticos, empresariais e nas agências multilaterais. Assim, de um modo geral, o debate ecológico deixa de interpelar o conteúdo do modelo de desenvolvimento, naturalizando-se seus pressupostos atuais em três âmbitos: acerca do que se produz, de como se produz e para quem se produz. (ACSELRAD et al., 2008, 14-15).

As consequências da constituição e implementação deste ecologismo geram impactos diretos à determinados grupos que, diante das estruturas que moldam o padrão de (des)envolvimento, recebem sobre seus corpos e realidades o aumento expressivo e desigual de possibilidades em serem afetados pelos riscos que emergem da crise ambiental.

É neste cenário que surge a necessidade de pensar-se em movimentos pela Justiça Ambiental.

Acseirad (2010) diz que as mobilizações estabelecidas por este debate perpassam por distintas pautas que se combinam para reivindicar e modificar as estruturas que percorrem pela luta, de onde emergem a própria busca de novos significados sobre o quadro ambiental atual.

A discussão sobre essa temática surge quando determinados grupos sociais são atingidos com maior intensidade pelos problemas ambientais que outros, ou seja, alguns sujeitos estão propícios, devido ao sistema atual vigente na sociedade, a sofrerem com os efeitos e consequências que a ação do ser humano vem desencadeando na atualidade. A Justiça Ambiental busca então mergulhar nas problemáticas levando em consideração as desigualdades sociais, denunciando a ideia de que alguns ambientes se sobrepõem a outros, ou seja, os ambientes dos sujeitos que estão dentro da normativa defendida pelo capitalismo, que são dominantes e hegemônicos, realizam movimentos de, a grosso modo, engolir as particularidades *-envoltas por saberes e práticas-* que se diferem das suas perspectivas e percepções sobre como se deve estar e sentir o mundo. Ou seja:

As lutas por justiça ambiental, tal como caracterizadas no caso brasileiro, combinam assim: a defesa dos direitos a ambientes culturalmente específicos – comunidades tradicionais situadas na fronteira da expansão das atividades capitalistas e de mercado; a defesa dos direitos a uma proteção ambiental equânime contra a segregação socioterritorial e a desigualdade ambiental promovidas pelo mercado; a defesa dos direitos de acesso equânime aos recursos ambientais, contra a concentração das terras férteis, das águas e do solo seguro nas mãos dos interesses econômicos fortes no mercado. Mas cabe ressaltar também a defesa dos direitos das populações futuras. E como os representantes do movimento fazem a articulação lógica entre lutas presentes e “direitos futuros”? Propondo a interrupção dos mecanismos de transferência dos custos ambientais do desenvolvimento para os mais pobres. Pois o que esses movimentos tentam mostrar é que, enquanto os males ambientais puderem ser transferidos para os mais pobres, a pressão geral sobre o ambiente não cessará. (ACSELRAD, 2010, P. 114).

Portanto, os problemas ambientais atingem diretamente determinados grupos enquanto outros não sentem os riscos revela uma dimensão social na qual alguns não possuem direitos, levando - *em consideração questões de gênero, raça e classe-* em detrimento desta lógica. Souza (2019) fala da (In)justiça Ambiental e situa-a como sendo formas distintas que as exposições e desigualdades atingem os sujeitos, indo além de uma visão restrita quando pontua que existem formas hegemônicas de uso/produção do espaço e que isto incide diretamente na

distribuição dos recursos e impactos ambientais, assinalando ainda que todos esses processos perpassam por recortes distintos de acordo com as estruturas que mantêm a hierarquia na sociedade.

Partindo desta breve reflexão, o objeto desta pesquisa se caracteriza como uma ONG de cunho socioambiental, cabe trazer para a base desta investigação o conhecimento acerca do **Ambientalismo**. Quando se avança nas questões relacionadas com este movimento é necessário retornar-se para conhecer as raízes que foram fincadas no passado e projetaram o que hoje em dia caracteriza-o.

O ambientalismo, de acordo com Alier (2007), pode ser lido a partir de três correntes que desenharam os pensamentos, métodos e ações e análises que envolveram as questões ambientais. Primeiramente se instaurou o pensamento voltado para o “culto à vida silvestre” inteiramente voltada aos cuidados para preservar a natureza em sua dimensão intocada, sem levar em consideração os fatores que envolvem contextos sociais, como a ação do ser humano diante do espaço, se baseando na biologia ligada com os valores conservadores, mantendo-se com o foco em tratar questões que envolvem a população em suas dimensões relacionadas com o crescimento exacerbado e os efeitos disso no meio.

Em seguida Alier (2007) apresenta a corrente do “credo da ecoeficiência” a qual traz o sentido da possibilidade da materialização de um desenvolvimento sustentável voltado para abordar questões econômicas e a padronização da natureza diante disto com o grande intuito de padronizar as formas de lidar com o ambiente, trazendo reflexões voltadas para além da produção industrial, já que sinaliza a importância do uso excedido dos recursos.

Em diálogo com os debates levantados pela justiça ambiental, há a terceira corrente, ligada com a possibilidade da evidenciação de uma Ecologia dos Pobres, a qual discute pautas que anteriormente não estavam sendo tocadas, não fragmentando os debates ambientais dos contextos sociais e históricos, tratando também sobre os cenários ligados com desigualdades, como Alier (2007) sinaliza, e entre outras mazelas resultantes dos conflitos que emergem das mais distintas escalas de opressão.

A ecologia dos pobres trata sobre como o modelo de desenvolvimento está diretamente ligado aos problemas ambientais, trazendo o fato de como isso afeta os mais vulneráveis, os que não possuem poder, revelando então um esquema de exploração tanto de recursos naturais como de outras fontes essenciais para

sobrevivência - *direito ao seu ambiente, a pluralidade e diversidade, ao existir* - dos sujeitos que estão no Sul Global.

A questão é que além de serem sucateados e violentados, são estes que recebem sobre seus corpos e territórios o peso das consequências advindas da predação gerada através do ciclo de dominação imposto pelo capital.

Esta corrente está para além de ser um movimento apenas de denúncias, mas também se destaca ao trazer alternativas para soluções a partir da base, dos pobres, afinal estes trazem possibilidades de se estar no mundo diante das calamidades impostas pelo sistema, fato este que se apresenta como um processo de resistência com ensinamentos, estratégias, leituras e articulações que podem apresentar saídas para a crise ambiental já instaurada.

Outra leitura acerca dos ambientalismo é a apresentada por Pádua (1997), em que se consegue evidenciar o estético, com origem na Arte, tendo o objetivo de construir novas relações entre as questões culturais e a natureza. Vê-se também o ambientalismo de vertente científica, que emerge dos debates das ciências sociais e naturais; há também o ambientalismo ético, advindo de pensadores que se debruçaram em compreender os pontos de convergência e divergência na relação entre sociedade e natureza.

O ambientalismo de cunho político, como enfatiza Pádua (1997), também necessidade ser citado, afinal está ligado a um movimento para além das dualidades que reverberam dentro das corridas partidárias, comportando assim visões que priorizam as demandas coletivas para traçar destinos, indo a fundo - *a partir de um olhar crítico- nos* impasses ambientais que surgem dos sistemas adotados e postos factualmente na sociedade.

Estas análises levam também a repensar quais os pontos de partida do ambientalismo, onde se iniciou este caminho e assim por diante. Afinal de contas, *de onde veio este movimento?*

Na Europa em meados dos anos 60, segundo Cascino (2000), surgiram dúvidas e questionamentos sobre o sistema, pois a sociedade passou a exigir e lutar por modificações, embalada por emblemas relacionados ao rock, liberdade e força de expressão, pelo direito de ter voz e autonomia, enfrentando as condições que o ser humano vivia na época, indo contra a opressão e a injustiça que embalavam as estruturas do sistema que regia a sociedade até aquele momento.

Havia assim, um convite mundial para todos se engajarem em busca de conhecerem o “eu”, com o objetivo de se levantarem de suas realidades, após sentirem suas essências, entranhas, virtudes e história, para olharem para os lados, desvendarem o que há além de si, e dessa forma lutam por ideais que prometeram a mudança que era tão falada e desejada.

Dessa união de pensamentos e ações surge o ambientalismo daquele contexto, emergindo do movimento hippie, do rock-and-roll, feminismo, drogas e liberdade sexual, no reconhecimento de culturas, da mulher, do negro, indígena, operário e homossexuais, das minorias em geral, estabelecendo-se como campo de luta.

Este trajeto possui como um dos estopins a eclosão da II Guerra Mundial (1939) onde houve a intensificação do risco nuclear e da fomentação de diversas contaminações químicas, favorecendo assim a construção de um quadro mundial que acarretava diversos prejuízos sociais, econômicos, políticos e ambientais. Cunha e Coelho (2003) colocam que em 1972, fatos essenciais para a solidificação das lutas ambientalistas foram estabelecidos, como a divulgação do relatório do Clube de Roma e, no mesmo ano, a realização da Conferência de Estocolmo. Em vista disto, foram desencadeadas novas visões sobre o meio ambiente, a sociedade e as formas de se estabelecer relações com os recursos e pontos que estimulam a degradação ambiental.

Esta conferência foi um marco para as políticas ambientais, fortificando e confirmando que a educação é uma estrada necessária para solução dos desníveis ambientais, levantando questões sobre formação de professores e discutindo metodologias para se intensificar a implantação de Educação Ambiental em diferentes países e realidades. As problemáticas relacionadas à crise ambiental se intensificaram e fizeram surgir a necessidade de novas mobilizações mundiais em prol da causa. Desta forma, mobilizações ambientalistas marcaram as discussões e ações sobre a temática, como a divulgação do relatório Brundtland, em 1987, o conhecido “Nosso futuro Comum”, havendo também a realização da Rio-92 e a Conferência Global em Kyoto, no ano de 1977.

Diante destes fatos, somos levados a acreditar que o Norte Global esteve sempre à frente destas discussões, implementando inovações e levando para os demais pontos do globo alternativas de salvação.

Todavia, existem evidências que comprovam o fato do Brasil, ainda no período colonial, ter sido um dos territórios pioneiros de onde emergiu o ambientalismo político. Pode-se afirmar isso com base no trecho da “Representação à Assembléia Geral Constituinte e Legislativa do Império do Brasil sobre a escravatura”, manifestada pelo deputado José Bonifácio:

A Natureza fez tudo a nosso favor, nós porém pouco ou nada temos feito a favor da Natureza. Nossas terras estão ermas, e as poucas que temos roteado são mal cultivadas, porque o são por braços indolentes e forçados; nossas numerosas minas, por falta de trabalhadores ativos e instruídos, estão desconhecidas, ou mal aproveitadas; nossas preciosas matas vão desaparecendo, vítimas do fogo e do machado destruidor da ignorância e do egoísmo; nossos montes e encostas vão se escalvando diariamente, e com o andar do tempo faltarão as chuvas fecundantes, que favoreçam a vegetação e alimentem nossas fontes e rios, sem o quê o nosso belo Brasil em menos de dois séculos ficará reduzido aos páramos e desertos áridos da Líbia. Virá então esse dia (dia terrível e fatal), em que a ultrajada natureza se ache vingada de tantos erros e crimes cometidos. (SILVA; NEVES; MARTINS, 2011, p. 180-181)

Isso nos revela uma face do ambientalismo que emerge da periferia, contrariando com fatos impostos pelo sistema colonial que impõe amarras em quem pode produzir e quem deve assumir o papel de receptáculo, afinal, *como poderia emergir tal movimento de um território que não compõe o dito primeiro mundo?*

Souza (2019) enfatiza que a trajetória do ambientalismo não é una, citando as diferenças existentes entre a realidade do movimento no Brasil e nos Estados Unidos, trazendo assim a necessidade de ler-se as especificidades de cada localidade por meio de mergulhos na História de dados contextos, afinal de contas os lugares revelam saberes, culturas e caminhos políticos que ocasionam as marcas das diferenças. Dessa forma pode-se dizer que a gênese do ambientalismo se apresenta por meio de uma soma de pensamentos e mobilizações sociais. Cabe-se afirmar então que não há a existência de ambientalismo, mas sim de *ambientalismos*, no plural, com toda a diversidade de correntes, origens, objetivos, valores e vertentes ideológicas.

Na realidade do Brasil, é importante frisar três fatores que foram fundamentais para a intensificação dos debates socioambientais, segundo Porto-Gonçalves (2011), pois intercalam entre ações tomadas pelo Estado para atrair instituições internacionais para o Brasil, sendo que estas tinham passado por adequações nas suas estruturas devido os anos 60 e a valorização de novos princípios, estando dentro deles a questão da defesa do meio ambiente, a relação e

conexão entre homem e natureza, dessa maneira para passarem a compor a rede de atuação financeira no Brasil, para então mudar o quadro apresentado pelas autoridades da época onde “a pior poluição de um país é a miséria”, as instituições faziam exigências referentes ao cuidado com o meio, culturas e comunidades, surgindo para cumprir com a condição diversos órgãos na realidade da sociedade brasileira. Outros fatores apresentados pelo autor é a consolidação de movimentos no país que defendiam questões ambientais e o retorno dos exilados pela Anistia.

De acordo com Porto- Gonçalves (2011), a falta de uma homogeneidade, e até mesmo de um determinado grupo fechado que aciona as bandeiras do ambientalismo, não se torna um obstáculo para o desenvolvimento de reivindicações e mobilizações a partir do movimento, longe disso, já que é justamente nesta pluralidade e diversidades que residem as estruturas mais preciosas do ambientalismo. A multiplicidade de lentes as quais este movimento pode ser lido aqui representa uma gama de lutas que compõem reinvenções constantes da maneira como o ser humano enxerga, produz e articula as mobilizações pelas pautas socioambientais.

### **3. 2 Articulações diante de conflitos e injustiças: A distribuição desigual de problemas ambientais e as Organizações Não- Governamentais na Amazônia**

Fatores como o consumismo e dicotomia entre Natureza x Sociedade, combinados com a política desenvolvimentista, trouxeram consequências nefastas como a crise ambiental planetária em que para compreender-se esta questão é fundamental percorrer cenários que configuram o quadro ambiental mundial, que ocasionaram o surgimento de ONGs como o Engajamundo e entre outras ações que foram tomadas ao longo da história para que houvesse maneiras de se amenizar, a favor do resgate, proteção do meio ambiente e participação da sociedade.

Entender cidades remete a levar em consideração a dimensão social e analisar os tempos que levaram ao atual, considerando em paralelo a isto as relações/interações geracionais e até mesmo as relações socioambientais que se materializam no espaço.

Prossegue-se então o debate acerca do conceito utilizando Souza (2001), assinalando que a partir da urgência de criar algo que contemplasse suas necessidades, a sociedade criou o urbano, transformando assim a natureza para

desenvolver instrumentos, por meio do trabalho, que pudessem ser considerados ampliações do próprio ser. Todavia, não cabe apenas trazer a dimensão da mudança que a ação causa, mas também a existência de outras questões que vieram com base nestas criações, afinal não há como declarar que o urbano é o projeto o qual traz consigo a plenitude da humanidade em seus mais distintos âmbitos. Por isso, devido a processos de opressão, que também estão contaminados por divergências e negações, inúmeras sociedades marcam suas trajetórias com pegadas de dominação, fatos estes que comprovam a questão de as cidades não serem reduzidas a uma única verdade, mas assumir, paralelamente, que delas emergem confrontos e paradoxos.

Surgindo dessas opressões visualiza-se a necessidade de trazer a perspectiva de práticas socioespaciais de resistência para entender-se as mobilizações feitas a partir de outras origens que se diferem epistemologicamente do que é ditado pelo sistema neoliberal. Ribeiro (2018), sinaliza que essas práticas são respostas à homogeneização que o capitalismo instaura, em que os seres se convertem em objetos de serventia ao sistema, desconsiderando uma série de dimensões que envolvem a realidade, instaurando suas dicotomias e produzindo espaços a partir de uma única lente, tentando obliterar da sociedade a diversidade de saberes, práticas e vivências. As práticas interrogam os mecanismos de padronização e revelam outras formas de se estar/criar no mundo. Neste sentido:

A condição de obrigatoriedade da resistência na contemporaneidade já revela que vivemos uma contínua luta pelo espaço, pois retoma aquilo que nos foi expropriado significa ocupar e se apropriar dos produtos do trabalho realizado socialmente, bem como construir uma renovada forma de produção e gestão. Em outras palavras, ao considerarmos que a produção espacial é condição, meio e produto da reprodução social, esses produtos são formas espaciais que vão desde a casa até a cidade e são lugares onde realizamos como humanos na reprodução da vida. (RIBEIRO, 2018, p. 57).

Portanto, vivenciar cotidianamente o processo de luta revela o surgimento de práticas das mais distintas que evidenciam estratégias de se desenvolver outras formas e significados ao urbano, construindo alternativas às sequências de padrões que Ribeiro (2018) coloca como sendo ferramentas de interditar corpos e até mesmo comprometer a sobrevivência do que se difere das regras impostas pelos marcos reguladores, ou seja, para seguir no espaço o ser faz da resistência uma prática espacial, transparecendo conflitos que emergem das indagações ao projetado nos espaços.

Existem construções de processos para resistir diante destas questões urbanas, os quais são articulados pela Sociedade Civil, como traz a visão que Souza (2019), quando trilha a diferença entre Movimentos Sociais, Ações Coletivas e Ativismos Sociais.

A ideia de Movimento Social, se direciona para assinalar a dimensão de articulação pela modificação das estruturas da sociedade em seu âmago, enquanto as Ações Coletivas são orientadas para uma dimensão em que as reivindicações não assumem que exigem rigor, em que Souza (2019) sinaliza como sendo em muitos momentos até influenciadas e manobradas por políticos, destinando os objetivos e interesses a determinados caminhos onde reinam determinadas ideias cultivadas pelos mesmos, já os Ativismos Sociais assumem o caráter sistematizado e compartilhado, diferenciando-se neste sentido das Ações Coletivas que não contemplam estas características e quando a fazem é em sentido restrito. Ou seja, como Souza e Rodrigues (2004) mostram, é possível ler todos os movimentos sociais como ativismo, mas que o oposto não é plausível.

É neste sentido que surgem os movimentos nas cidades com intuito de lutar por um espaço colaborativo, como é o caso dos Movimentos Sociais Urbanos, como forma de trazer alternativas e (re)significados. Pedon (2013), debate que os movimentos sociais não se tornam urbanos pelo fato de ocorrerem nas cidades, pois precisam estar articulados com a busca pela transformação das estruturas que regem o sistema que vigora em tal espaço, pretendendo até mesmo desencadear alterações nas relações existentes entre o Estado e as lutas que são travadas pelos sujeitos, que objetivam alcançar anseios articulados com as questões de classe.

Neste viés também surgem os Ativismos Sociais, de acordo com Souza e Rodrigues (2004), em que decorrem sobre a temática levando em consideração dimensões que envolvem o planejamento das cidades, as caminhadas traçadas pelos ativismos nestes espaços e até mesmo as novas frentes de articulação que surgem no urbano como estratégia para movimentar-se e questionar normativas.

Parte-se da ideia dos ativismos serem formas de trazer alternativas para se criar/viver o urbano e que o planejamento não é a única possibilidade de resolução para as crises vivenciadas neste espaço. Os autores trazem que os ativismos sociais e os movimentos sociais são meios pelos quais a sociedade se articula para se fazerem atuantes na construção da realidade que desejam vivenciar. Souza e

Rodrigues (2004) realçam a pluralidade de ativismos que podem existir ao discorrerem as diversas pautas que podem ser geradoras deles.

Além dos movimentos, ativismos e ações coletivas também é possível encontrar mobilizações que surgem a partir das Organizações Não-Governamentais, como é o caso do Engajamundo. Pode-se definir ONG por:

O termo non-governmental organization (NGO), tradução em português "organização não governamental" (ONG), originou-se nas Organizações das Nações Unidas- ONU, para designar, pela primeira vez, organizações com atuação em escala internacional. Em 1950, a resolução 288 do Conselho Econômico e Social (ECOSOC,) definiu ONG no âmbito das Nações Unidas como sendo "uma organização internacional a qual não foi estabelecida por acordos governamentais". (BRASIL, 2007, p. 38)

Ghanem (2012) debate que determinadas ONGs surgiram a partir de um coletivo com objetivo de buscar articulação diante de suas pautas, as quais possuem ampla escala temática, com demandas e planejamentos, dessa forma não há uma única forma pré estruturada de organização, afinal são diversas as mobilizações que podem surgir a partir da sociedade civil e configurar-se enquanto ONG. Carneiro e Caneparo (2010) discutem que a sociedade vem desenvolvendo formas de estar presente em espaço de participação em busca de defesa de suas realidades e pela mudança, em determinados sentidos, desta. Assim surgem as ONGs, no intuito de gerar possibilidades de atuação, articulando para que haja os recursos e estruturas solicitados para concretizar mudanças.

Ferreira (2005) enfatiza que devido a multiplicidade das ONGs a própria nomenclatura limita o entendimento sobre as organizações e seus objetivos, afinal este apenas revela uma não consonância com o estado. O autor sinaliza que em diversos sentidos se lê estas organizações a partir de uma lente superficial, já que:

De fato, do ponto de vista jurídico, não existe diferenciação para as chamadas ONGs. A legislação brasileira só prevê dois tipos de organizações privadas não-lucrativas - as fundações e as associações (CICONELLO E LARROUDÉ, 2002). É certo, porém, que existem substanciais diferenças entre as ONGs e os clubes, igrejas, sindicatos, cooperativas e demais tipos de organizações sem fins lucrativos. As ONGs, entendidas como organizações que tem como objetivos a promoção da cidadania, a defesa de direitos humanos e a luta pela democracia política e social, possuem peculiaridades que geram a necessidade de proposição de modelos de gestão diferenciados. (FERREIRA, 2005, p. 38).

Portanto, essa pluralidade solicita uma estrutura a ser desenvolvida de acordo com suas necessidades, logo, não existe como haver apenas um modelo de realizar a gestão desses grupos para articulação. Ferreira (2005) situa que as ONGs

nasceram no Brasil a partir das necessidades da sociedade ao longo da ditadura militar, quando então se buscou alternativas para atuação para além das já existentes no período.

Gohn (2013) então trata sobre o fato de que ao longo deste momento o sentido de ONG estava ligado com uma estrutura de suporte aos grupos que estavam na linha de frente da luta estabelecida no momento de ameaças e busca por democracia, sendo um objetivo movimentar para tonificar articulações que estavam na base. Neste momento as denominadas ONGs militantes, como Gohn (2013) aponta, tiveram forte mobilização por questões sociais com profunda articulação com a busca por enfatizar a criação de estruturas e espaços participativos e democráticos. Em virtude disso:

Suas características eram similares aos movimentos populares: enraizamento na sociedade, participação mística estimulada por ícones emblemáticos (como a cruz), crítica e rebeldia, disciplina organizativa, formas de luta social priorizando os espaços na sociedade civil, pouca relação e interlocução com órgãos públicos institucionalizados, e uso recorrente de práticas de desobediência civil, ou práticas não circunscritas à legalidade instituída. (GOHN, 2013, p. 245).

É neste escopo de aproximação com a realidade da população em geral que se construiu essa frente de organização, mobilizando-se, diretamente, como a autora apresenta, a uma frente fechada ao diálogo com o estado. Todavia, mesmo com as características das ONGs serem ligadas com a esta firme oposição, estas foram extremamente necessárias para desenvolver-se pontes para ligações com a sociedade e as figuras estatais. Ou seja:

o final daquela década as ONGs militantes passaram a enfrentar um dilema: participar ou não das novas políticas sociais estimuladas pelo Estado. O processo Constituinte e a promulgação da nova Constituição brasileira em 1988 representou um divisor de águas, o grande momento de inflexão e de ruptura com a tradição até então predominante: ser contra o Estado. Uma nova concepção de participação iniciou sua construção, unindo a democracia direta à democracia representativa. Tratava-se de participar de um novo momento político que era a definição das formas de gestão dos equipamentos e serviços, a definição e implantação das Leis Estaduais e Municipais, a construção dos diferentes Conselhos e Câmaras de interlocução do Estado com a sociedade. Participar da gestão dos direitos em suma. Não se contentar em estar incluído na lei, via um direito adquirido, mas lutar para sua operacionalização e gestão. (GOHN, 2013, p. 247).

Alguns anos a frente, em meados de 90, a autora mostra que há a expansão temática da atuação civil, dessa forma diversificou-se as frentes de atuação, criando-se então os grupos ligados com a ideia de terceiro setor, com suas configurações advindas de entidades e entre outras instituições empresariais, em

paralelo a ampliação de de ONGs ligadas com perspectivas ideológicas e militantes. Importante sinalizar, como a autora enfatiza, que este movimento fez as ONGs saírem da retaguarda que as colocava apenas no papel de suporte para o desenvolvimento de movimentos sociais, assumindo o papel então de também protagonistas dos cenários em que circulavam, com caráter emancipatória em relação a dependências que antes eram essenciais, como a relação envolvida com os movimentos. Gohn (2013) diz que as ONGs se caracterizam como uma parte marcante da configuração do que representa o setor terciário, recaindo então no debate voltado para a diversidade de atuação destas em diferentes segmentos da sociedade, com planejamentos, metas e ações direcionadas para o caminho de execução ligadas com suas estratégias.

A autora sinaliza a existência, ao longo dos anos 90, de ONGs que tinham caminhos trilhados pela cultura de participação ligada com movimentos com práticas mais emancipatórias, enquanto outras assumiram o papel pragmático, próximas de uma execução planejada para atender a demandas estratégicas mercantilistas, as quais não possuem vínculo com movimentos de base, como comunidades, surgidas então de atitudes vindas grupos mais voltados para lugares como o financiamento internacional, entre outras formas de existências para além da interligada com a parcela da sociedade que assume papel militante.

Gohn (2013) aponta que diante dessa amplitude se expandiu também as áreas de atuação destas organizações, as quais se configuraram como estratégias voltadas para trabalhar com diferentes públicos, expandido assim a dimensão do alcance das ações construídas, afinal:

Novas pautas foram introduzidas tais como a de se trabalhar com os excluídos sobre questões de gênero, etnia, idades etc. Os novos tempos, de desemprego e aumento da violência urbana, assim como o crescimento de redes de poder paralelos nas regiões pobres, ligada ao narcotráfico de drogas e outros, também colaboraram, e muito, para desmotivar a população necessitada para participar de reuniões ou outras atividades dos movimentos e aderirem aos programas e projetos das ONGs. Um grande número de projetos sociais passa a ser patrocinado por empresas e bancos, dentro de programas de responsabilidade social, no âmbito da cidadania corporativa. (GOHN, 2013, p. 244).

É a partir dessa pluralidade que surgem as ONGs com trabalho socioambiental. Gomes, Brites, Cavalcante e Bessa (2008) relatam que no Brasil as questões voltadas para incidência dentro desta realidade estão interligadas com debates advindos desde meados dos anos XVII, assim como em outros países, e é

justamente em um movimento por busca de justiça sociais, somado a caminhos trilhados pelas comunidades e povos, em situação de vulnerabilidade, que emerge a organizações que tratam de questões ambientais, além outras manifestações e estruturas da sociedade para incidir em problemáticas latentes. Ou seja, de acordo com Gomes et al. (2008), é do ambientalismo, sua amplitude, segmentação e das mobilizações realizadas por distintos sujeitos, que emergem as ONGs deste cunho, como uma expressão das pautas que questionam o modelo de desenvolvimento e as injustiças resultantes disto.

De acordo com Oliveira (2006), as ONGs assumem a posição de distintas atividades a serem executadas para o funcionamento tanto a nível de estruturação interna quanto do seu impacto em comunidades. Para o autor as organizações começaram as pautas debates relacionados com a análise de um possível desenvolvimento ligado com preocupações ambientais, dessa maneira surgem o que Murphy e Bendell (apud Oliveira 2006, p.47) Trouxeram enquanto uma divisão de correntes a este desenvolvimento, que criaram diferentes formas de posicionarem, sendo essas vistas de um lado como ONGs ambientalistas e de outra as que partem dos pressupostos desenvolvimentistas para atuarem.

Murphy e Bendell (apud Oliveira, 2006, p. 48) classificaram o percurso das ONGs ambientalistas do norte global em três pontos geracionais que são essenciais para entender-se os caminhos percorridos por estas, sendo assim:

A primeira geração, do início do século XX, era um remanescente do movimento romântico de volta à natureza, após a Revolução industrial, e tinha como preocupação preservar o que era natural e selvagem (MURPHY e BENDELL, 1999, p. 6). A segunda onda começa por volta dos anos 1960 e a preocupação desse movimento de consciência ambiental era com a definição de regulações, para que se protegessem as pessoas da poluição industrial. A terceira onda começou por volta dos anos 1980, com o reconhecimento da ineficiência das políticas nacionais e internacionais, quando, então, as ONGs passaram a buscar soluções práticas junto ao mercado. (OLIVEIRA, 2006, p. 47).

O percurso das ONGs foi então promovido a partir do caminho trilhado pelo ambientalismo, em busca pela emancipação a partir de movimentos de inovação para reinvenção da forma de ler e atuar diante das questões socioambientais, surgimento de modelos para gestão e também a característica flexível diante de questões corporativas, abrindo-se um campo para diálogos com empresas. Além dessa perspectiva ambiental interligada com uma ação voltada a uma visão relacionada com o impacto humano na natureza e as suas consequências para a

sociedade, houve também a ligada com o caminho do desenvolvimento, identificada em três gerações, sendo que:

A primeira destina-se a promover alívio e bem-estar em desastres ambientais . As estratégias da segunda geração volta-se a promover o desenvolvimento de comunidades em pequena escala. Já a terceira geração compreende a atuação de grandes ONGs, que funcionam como catalisadores de outras ONGs, capacitando e fornecendo recursos humanos, para que atuem mais em nível regional. (OLIVEIRA, 2006, p. 48).

Essas ONGs apresentaram um sentido mais ligado com a dinâmica do lugar, tendo como princípios o que Oliveira (2006) denomina de horizontalidade, criada entre debates realizados com os sujeitos que estão nas margens, revelando-se e constituindo-se então uma gama de novas interpretações da realidade que surgem das experiências advindas tanto do espaço acadêmico quanto estatal, incorporando também, já na terceira geração, a construção de mecanismos para formação para a escala local, trazendo assim a possibilidade de catalisar práticas tanto para gestão quanto atuação de ONGs que surgem a partir dos territórios.

É fato então que estas ONGs surgem com a capacidade de atuação em diferentes escalas implementando, segundo o autor supracitado, instrumentos de articulação, mobilização e representação da sociedade.

Na atualidade, o debate acerca dos movimentos sociais ambientalistas perpassa por duras críticas ao se depararem com a inclusão de pautas políticas submetidas por grandes instituições, isto é, o processo de conduta das Organizações Não Governamentais, passam por construções sociais e políticas que demandaram uma certa junção entre o desenvolvimento e a preservação. O cunho social, no qual as ONG's se espelham, por vezes, não toma mais a frente, como era ao nascer da luta pela conservação. Agora muitos desses grupos estão unidos a grandes empresas que com seus grandes projetos continuam a devastação, porém, com a atenção ambiental e social por terem nas suas reuniões uma cota para movimentos sociais.

Essa dinâmica, faz parte da colonização e da modernização por qual passou a região, nas palavras de Malheiro, Porto-Gonçalves e Michelotti (2021), as marcas de uma persistente colonialidade que está diretamente relacionada à conformação do sistema-mundo moderno-colonial, consiste nas reflexões feitas neste trabalho acerca das críticas aos Movimentos Ambientalistas. Ao se pensar nas escalas

mediante a hierarquia de poder, vale salientar a ideia de uma organização social em escala global, iniciada com a colonização das Américas e seus povos, com capacidade crescente de condicionar as histórias regionais e organizar suas inter-relações a partir de assimetrias e hierarquias de poder (MALHEIRO ET AL., 2021, P. 159).

Ao pensar Amazônia, não se sustenta mais em uma fonte de energia de diversas fontes naturais, mas também, hoje, baseia-se na sua importância mundial juntamente com o colonialismo interno por qual perpassa, como nas reflexões de Malheiro et al. (2021). Urge assim a necessidade de uma preocupação ambiental na e sobre a Amazônia, seguindo a linha de raciocínio dos autores. Dessa forma, a região amazônica, se consolidou a ser objeto de uma nova pilhagem em proporções gigantescas, industriais, que opera em escala pan-amazônica e não mais de um modo descontínuo no espaço e no tempo (MALHEIRO & PORTO-GONÇALVES, 2021, p.146).

Nessa perspectiva, entende-se a Amazônia como um ambiente de conflitos, locais e globais, empresariais e sociais. As estradas se tornam assim, eixos de desmatamento, violência e conflito como expõe Malheiro & Porto-Gonçalves (2021). Os processos escalares se dão em volumes globais, na vida da comunidade, que se relaciona com a demanda desses volumes, na reflexão dos geógrafos. O trabalho de Malheiro et al. (2021), traz a definição de Anacleto Pires, liderança quilombola do Maranhão, que inflama o debate ao expor que a comunidade atravessada pelos trilhos da EFC, não se resume em eixos de exportação ou corredores, mas em uma “navalha que tudo corta”.

Dessa forma, se expressa na pesquisa que se tem uma geografia desigual de proveitos e de rejeitos, explicam assim que os proveitos para o capital das grandes corporações e as regiões que recebem os bens da natureza transformados em matéria-prima, e os rejeitos e qualificam pela região de extração, sobretudo para os que nela vivem, e não para seus acionistas em São Paulo ou Nova York, Londres, Berlim, Paris, Tóquio ou Pequim.

Nessa perspectiva, temos o retorno histórico que nos possibilita entender a constituição de uma Amazônia que sempre lidou com as forças do cabo de guerra no qual a região é resumida, de um lado os povos originários, movimentos sociais e outros trabalhadores regionais, e do outro lado, grandes empresas, instituições de poder e o discurso de uma Amazônia Global. Zhouri (2006), coloca os enormes

impactos socioambientais decorrentes dos projetos de “desenvolvimento” financiados pelos bancos multilaterais nos anos de 1980, ambientalistas do Norte e do Sul em defesa da floresta amazônica, as queimadas e a partir de 1990, as imagens das toras de madeira empilhadas nas carrocerias dos caminhões, nos pátios das serrarias e rios que passaram a gerar as diversas preocupações sobre a Amazônia.

Essa questão ambiental se relaciona a crise originada com uma mudança profunda no metabolismo planetário em função da “Grande Aceleração”, o período de ouro do capitalismo, com seu aumento exponencial de demanda por matérias-primas extrativas, agrícolas e minerais para garantir a expansão do american way of life, ou seja, da ideologia que afirma a hegemonia geopolítica dos EEUU (MALHEIRO ET AL., 2021, P. 153).

Entretanto, nesse contexto, se faz a reflexão sob a ótica dos movimentos sociais que, antes, sustentavam um contradiscurso ao desenvolvimento e cujas atividades, até os anos 1980, incluíam pressão junto ao Banco Mundial e campanhas de boicote à madeira tropical, foram convidados a apresentar soluções (ZHOURI, 2006). Isto é, ao pensar uma perspectiva mais crítica, centrada no que se poderia chamar de “ecologia política”, para um “ambientalismo de resultados”, pragmático e tecnicista (ZHOURI, 2006).

Essa nova tradução dos Movimentos ganha um percurso diferente na história, ganhando espaço nas mesas dos debates de grandes projetos, com a mão ambiental, pensando no desenvolvimento “saudável”, que continue em lucro. Assim sendo, Organizações Não Governamentais negociam e opacam diplomacias, constituindo verdadeiras pontes, como reflete Procópico (2007). Geralmente, as Ongs dispõem de verbas, são influentes e nem sempre na periferia servem a quem mais lhes paga, isto é, ao Estado (PROCÓPICO, 2007).

Nos pensamentos de Procópico (2007), na dinâmica política amazônica, inegavelmente as ONG's desempenham papel de protagonismo particularizado não por sua liderança, mas principalmente por sua dinâmica, assim expõe. O que entra em acordo com as reflexões de Zhouri (2006), que entende essa dinâmica como uma “construção de consenso” em torno de uma determinada noção de desenvolvimento sustentável, frouxamente entendida como a conciliação entre crescimento econômico e proteção ambiental (ZHOURI, 2006). Não é espontaneamente que hoje, as principais ONGs transnacionais têm papel ativo no

desenho das políticas e estratégias florestais junto a organismos como o Banco Mundial e junto ao governo brasileiro (ZHOURI, 2006).

Ademais, o que não se dá para desconectar é que esse processo abarca marcas de sangue entre o povo e as instituições, não governamentais ou muito governadas por aqueles que demandam o poder de acordo com os contextos atribuídos. Malheiro e Porto-Gonçalves (2021), refletem sobre não ignorar o financiamento de capitais de países que atualmente defendem a Amazônia contra o desmatamento, mas que apoiaram o desenvolvimento devastador do período da ditadura (MALHEIRO & PORTO-GONÇALVES, 2021, P. 150).

Isso se faz entender uma reflexão crítica sobre as limitações sociais e políticas de iniciativas globais guiadas por uma concepção hegemônica de sustentabilidade que tem na economia de mercado seu vetor primordial (ZHOURI, 2006). Ao compreender esta lógica, é necessário compor o quadro de discussão compreendendo a crítica a essas ONG's, que não são feitas apenas de romantismo ou salvadoras da Amazônia, mas que também fazem parte do processo que reparte essa região entre os grandes e os pequenos, com frações desiguais e privilegiadas entre os seus componentes.

Essas ONG's que demandam financiamento de grandes instituições, exibem independência de fachada porque expressivo número delas sustenta-se por doações de países com bandeiras ideologicamente a elas identificadas. Geralmente poderosas, dedicam especial carinho aos movimentos ditos sociais (PROCÓPICO, 2007). Que se baseiam em demandas ambientais preocupantes, para, às vezes, sucesso próprio. Isso nos leva a concluir que, hoje, a predominante ênfase global na biodiversidade é uma construção específica de "desenvolvimento sustentável", como reflete Zhouri (2006). Tal posição "técnica" globalista, no entanto, embora crucial para melhorar as práticas florestais, é insuficiente para promover a sustentabilidade de sociedades e naturezas (ZHOURI, 2006), devido ao seu cunho mais político partidário entre as partes que ganham.

Procópico infere ao diagnosticar que das aproximadamente 23 mil Ongs no Brasil, a esmagadora maioria delas vive de recursos da União, usa o financiamento mais consigo mesmas que nas atividades fins. E vai além em sua dura crítica, expondo que raramente, prestam contas do quanto ganham e no que gastam. Não Governamentais só de rótulo, nos últimos cinco anos a União lhes repassou valores mais ou menos correspondentes a US\$ 5 bilhões (PROCÓPICO, 2007).

Ao se pensar nesta análise, contrapomos os grupos sociais os quais ganham prestígio e admiração, ao entendê-los em um ambiente global e geral, ganhando prêmios, exportando seus grupos pelo mundo, enquanto indígenas, ribeirinhos, seringueiros e tantos outros sujeitos do espaço amazônico ganham seu espaço nas estatísticas da perda de terra e de suas vidas.

Com este breve diálogo sobre a temática, sem buscar esgotar os debates, mas abrir portas para possíveis indagações, caminha-se para trazer os conceitos que foram discutidos para a realidade onde a presente pesquisa se materializa.



Por um tempo li a história ambiental de forma linear, surgindo em tal lugar, tendo verdades inquestionáveis. Como vãs certezas, rapidamente se dissiparam quando decidi adentrar no cotidiano acadêmico para estudar a Amazônia, os quais abriram caminhos necessários para minha formação. Todavia, devido ao latente distanciamento da Universidade com o vivido, me vi nadando em um universo que por vezes se tornava pouco palpável.

E isso levou-me a iniciar grandes deslocamentos e assim travar uma nova possibilidade de se fazer pesquisa. Embarquei em projetos, como o Coletivo Jovem de Meio Ambiente-PA e Engajamundo, e estes me levaram para experiências que constituíram, também, esta dissertação, os quais me geraram tantas dúvidas quanto necessidades em buscar possíveis respostas.

Assim cruzei lugares sem saber exatamente o que buscava.

Fui para a Argentina, trabalhar por questões de gênero e ambiente em uma periferia da cidade de Mendoza, a São Paulo, conhecendo e tendo contato com o Engajamundo de no Encontro Nacional de Voluntários, para Altamira, no movimento de ativistas “Amazônia Centro do Mundo”, até Alter do Chão para formações com jovens de comunidades tradicionais, em Santo Antônio do Tauá juntamente com o projeto Museu Goeldi de Portas Abertas.

Entre tantos outros caminhos trilhados, existiu um que foi sendo aberto internamente, enquanto também uma resposta para meus inúmeros questionamentos: o da sensibilidade.

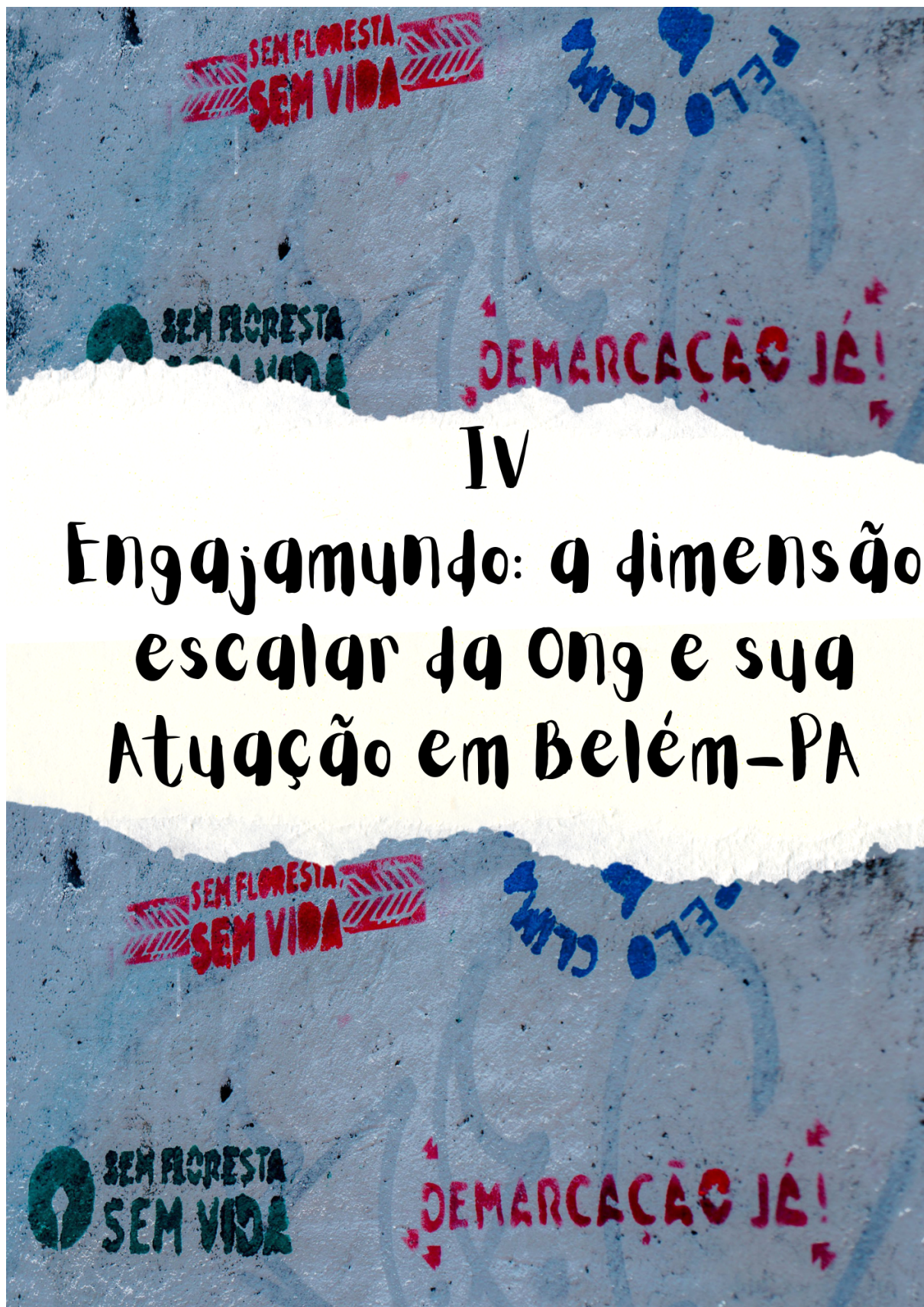
E este é justamente o ponto em que a pesquisa e o ativismo se encontram e fazem uma ponte entre o que se fala sobre e como se vive algo. Sem a sensibilidade as palavras escritas não se encaixam, os métodos escolhidos tampouco, as referências citadas são apenas teorias jogadas em um papel.

Sem ela o ativismo também se torna apenas um caminho para o que virá a acontecer, ou até mesmo uma ação que irá recair em busca apenas por benefícios individuais.

A sensibilidade, esse apreço e abertura para sentir as fagulhas que emergem no contato, é um fio condutor para que haja humanidade.

É justamente isso que une minhas trajetórias. Enquanto uma ensinou sobre o viver, a outra abriu portas para questionar a falta da realidade em debates fechados e fragmentados.

Nesta junção existe um dos maiores ensinamentos que carrego: *o caminho é caminho, o processo ensina, no erro, no acerto*. E por isso é preciso estar aberta para sentir o que surge a cada passo ao buscar conhecer as Amazôniaas.



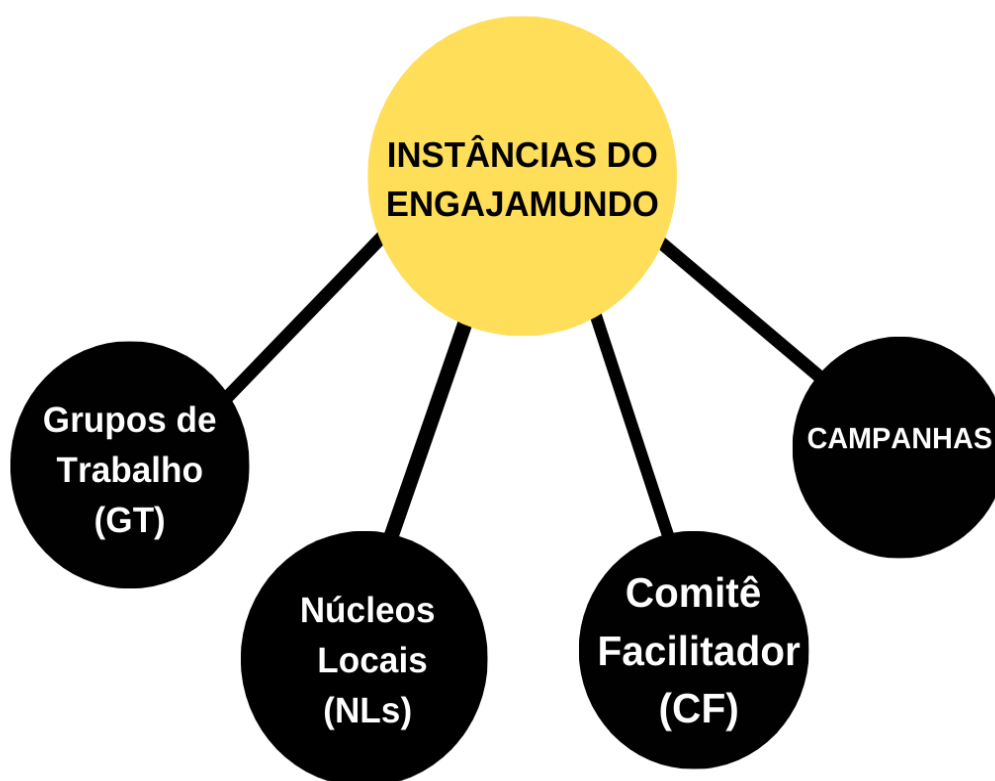
## IV

# Engajamundo: a dimensão escalar da Ong e sua Atuação em Belém-PA

Antes de um aprofundamento no surgimento da ONG Engajamundo e sua atuação na cidade de Belém é essencial pensar-se no conceito de escala e sua relação com o objeto desta pesquisa.

Os objetivos da rede de forma organizacional, como consta no Regimento Interno, são de firmar o grupo por meio de frequentes movimentos de criação e trabalho para fortalecer as ações assim como desenvolver métodos e habilidades nos voluntários voltadas para construção de saberes de forma coletiva por meio da aprendizagem e das experiências que estes trazem para o espaço. No regimento encontra-se as instâncias de trabalho dentro da Ong, como pode-se ver a seguir:

Figura 07: Instâncias do Engajamundo, 2020.



Fonte: Elaboração a partir do Regulamento Interno do Engajamundo,2020.

O Comitê Facilitador (CF) é responsável por guiar as necessidades administrativas, alinhar a missão da Ong com as práticas realizadas ao longo dos processos, mediando decisões e ações, sem haver situações hierárquicas dentro desta instância. Já os Núcleos Locais (NLs) se materializam como a territorialização

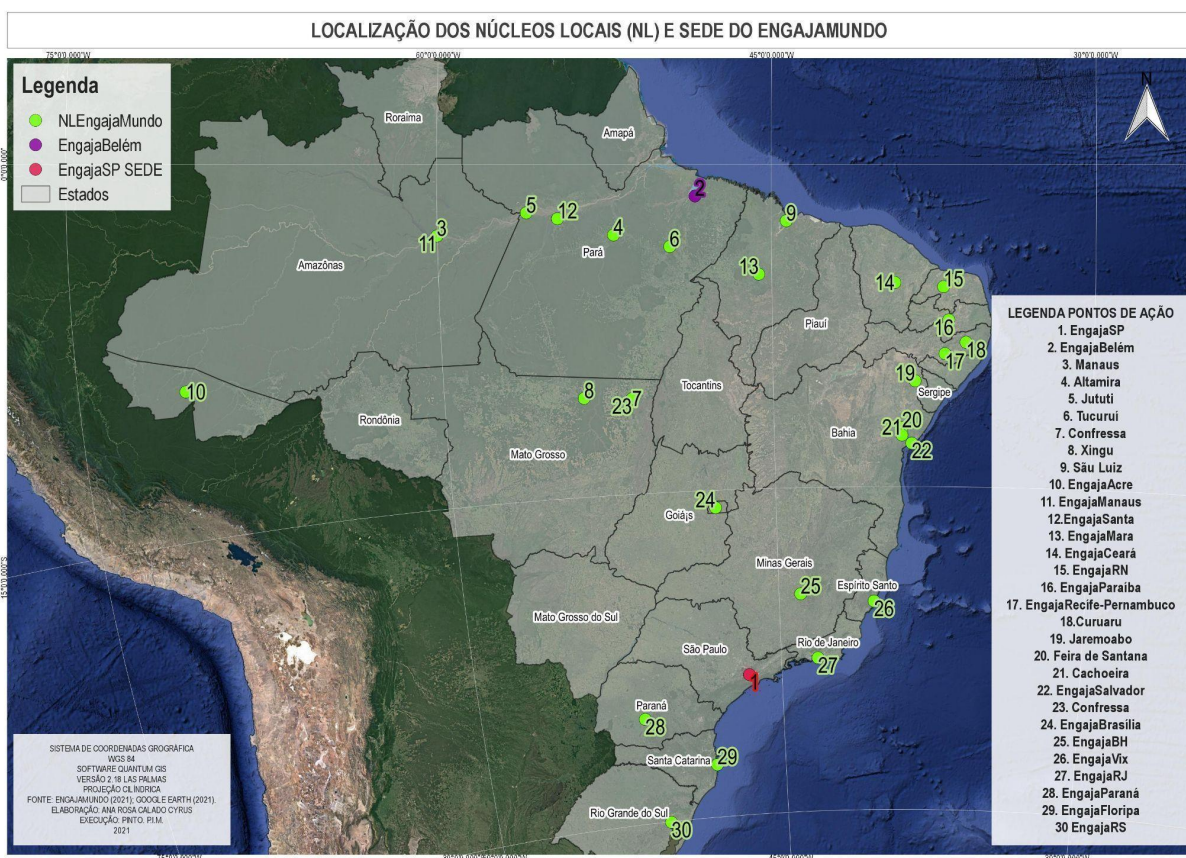
do Engajamundo, disseminando o conhecimento produzido na rede em suas realidades, estabelecendo diálogos entre o local e o nacional.

Há os Grupos de Trabalho (GTs) que podem ser lidos como a materialização dentro do Engajamundo das agendas levantadas pelas pautas internacionais levantadas nas Nações Unidas, pretendendo-se então trazer para o plano nacional as articulações e debates externos, para então estabelecer pontes que possibilitem a atuação de jovens brasileiros nestes espaços.

As campanhas se caracterizam como somas de ações voltadas para atingir determinado objetivo dentro de uma temática específica, com tempo de duração variável, envolvendo instâncias distintas para mobilização de voluntários, contando com coordenação e estabelecer plano de trabalho para execução.

Esta estrutura se espacializa em uma lógica que abarca o território a nível nacional, em que se pode perceber a presença do Núcleo Local de Belém, como mostra a figura a seguir:

Figura 8: Mapa de localização das instâncias do Engajamundo no Brasil, 2021.



Ou seja, são distintas entre si as escalas de atuação no Engajamundo.

São em torno de nove Núcleos Locais situados na Amazônia que possuem diferenciações entre si em relação a sua gestão, produção de estratégias e pautas.

Em detrimento disto cabe trazer este debate para também um entendimento acerca da estruturação e projeção do Engajamundo a partir da discussão do conceito de escala, sendo esta uma categoria Geográfica que ao longo dos tempos vem se tornando cada vez mais usual em espaços para além dos que envolvem a academia, segundo Souza (2005), afinal ativistas estão construindo mecanismos para utilizarem este conceito enquanto instrumento para planejamentos estratégicos.

Para trabalharmos o conceito de escala, compreendemos a construção teórica-metodológica e histórica do conceito, politicamente fundido com a geografia no decorrer do tempo, não sendo mais um pensamento físico da centralidade escalar, mas sim social e político. Smith (2002) expõe que “Efectivamente, no existe ninguna teoría social de la escala geográfica, sin mencionar el materialismo histórico.” Isto é, observa-se assim que pensar as escalas de dada temática, é configurar uma ideia que perpassa pelo materialismo histórico dialético, visando as problemáticas sociais, culturais, físicas, políticas... do âmbito social, não analisando mais o espaço pelo espaço, em camadas ou usando o exemplo da “boneca Russa” para explicar esse processo.

O autor continua a expor que a caracterização se fez de forma abstrata e limitada da produção da escala, que dava seu foco em regionalizações individuais do espaço-tempo. Smith vai além, trazendo outro ator, como Giddens, que exemplificam uma casa privada sendo um local, dividida em outros locais: “La casa es “regionalizada en pisos, vestíbulos y cuartos”. Pero los varios cuartos de la casa son diferentemente divididos en zonas tanto en el tiempo como en el espacio.” Sendo assim, entende-se que a cada camada temos as individualidades e suas próprias organizações espaciais, que independem, por vezes, da hierarquização padrão dada pela leitura de escalas nessa configuração.

Por conseguinte, identificar esse erro permite com que a nova leitura da conceituação de escala vai contribuir com uma teoria que irá integrar o local com o concreto desse local, isto é, o seu conteúdo será levado em consideração, como analisa Smith, o global com o geral.

Dessa forma, em uma análise mais rica e aproximando da realidade dos processos em escala, teremos os Movimentos Sociais ganhando nova roupagem e conceitos através de uma dinâmica que retira a hierarquia de cima para baixo, ou de

baixo para cima, na análise escalar. Em outras palavras, por exemplo, a construção da agenda racial no Brasil nos remete a uma reflexão sobre os processos de articulação de escalas, como analisa Soeterik & Santos (2015), porém indicando certa relação de primazia entre elas: o global se impondo através de suas “artimanhas” ao nacional.

Sendo assim, vistas como “níveis” distintos, separados, com lógicas independentes e com uma relação hierárquica entre elas (SOETERIK E SANTOS, 2015), se propondo então dialogar uma nova conceituação, sabendo que esta não contém a veracidade da escala nos processos de relação de poder no cenário dos movimentos socioespaciais. A ação aqui se faz pertinente, bem como salientam os autores Soeterik & Santos (2015), compreende uma geografia da ação, sendo centrada no suporte conceitual da escala, dentro de uma esfera política, nos auxilia ao entendimento da emergência de políticas combativas nesse contexto.

Entra-se nessa perspectiva, nos processos da globalização, que já se faz por redefinições de escalas. Nesse sentido, ao se propor a ideia de “pensar global e agir no local”, é a redefinição de relações escalares na organização de estratégias e ações que está colocada (SOETERIK E SANTOS, 2015). Por assim dizer, os autores entram em consonância com Smith através da análise transversal da escala através do pensar o agir em um dado local escalar, sem propor a ideia das camadas, e sim da visão dialética desse espaço pelo seu conteúdo, e da sua própria organização, que conduz uma força sistemática, trabalhada em escalas, porém não hierarquizada, mas que demanda níveis de ação do movimento para o movimento e entre movimentos, de grupos em relação a grupos.

Ainda em consonância com Soeterik & Santos (2015), existe um peso em se manter na tendência de se ler o conceito de escala quando ela perpassa por uma leitura dissociada de escalas preconcebidas e reificadas, que se articula hierarquicamente (SOETERIK E SANTOS, 2015). Essa perspectiva pode influenciar a explicação de fenômenos, além de limitar a construção política de ações que demandam processos em escala, porém, não de acordo com essa tendência acima citada, caminham além dessa ideia.

As construções e reconstruções dos movimentos sociais, e até mesmo de grupos, se articulam de acordo com as demandas e recortes espaciais, que constituíam novos arranjos de grupos em escalas distintas em outro dado espaço, diferentemente de onde começou. Bem como explicam os autores, sendo cada

escala correspondente de um "nível de agregação", passível assim, de identificação sempre que a problemática ou fenômeno observado sofria consideráveis mutações pela redefinição de dimensão do recorte espacial (SOETERIK E SANTOS, 2015). Ou seja, ao encontrar novas possibilidades de discussões e ações, a contrapartida se deságua em munir outro espaço escalar, não mais níveis hierarquizados, mas sim um crescimento e ordenamento horizontal, nascido em escalas.

Essas relações são possíveis devido a integralidade do poder, as escalas, por conseguinte, se faz por uma construção social mediante o fenômeno do poder, assim sendo verdadeiras "contêineres do poder", como explicita Soeterik & Santos (2015). Em outras palavras, a normativa central desse processo, se faz na compreensão da importância da análise de escalas. Tratar sobre movimentos sociais e articulações de grupos no espaço, é entender que as ramificações das ações desses grupos, gerarão impactos e consequências outras nos diversos recortes espaciais nos quais a inquietação central do grupo está interligada.

Para tanto, a leitura de uma escala hierárquica, não cobre o sentido na realidade dos movimentos enquanto produtores de escalas que surgem a partir do choque de outras escalas. Existindo assim uma fricção entre um dado grupo que gera outro grupo, não menor ou maior, mas que também transmitirá o poder exercido enquanto Movimento. Bem como ratifica as leituras de Soeterik & Santos (2015), essa noção é a chave da compreensão da leitura de escalas enquanto ação, ou seja, uma organização escalar das relações políticas, que permite assim que atores, relações, processos e fenômenos que coexistem no espaço sejam ordenados, de modo a estabilizar sistemas de dominação e poder (SOETERIK E SANTOS, 2015).

Silveira (2020), concretiza a conceituação das escalas espaciais, enquanto presentes na vida social através das representações da realidade, nas ações, nas relações e lutas sociais. Em suas próprias palavras, estão presentes nos processos sociais e econômicos e na construção e implementação das políticas públicas de planejamento e desenvolvimento regional (SILVEIRA, 2020). Dessa maneira, as políticas públicas, como resultado principal das movimentações sociais em prol de causas espaciais, demandam que as ações sejam efetivamente construtivas, exigindo um aglomerado maior em ação e comunicação, isto é, criando-se assim a rede que se autossustenta em base e em reflexão da luta social aos diversos graus de lideranças políticas.

É importante salientar que não se faz aqui uma leitura que se desfaça ou diminua a importância da escala cartográfica enquanto física, mas sim de que há outras leituras que correspondem de forma mais coerente de acordo com o assunto tratado. Silveira (2020) analisa assim, que a escala cartográfica é, e continuará sendo, um importante instrumento de análise e representação espacial dos objetos, entre outros fenômenos cartográficos. Toda via, é preciso que valorizemos a escala espacial nos estudos sobre os processos, as políticas, as ações e relações sociais presentes na produção social dos territórios (SILVEIRA, 2020).

Castro (1995), em *Conceitos e Temas*, leitura fundamental para estudiosos do espaço físico, trata sobre a diferenciação da escala cartográfica e da escala geográfica, que vai justamente encontrando a discussão proposta, de uma escala que sirva de base para uma a leitura política que se exige de um processo em movimentos de ações geradores de força. Permitindo assim concluir a análise escalar enquanto um elemento marcadamente epistemológico que cumpre, em decorrência disso, papel metodológico central nas pesquisas (GRANDI, 2019).

Nesse sentido, entende-se que as escalas geográficas “são produzidas e estão profundamente vinculadas aos alcances do poder em cada momento histórico [acompanhando] o modo de produção capitalista”, como analisa Grandi (2019). Por assim dizer, elas evidenciam politicamente a articulação em rede, de diferentes escalas, abrangendo um maior quantitativo de proporção da ação e de diferentes atores sociais, ampliando também os níveis escalares na perspectiva do apoio político (SILVEIRA, 2020).

Essa amarração conceitual advém da era crítica e humanista por qual perpassa a Geografia, a partir da década de 1970, possibilitando que o problema da escala passasse a ser considerado também como epistemológico e, conseqüentemente, como essencialmente político (GRANDI, 2019). Isso se faz a partir do processo que corresponde a desconstrução de uma geografia tradicional e descritiva, visando assim o social e o político como fundamentais na leitura geográfica, agora crítica.

Ainda em 1970, os crescimentos dos movimentos sociais ganham mais espaço, e logo as leituras das ciências humanas perpassam pela construção social política e ideológica que corresponde aos processos metodológicos da ciência. Sendo assim, a escala ganha forma e pontualidade na sua dinâmica teórica e prática. Silveira (2020) expõe os pensamentos de Milton Santos (1996) ao tratar dos

fluxos de território, sendo acelerado na construção social da escala e em sua dimensão política é a necessidade. Se faz necessário a distinção entre escala das ações operacionais e a escala do seu comando, pois o espaço geográfico é um híbrido, produzido por um conjunto indissociável de objetos e de ações e uma conjunção singular de processos materiais e culturais (SILVEIRA, 2020).

Destaca-se a relação de poder dentro desse espaço geográfico híbrido, e para compor esse cenário explicativo e teórico, se analisa o fenômeno da internet, que possibilitou e amplificou a leitura de escala através das redes criadas com muito mais facilidade de acesso e comunicação. Filho (2015), analisa as diversas escalas mobilizadas pelas redes sociais através do advento da internet. Nesse cenário, o local, o regional, o nacional e, até mesmo, o internacional se encontravam entranhados ao mesmo tempo nelas (FILHO, 2015).

De acordo com Moore (2018), essa metanarrativa, o contexto dos avanços tecnológicos, as telecomunicações sem fio, televisão, entre outros fenômenos, estão encolhendo o mundo em uma “aldeia global”. Isto é, estamos tecnologicamente mais perto um dos outros, seguindo essa linha de raciocínio, os movimentos sociais estão mais próximos um dos outros, e as suas pautas vinculadas aos processos políticos e escalares de difusão das lutas sociais e ligações em grupos.

Moore (2018) e Filho (2015), entram em uma comum ideia de que as redes sociais possibilitaram a junção da luta e da mobilização em uma escala que ramificará outras escalas em distintos espaços, Filho (2015) se utiliza do exemplo das manifestações de 2013. Diz que após a comunicação das redes sociais, as manifestações foram convocadas e organizadas mediante essa possibilidade. E sem um fluxo alinhado, as informações passaram a circular não só em grande quantidade, mas também de modo instantâneo, nas palavras do pesquisador. E dessa forma, as redes sociais em suas diversas facetas, tornaram-se um instrumento essencial na articulação política dos grupos que protestaram nas ruas (FILHO, 2015).

Nos pensamentos de Silveira (2020), esses saltos escalares (*jumping scales*) ou os deslocamentos escalares (*scale shift*) são formas e dinâmicas estratégias escalares dos movimentos sociais e ativismos das diversas áreas de atuação, visando superar as limitações locais e melhor promover e divulgar suas causas e lutas. Posterior a isso, Filho (2015), vai além na sua explicação e ratifica nos

exemplos dados a construção dessas manifestações em rede, em diferentes escalas, no dado espaço geográfico, de forma política construindo e se ramificando.

O estudo do autor expõe que a articulação em rede, ou redes de associações, conceituações dadas por ele, foi uma novidade no âmbito político-institucional. A dispersão da informação e capacidade de mobilização política destas redes surpreenderam os governos, despreparados para lidar com o grande contingente de pessoas que inundavam as ruas (FILHO, 2015) em 2013. As organizações criaram verdadeiras redes políticas, articulando movimentos em grupo entre diversas cidades, através das redes sociais. De forma estratégica, os protestos eram organizados de modo a ocorrer simultaneamente nestes lugares, ratificando a mesma pauta geral, mas mantendo suas especificidades locais (FILHO, 2015).

Smith (2002), há uma esperança nessa leitura que se fundamenta nas metáforas espaciais do pós-modernismo na teoria da produção da conceituação de escala. Através desse processo, pesquisadores e até quem vive esse processo na integra, possa produzir pelo menos a linguagem política pela qual a consciência política de identidade e de diferenças e do poder oposto, consiga mapear o terreno político e decidir sobre "um lugar para ficar" (SMITH, 2002). Isto é, como salienta Moore (2018), a escala não é uma categoria fixada ou determinada para que se possa trabalhar de forma estática, e sim, trata-se de um constructo social, fluido e contingente.

Entretanto, busca-se analisar, de acordo com Moore (2018), de forma cuidadosa o fato de que a conceituação perpassa por muitas leituras e análises, podendo perder sua necessidade teórica. Isto é, como acontece com outros conceitos analíticos, esse aceno para o construtivismo social agora quase ritual tende a obscurecer, ao invés de iluminar, diferentes abordagens teóricas para a escala (MOORE, 2018).

Nas análises de Silveira (2020), se vive em diferentes e simultâneas dimensões escalares, desde a escala do nosso corpo, da nossa comunidade ou bairro, da nossa cidade, da nossa região, do nosso país, do mundo. Sendo assim, seguindo a noção das escalas espaciais como construções sociais e políticos, que se efetivam no território através de uma dinâmica multiescalar e relacional dos fenômenos e processos, oferece novas possibilidades teóricas e metodológicas para se pensar e analisar o desenvolvimento regional (SILVEIRA, 2020).

Prioritariamente, assim, compreendamos a leitura escalar como fundamental para essa análise dos movimentos sociais dentro dos seus territórios e fora dos seus espaços físicos. Destacam-se, portanto, as ênfases no planejamento e gestão do território articulada com o papel dos agentes na criação e definição das escalas geográficas (GRANDI, 2019). O que antes era uma preocupação com a insuficiência de perspectiva escalar do mundo que dissocia as escalas, as resumindo em hierarquizações, agora pode ser pensado como possibilidades de análises dos fenômenos que se utilização da ação para as suas movimentações, e ainda assim perpassarem pelo conceito de escala.

Soeterik & Santos (2015), justificam as narrativas escalares enquanto a constatação de que os fenômenos, como simultaneidades interligadas, têm impactos, efeitos, em diferentes âmbitos ou recortes espaciais. Isto é, mais do que fatos isolados, os protestos viabilizados pelos Movimentos Sociais organizados em redes e em processos escalares da dinâmica tecnológica, mantinham uma coesão entre proposta e organização nacional, o que corroborou ainda mais para o seu potencial político (FILHO, 2015).

Esse processo constituiu uma a organização em rede, sendo esta a principal base pela qual estes movimentos, nas palavras de Filho (2015) organizaram e adquiriram potencial de mobilização e de influência política. Soeterik & Santos (2015) também contribui com esse debate, entendendo que as legitimações e exclusões que são impostas a atores sociais em cada processo escalar, compreende um jogo de poder ordenado, com abrangência espacial definida, com atores reconhecidos ou não, com regras próprias e normas de conduta, com objetos de disputa específicos construídos através de suas próprias especificidades, de acordo com seus espaços locais, pós fricção em escala de ações dos movimentos transfronteiriços.

De acordo com Filho (2015), nesse paradigma, as redes privilegiadas são as redes sociais virtuais, que colocam nesses movimentos intensa capacidade de articulação, visto sua comunicação interativa, instantânea e interconectada pelo mundo (FILHO, 2015). Isto é, ao se tratar dos movimentos ativistas transfronteiriços ou transnacionais, na linguagem de Soeterik & Santos (2015), deve-se analisar que esse novo processo é “ir além” do nacional, articulando-se diversas escalas (nacional, global, regional, local), mobilizar outros atores, recursos (financeiros,

jurídicos etc.) e processos alocados num ordenamento escalar de poder (SOETERIK E SANTOS, 2015).

É nessa perspectiva sobre escalas que se parte para entender-se a construção da escala local do Engajamundo, enquanto Núcleo Local na cidade de Belém, ligado diretamente com um processo de abertura de ligações entre articulações e debates, os quais ao entrarem em contato, geram camadas essenciais para estudar-se a ação da ONG na Amazônia.

## 4.2 O surgimento do Engajamundo

A origem do objeto desta pesquisa veio a partir de um incômodo que uniu sete jovens estudantes da PUC de São Paulo, entre elas estava Raquel Rosenberg. A oportunidade de conversar com Raq *-como é chamada pelas pessoas que compõem o movimento junto com a mesma-* surgiu quando estávamos juntas na cidade de Altamira-PA realizando o evento “Amazônia: centro do mundo” em novembro de 2019.

Deitada em uma rede de frente para o Rio Xingu com uma roda de jovens se formando a nossa volta para escutar, a fundadora do movimento narrou a história do grupo em sua perspectiva colocando em foco momentos que marcaram as trajetórias que constituíram a ONG, iniciou então situando que logo no princípio entrou em uma Ong Local mas não se sentiu confortável para prosseguir trabalhando dentro do espaço, afinal queria construir algo que contemplasse as demandas locais das realidades que conhecia. Na Ong em questão conheceu as outras garotas de onde surgiu a ideia de constituir um grupo para participar da RIO +20 e deste ponto em diante começaram a participar das reuniões do comitê paulista para a construção da Conferência, ao mesmo tempo que discutiam de maneira interna sobre como dar prosseguimento nas propostas que buscavam colocar em foco dentro de um movimento que pretendiam criar. Das reuniões e demandas que surgiram criaram um Comitê Universitário com o propósito de realizar palestras e debates sobre os temas que seriam discutidos na RIO +20, enfatizando a realização de uma Virada Sustentável no SESC da Vila Mariana. Essa informação pode ser encontrada no site do movimento em que dizem que:

A semente do Engajamundo veio de um grupo de 5 amigas que queria aproximar os universitários da cidade de São Paulo dos grandes debates

internacionais de meio ambiente. Antes de sonhar com o Engajamundo, esses jovens criaram o Comitê Universitário Paulista para a Rio+20, carinhosamente apelidado de CUP, aproveitando o momento gerado pela Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável para engajar outros jovens na pauta ambiental e multiplicar os debates sobre meio ambiente no meio universitário da cidade. Porém quando o grupo, que então já contava com mais de 30 pessoas, chegou na Rio+20 em si... percebeu que faltava muito conhecimento e experiência para realmente influenciar (e até entender!) esses processos. (ENGAJAMUNDO, 2020).

As jovens começaram a conhecer pessoas que foram mostrando caminhos pelos quais poderiam caminhar e na Conferência a Raquel foi selecionada para ser voluntária em que se envolveu e trouxe para dentro do grupo ideias que aprendeu pelos espaços que circulou naquele período, como a sua atuação na Youth last, assim como o surgimento de convites para organização de eventos ligados com a Organização das Nações Unidas-ONU, denominando essa como sendo a primeira aventura do ENGAJAMUNDO, pois ganharam visibilidade como um grupo de atuação em problemáticas ambientais constituídos por jovens. Após esse narrou o que aconteceu em seguida:

A gente começou com isso né vai passar a RIO +20 e a gente vai fazer o que? Vai ter “mo” galera mobilizada, mas a maioria da galera era de São Paulo, mas aí a gente bateu muita cabeça até 2013 pensando no que ia ser e não conseguia fazer nada, pensou o nome afinal a gente tinha que criar a página pra COP daquele ano. Veio o nome engajamundo, mas a gente não sabia o que fazer ainda . Foi “mô” legal criar, foi um dia de imersão e a gente se chamou o grupo de BRAVOZ durante um tempo. A gente tinha várias ideias, cara, tipo escrevemos mil nomes “eai” uma hora chegou, mas não era consenso e aí votou “mô” galera não gostava, não estávamos seguros, depois deu “mô” certo. Mas foi muito louco esse processo, teve que mandar um monte de nomes. Aí uma amiga minha que fez o design e aí ficou pra sempre. Ela ainda chegou a mudar as cores, tinha outras cores primeiro, aquela coisa de azul e verde, mano vamos mudar... ela que propôs ser laranja. (RAQUEL, pesquisa exploratória, 2019).

Após sistematizar a identidade do grupo surgiu o momento de decidir quais seriam as temáticas que norteariam as discussões, construindo assim os grupos de trabalho que logo no início eram três, Gênero, Clima e Objetivos de desenvolvimento Sustentável, surgindo após Habitat e Biodiversidade, respectivamente, vindo somente após a articulação para a criação dos Núcleos Locais. Neste sentido, a questão que o movimento busca solucionar está interligada com a mobilização de jovens por meio de articulações voltadas para trazer possibilidades de atuação na sociedade e assim incidir em problemas que assolam suas realidades, ou seja:

O Engajamundo atua para (re)aproximar as juventudes brasileiras de temáticas ambientais e sociais, que impactam seu entorno, para que se conscientizem de seu poder de mudança. A falta de consciência ou conhecimento sobre pautas relevantes resulta na desmobilização por parte da juventude, que muitas vezes já é silenciada por gerações maiores. O empoderamento e transformação pessoal dos jovens se tornam os maiores propulsores de mudanças efetivas na esfera local, nacional e internacional. Uma vez que o jovem percebe sua importância e poder, munido de ferramentas e conhecimento, é capaz de transformar realidades e ter sua voz ouvida pelos maiores tomadores de decisão. (ENGAJAMUNDO, Regimento Interno, 2019).

Buscando trazer novas perspectivas com narrativas que emergem das juventudes, a ONG trabalha com diálogos intergeracionais e estabelece movimentos que se desdobram em distintas escalas pretendendo transformar por meio de lutas coletivas. Pretende também expandir a rede para outros territórios e assim trazer maior diversidade aos processos, buscando paralelamente a isto criar estratégias de pressão aos espaços de tomada de decisão, como o poder público, para atingir metas estabelecidas como as do Acordo de Paris, em que o Engajamundo se fez presente na Conferência em que houve o surgimento e criação para implementação. Além dos objetivos supracitados há articulações para por meio da comunicação criar movimentos para ampliar a visibilidade e os impactos gerados pela Ong nos espaços em que atua e fomenta debates.

### 4.3 Organização atual e ações

Cabe trazer a estrutura de atuação do movimento, revelando uma visão voltada para criar possibilidades de forma coletiva e que ao mesmo tempo realiza abertura de diálogos que trazem individualidades para os processos vivenciados no grupo, como pode-se constatar na tabela a seguir:

**Quadro 4- Pilares de atuação do engajamundo**

PILAR DE ATUAÇÃO	OBJETIVOS E DESDOBRAMENTOS
<i>Educação</i>	Criação de metodologias de ensino próprias com o objetivo de sensibilizar as juventudes por meio de questões reais, fazendo conexões entre o vivido, no local, com questões mundiais, desenvolvendo ferramentas que viabilizam instrumentos de ação.
<i>Participação</i>	Estímulo e apoio de participação em distintos locais de tomada de decisão, em diversos níveis e esferas, ocupando esses lugares com as

	necessidades das juventudes, suas pautas e emergências.
<i>Mobilização</i>	Mobilização de sujeitos para articularem-se se engajarem em pontos latentes em suas realidades, levando em consideração que cada território e indivíduo possui particularidades que são essenciais e podem somar no movimento.
<i>Advocacy</i>	Por meio do ativismo a ONG coloca suas pautas e defesas para a sociedade, então articula seus posicionamentos, que são desenvolvidos pelos jovens da rede, através das estratégias de lobby, ativismo e comunicação, criando assim um Advocacy que assume as características do grupo: jovem, atual, humorado e acima de tudo significativo para os que realizam.

Fonte: Elaboração a partir de pesquisa realizada no site Engajamundo.org e no Regimento Interno do grupo, 2021.

Os pilares do Engajamundo mostram um compromisso com a mobilização de jovens assim como em trazer para estes a criação de ferramentas que estabelecem debates interligados com pautas interseccionais. Ter a educação, participação e mobilização como frentes comuns de atuação que se concretizam por meio do Advocacy revela a busca constante por envolvimento de territórios e a mediação de processos voltados para a produção de fluxos que envolvem práticas e experiências por meio de trocas constantes ao longo do movimento estratégico para alterar realidades. Estes pilares se articulam por meio de voluntários que colocam suas habilidades e atuam em espaços distintos dentro da Ong para criar novas alternativas, como pode-se ver na tabela a seguir:

**Quadro 5- Posições dos voluntários dentro da ONG**

<b>POSIÇÕES</b>	<b>PROCESSOS DE ENGAJAMENTO E FUNÇÕES</b>
<i>Membros</i>	Por meio do site da organização é possível adentrar na rede se o jovem tiver entre 15 e 29 anos (para indígenas, ribeirinhos, quilombolas e pessoas de comunidades tradicionais a idade limite é até 35 anos). Após o processo de inscrição é possível adentrar em grupos de trabalho, núcleos locais, campanhas e outras iniciativas que estejam sendo executadas.
<i>Articuladores</i>	Articuladores são aqueles voluntários que atuam de forma ativa. Estes possuem o termo de voluntariado assinado e estão presentes de forma frequente dentro da Ong, atuando em

	esferas e setores distintos do grupo, desde dos Núcleos Locais, participação nos Grupos de Trabalho ou se engajando em outras atividades. O tempo de dedicação é de acordo com a disponibilidade que podem atribuir à rede.
<i>Coordenadores</i>	Os coordenadores assumem o papel de mediadores dos processos que ocorrem dentro do Engajamundo. A escolha destes se dá por meio de votação e consenso. A atuação acontece a partir da realidade do grupo, tendo autonomia para criação de estruturas e ações.

Fonte: Elaboração a partir de pesquisa realizada no Regimento Interno do grupo, 2021.

Diante do quadro estabelecido em relação a estrutura do grupo pode-se notar que o Engajamundo possui debates pautados em articular juventudes e gerar impactos em realidades para trazer discussões essenciais para suas ações. Os marcos de atividades realizadas pela Ong estão ligadas com a expansão da rede desde do ano de 2015, levando a compreender a articulação e ampliação do alcance das pautas levantadas pelo movimento dentro dos locais em que se instalou.

Entre os produtos atuais criados pela Ong há o instrumento de posicionamentos “*Visão das Juventudes do Engajamundo pelo Desenvolvimento do Brasil*” gerado a partir da pesquisa realizada por vinte e cinco jovens da rede, das cinco regiões do país, neste viés:

foi pensada para sintetizar as opiniões e conhecimentos das diversas juventudes que compõem o Engajamundo acerca dos possíveis caminhos para uma sociedade mais justa ambiental e socialmente, questionando o conceito de desenvolvimento imposto pelo atual modelo econômico. Propomo-nos a discutir e elaborar em conjunto o que nós jovens realmente desejamos como modelo de desenvolvimento para o Brasil, refutando o colonialismo ao qual as atuais estratégias para o progresso ainda se pautam. Com essa Visão pudemos (re)criar o nosso sonho do que é um cenário ideal para esse país latino de dimensões continentais e riquezas imensuráveis - humanas, culturais e ambientais. (ENGAJAMUNDO, 2020, p. 5).

Partindo da busca pela interpretação socioambiental da realidade, a Ong criou um desenho de sociedade voltado para entender narrativas que emergem a partir de um Brasil silenciado, de lugares que o modelo de desenvolvimento atual constantemente busca obliterar as particularidades. Trazendo perspectivas sobre cidades, economia, educação, participação, trabalho e entre outras temáticas geradoras - *ao todo onze debates*- a juventude do Engajamundo criou um documento base para suas ações, de onde surgem novas interrogações e se



Figura 10: Logo da campanha “Fala aê: as vozes da água”, 2018.



Fonte: Site do Engajamundo, 2021.

A campanha rendeu debates e incidência em espaços de tomada de decisão, como no Fórum Mundial da Água (FMA), com representação jovem e pautas que foram desenhadas com insumos coletados ao longo da articulação realizada anteriormente a nível nacional. No ano de 2017 houve também o início da campanha *Solução*, que visou trazer debates sobre necessidade da transição energética, realizando formações em escolas e colocando as juventudes como ponto essencial para alcançar este objetivo, articulando ferramentas de pressão política e popularização do debate, com intensa crítica ao modelo de desenvolvimento atual e ênfase nas consequências socioambientais que assolam a realidade de distintas comunidades.

Figura 11: Logo da campanha Solução, 2018



Fonte: Site do Engajamundo, 2021.

Em 2018 foi lançado o programa *Engaja na Amazônia*, por meio de metodologia desenvolvida pelo Engajamundo, buscou fortalecer jovens pertencentes a comunidades tradicionais da região para criarem suas estratégias e ações para lutarem por seus saberes e territórios, ocorrendo em Trombetas e no rio Tapajós, localizados no Pará, assim como em Manaus, no Amazonas.

Figura 12: Logo do programa “Engaja na Amazônia”, 2018.



Fonte: Site do Engajamundo, 2021.

O impacto das ações e campanhas realizadas pela rede renderam participações em eventos internacionais e nacionais, como COPs, CSW e,

recentemente, o Fórum Generation Equality, levando a se tornar reconhecida pela mobilização através de métodos desenvolvidos pelos próprios jovens que se articulam para incidir nestes espaços.

Entre as mobilizações realizadas nos últimos tempos dentro do Engajamundo é essencial destacar algumas inovações como o projeto de comunicação popular, o podcast “Pimenta pra Jovem é Refresco”, em que as juventudes trazem suas demandas e visões socioambientais para debates com um roteiro pensado para estimular a discussão a partir de lentes singulares. Houve também a campanha de eleições “Isso não é uma simulação”, que consistiu em um jogo virtual, com etapas, para construir-se atividades para impactar o quadro político do país, estimulando a se pensar em problemas reais e ensinando caminhos para possíveis soluções que envolvam dimensões coletivas e democráticas.

Figura 13: Logo do Podcast, 2020.



Fonte: Spotify, 2020.

Figura 14: Logo da Campanha de eleições, 2020.



Fonte: Instagram do Engajamundo, 2020.

Em junho de 2020, a campanha #AParadaNãoPara aproximou as juventudes da pauta LGBTQIAP+, trazendo debates sobre desigualdade, representatividade, saúde, educação, raça, e tantos outros temas fundamentais para tratar sobre o preconceito e a invisibilidade de pessoas LGBTQIAP+. Entre setembro e novembro, o Engajamundo lançou junto com as ONGs #ElasNoPoder, Vamos Juntas e Vote Nelas a Super Campanha #VEMVoteEmMulheres, que buscou incidir nas eleições municipais e modificar os espaços de tomada de decisão, estimulando os eleitores a olharem para a questão de gênero e considerá-la como fator fundamental para construirmos uma sociedade mais justa e menos desigual. Já em novembro e

dezembro do mesmo ano, o GT de Gênero idealizou e realizou a campanha “Raízes: por nós, por nossas ancestrais e nossas descendentes”, no contexto dos 21 dias de ativismo pelo fim da violência contra a mulher.

Figura 15: Logo da Campanha A Parada Não Para, 2020.



Fonte: Instagram do Engajamundo, 2020.

Figura 16: Logo da VEM, 2020.



Fonte: Instagram do Engajamundo, 2020.

Figura 17: Logo da Raízes, 2020.



Fonte: Instagram do Engajamundo, 2020.

Entre as ações desenvolvidas também se percebe histórico de grandes ativistas socioambientais que realizam articulações dentro do Engajamundo e construíram suas histórias de luta em conjunto com a rede, como Paloma Costa, ex-coordenadora do GT de mudanças Climáticas, conhecida pelo discurso na abertura da Cúpula do Clima em 2019, ao lado da ativista Greta Thunberg. Hamangai Pataxó HÃ-HÃ-HÃE, ativista indígena e baiana, conhecida internacionalmente pelas suas reivindicações e movimentações, também é uma das pessoas que desenvolve papéis fundamentais, podendo-se destacar inúmeras

outras personalidades, como Darlly Tupinambá, de Santarém (PA), que compõe o CONJUVE representando a Ong.

Figura 18: Darlly Tupinambá no anúncio de sua entrada no CONJUVE, 2019.



Fonte: Site do Engajamundo, 2019.

Com este cenário sobre os impactos do Engajamundo e algumas de suas ações é possível sinalizar que por meio de metodologias atentas a inclusão e participação de outras vivências dentro dos processos de tomada de decisão, esta se torna um ponto de encontro entre lutas e resistências em suas inúmeras dimensões, desde do espaço internacional até uma mobilização local, em que se considera todas as movimentações realizadas essenciais para impactar as realidades socioambientais e transformá-las através dos seus ativismos e seus desdobramentos.

#### **4.4 Formação do Núcleo Local ENGAJAÉGUA**

Como viu-se anteriormente a Ong possui diversas frentes de atuação para efetivar a participação da juventude na sociedade, entre elas há os Núcleos Locais.

Neste sentido, se fez necessário um diálogo com Débora, a responsável pela implementação dos Núcleos locais do Engajamundo no norte do Brasil, que trabalhou juntamente com Raquel Rosenberg. Débora trouxe a informação que no ano de 2015 partiu dos próprios jovens a ideia de criar grupos locais, sendo uma demanda a necessidade do movimento se estabelecer e criar laços dentro de determinados pontos para encontros. O processo de fundação se deu por meio de estratégias para ampliar a diversidade, fato este que não iria se concretizar caso não se levasse em consideração eixos de impacto para além da região Sul e Sudeste do Brasil. Foi possível, através dos relatos coletados com Débora, sistematizar as etapas de criação dos grupos locais, como pode-se perceber abaixo:

**Quadro 6: Fundação dos núcleos a partir da experiência do comitê facilitador**

ETAPA DO PROCESSO	RELATO
<i>Missão da fundação</i>	<p>Eu acho que essa parte de participar de conferências internacionais é só uma das coisas que legais que engaja faz mais engajamento de movimento local, aí foi uma demanda dos voluntários.</p> <p>Era uma vontade muito grande de chegar mais no Centro-oeste, Norte e Nordeste. E aí a gente ia com muita garra sabendo que qualquer pessoa que a gente se encontra por lá ia trazer muita riqueza para a rede, e era isso que a gente queria, a gente queria uma rede muito mais aberta e diversa.</p>
<i>Dinâmica de entrada</i>	<p>Mas como que a gente faz? A gente ajuda esse jovem que tá agindo localmente? Como que a gente os apoia? Como que a gente deixa também eles sentirem parte da rede, né? Então foi mô crise para quem não sabe administrar uma rede especializada ou uma rede horizontal, mas tinha que ter essa parte mais administrativa e aí para fazer coisas pela organização então foi muito tempo de pensar como construir essa rede porque a gente queria muita participação, a gente queria que se sentissem parte e donos da rede também. Deixamos então bem-marcado “sabe que eu sou de fora, eu não tô aqui para falar para vocês que você tem que fazer, a gente está aqui para trocar”. Eu quero aprender com vocês. Se vocês quiserem aprender comigo é isso que eu sei mas podemos aprender juntos.</p>
<i>Visão sobre a expansão</i>	<p>Existem algumas lutas diferentes, elas podem estar relacionadas com experiências pessoais e tal, mas podem também está relacionada com experiências locais. Eu acho que é muito por</p>

	<p>isso que a gente traz diversidade mesmo, não é a visão da debs, não é a visão da raq, é a visão dessa rede. E aí não é que a rede toda tem uma visão única afinal são, sei lá, 200 jovens no Brasil todo, cada um com uma história, cada um com uma luta, mas que tão juntos para um objetivo comum.</p>
--	---

Fonte: Elaboração a partir da entrevista exploratória com Débora, 2020.

Como pode-se analisar nos relatos acima o processo de formação se deu através de uma busca por expandir o envolvimento de jovens no Engajamundo, ocorrendo de forma sensível aos locais em que objetivou instalar estes grupos, levando em consideração a necessidade de estudos aprofundados para se repensar a própria dinâmica da rede no intuito de haver a inclusão de realidades distintas dentro dos fluxos e atividades. A entrada dentro dos territórios se deu por meio de inúmeras dúvidas sobre a própria essência, afinal o objetivo não era somente levar o Engajamundo para estas localidades, mas fazer com os jovens destes espaços também construíssem a rede, além disso o contato se deu pela busca de aprendizagem coletiva visando colaborações e trocas.

Pretendendo fortalecer grupos que já se articulavam dentro destes territórios, pode-se destacar na fala de Débora a ideia de que cada jovem envolvido possui lutas, as quais se configuram de maneiras e escalas diferentes, mas que, paralelamente, se encontram e constroem caminhos de resistências.

A expansão gerou a entrada do Norte como frente de multiplicação aberto pelo Engajamundo, com grupos ligados a realidade local e trazendo visões sobre debates que não eram rotineiras no cotidiano dos jovens que compunham anteriormente a rede.

Surgiu assim o Núcleo Local de Belém, o EngajaÉGUA.

Cabe sinalizar alguns momentos que marcaram a trajetória do movimento que existe desde 2015 na cidade. Para obter-se informações sobre a fundação do Núcleo em Belém foi preciso estabelecer um diálogo com Endell Menezes, jovem que ativou o grupo na metrópole. O jovem narrou o fato de que em 2014 possuiu necessidade de participar de um movimento voltado para as causas socioambientais, buscou nas redes sociais e encontrou o Coletivo Jovem de Meio Ambiente-PA, tendo acesso a Fórum Brasileiro de Educação Ambiental, em que conheceu diversos ativistas que fomentaram a entrada de Endell no movimento. Após entrar para o Coletivo, reunir pessoas próximas e começarem a fazer ações

voltadas para a realidade da Cidade de Belém, o jovem se deparou com o Engajamundo. Tudo ocorreu:

Em agosto desse ano, a minha coordenadora, me mandou um e-mail dizendo "endell eu descobri um grupo de jovens de São Paulo, que tá montando uma rede em vários lugares, não sei se tem em Belém, entra em contato" e na época o engaja era muito muito mais receptivo com os novos membros, eu me inscrevi no site e no outro dia a flay, a antiga cf, na época era coordenadora de clima, ela fez a recepção, era eu e uma pessoa do rio, e ela foi explicando o engajamundo, e eu fui tentando entender na minha cabeça "pera, mas como é que eu ia ser coletivo e engaja ao mesmo tempo?" depois soube que tipo tu sempre vai ser engaja, independe de ser de um grupo ou atuar pelo coletivo, mesmo que eles tenham pautas iguais. Aí eu falei pra galera que eu tinha me inscrito em algo que tava dando certo, mas aí ainda não tinha falado pro grupo, um tempo depois, acho q um mês depois, a debs, a antiga cf, entrou em contato dizendo "olha, a gente quer aumentar a nossa rede, e quer entrar no norte, vamos ter um teste em Manaus, tu pode ir como Belém e quando tu voltar tu funda o de Belém" foi quando eu fui para manaus com a debs e fundar o grupo local de lá, que era o gabriel, se eu n me engano, ficamos na casa dele e fizemos a formação na casa dele, e quando eu voltei para Belém, uma semana depois já teve uma reunião na casa do Luís, onde eu expliquei o que era o engajamundo, e milhões de dúvidas surgiram, que nem eu sabia responder direito, e como é que a gente vai se engajar com o coletivo jovem, mas era uma oportunidade super boa, o engaja, na época tinha acabado de criar nome por conta das conferências internacionais, ele começou a aparecer na mídia, eu expliquei pra eles como funcionava, que as reuniões eram online, e o engaja tava começando a entender como o grupo local funcionava. (ENDELL, pesquisa exploratória, 2020).

A fala do jovem revela o processo de implementação do Engajamundo na cidade de Belém, mostrando que houveram fatos interligados com a atuação de um ativista em busca de ampliar o impacto de suas reivindicações e do seu grupo na realidade em que estava inserido, sinalizando que anteriormente à chegada do Engajamundo e conhecer a ONG o grupo em Belém já representava outro movimento, o Coletivo Jovem de Meio Ambiente-PA, fato este que por hora trouxe confusões e questionamentos mas com o passar das experiências se tornou parte do cotidiano representar duas frentes, afinal ambas caminhavam para a mesma pauta socioambiental. É possível apreender paralelamente que o processo foi imerso em diversas dúvidas, porém a chance de levar as demandas da Amazônia para outros espaços foi um dos fatores catalisadores para seguir trazendo a Ong para Belém, fato este que ocorreu em um movimento surgido a partir da necessidade de expandir a rede, exigindo que Endell fosse para Manaus e

retornasse à cidade com a missão de fundar o Engajamundo na metrópole, deixando marcado que inicialmente:

Embora a gente não tivesse atuação direta na cidade, nos espaços públicos da cidade, modificando as coisas, por ser estudantes a gente gostava de ocupar os espaços onde as decisões sobre a cidade eram tomadas, eu lembro que nós fomos a uma consulta pública sobre a energia solar Municipal sobre o imposto na ufra, quando tinha uma reunião sobre o plano plurimunicipal que vai falando sobre o abastecimento da cidade, nós estávamos presentes, no fórum mundial da água nos fomos em todas as etapas municipais, então, tudo que afetava a cidade nós queríamos estar participando, primeiro por ser jovem, pq não tinham jovem nesses espaços, e nós queríamos tentar influenciar nessas decisões, quando tínhamos oportunidade de intervir, mostrando nossa visão sobre aquilo, então não sei se pode considerar isso como uma forma de intervenção na cidade, e aí era o que nós fazemos muito, eu fui tanto em evento, quando estavam falando sobre meio ambiente, nós estávamos lá. (ENDELL, pesquisa exploratória, 2020).

Nesse sentido o jovem relata também sobre a falta de visibilidade que o grupo possuía, fato este que se tornava uma problemática em relação a atuação destes ativistas na cidade de Belém, todavia, não foi algo que impediu a articulação na cidade, afinal conseguiram implementar mecanismos para se fazerem presentes em espaços de decisórios na cidade, marcando presença em diferentes segmentos, como será possível constatar a seguir.

#### **4.5 O ENGAJAÉGUA: estrutura e práticas empreendidas de 2015-2021**

O Núcleo Local de Belém, chamado de EngajaÉGUA, possui atualmente uma organização interna baseada em estratégias que buscam ampliar os espaços de participação dos jovens ativistas, assim como ampliar o alcance das atividades que exercem na cidade de Belém-PA, sendo que para trazer à esta pesquisa um entendimento acerca da estrutura que rege o movimento foi essencial estabelecer um diálogo prévio com o ativista Igor Velasco, atual coordenador geral do movimento e ponto focal a nível nacional da Ong. O ativista narrou que a construção da estrutura de funcionamento do núcleo partiu dos voluntários em um esforço coletivo de contemplar as singularidades que desenhavam as pautas defendidas pelo grupo, além de entender habilidades e mensurar impactos que vislumbravam a serem atingidos pelo movimento. Com base no relato de Igor foi possível sistematizar a estrutura do grupo no seguinte quadro:

**Quadro 7 - Estrutura do núcleo local de belém-PA**

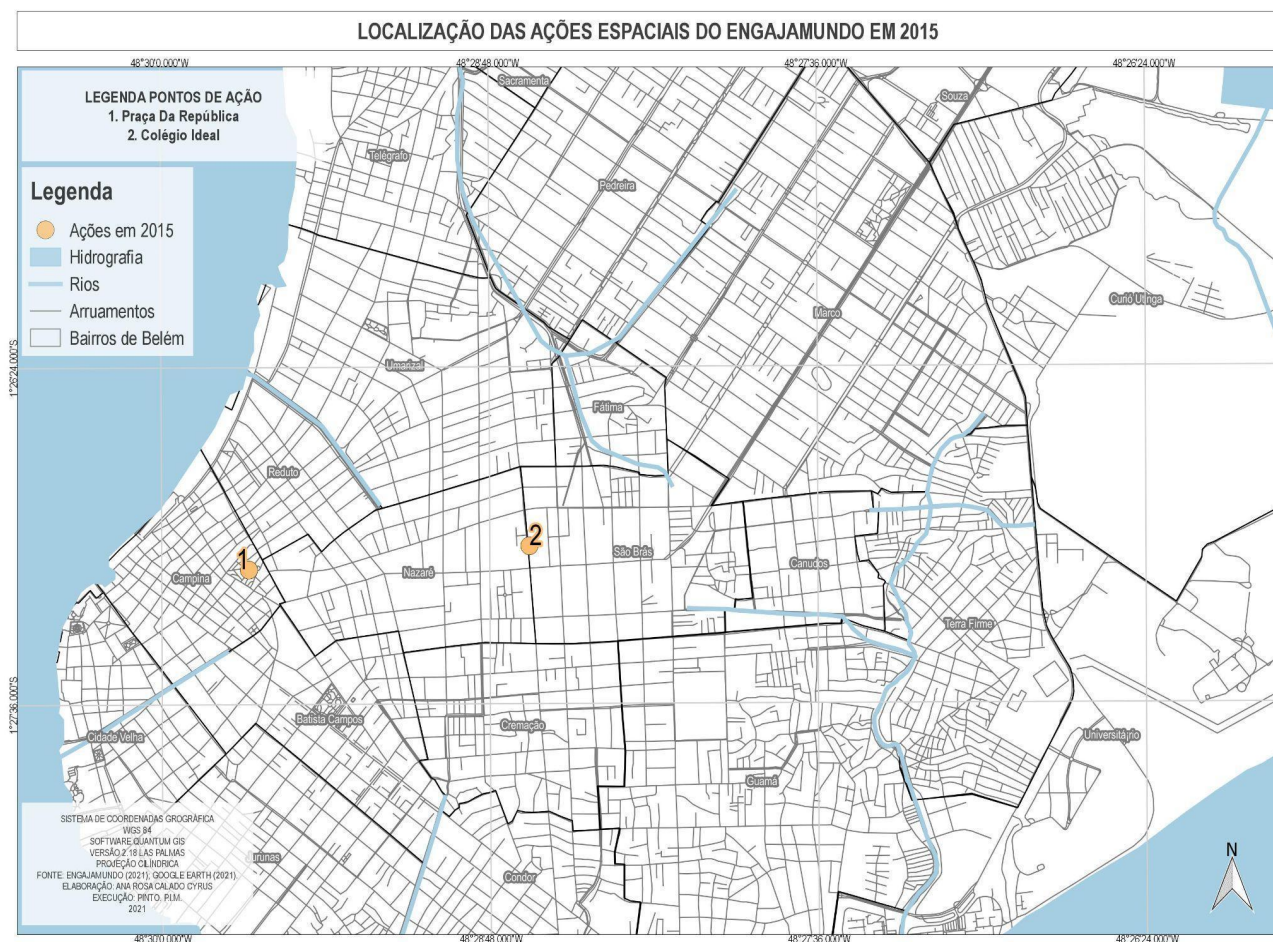
FUNÇÃO	ATIVIDADES REALIZADAS
--------	-----------------------

<i>Coordenação Geral</i>	Gerir os times; avaliar quaisquer tomadas de decisões que envolvam o Núcleo, partindo de autoridades superiores ou inferiores; gerir sugestões e críticas vindas de participantes internos e externos, realizando a gestão em nível geral do movimento.
<i>Time de atividades</i>	Auxiliar a Coordenação Geral, novas ações, mostras, palestras e outras atividades com o público externo,
<i>Time Social</i>	Criação do conteúdo a ser postado nas redes sociais do Núcleo, como a edição e montagem de fotos e vídeos.
Time de Foco	Pesquisar constantemente sobre situações locais envolvendo as pautas do Núcleo e do Grupo; promover novas atividades a serem escaladas para o Núcleo, junto ao Grupo de Gestão de Atividades e à Coordenação.

Fonte: Elaboração a partir de entrevista exploratória com Igor Velasco, 2020.

Esta atual organização se concretiza diante de configurações anteriores do grupo, suas ações e até mesmo dinâmicas que eram adotadas anteriormente para incidir nas pautas ambientais na cidade. Dessa forma, em 2015 o grupo, no dia 21 de junho, ocorreu na Praça da República com os frequentadores do domingo, após isso se alcançou a meta de ser premiado como 3º lugar de pessoas que mais recolheram assinaturas no Brasil. Realizou-se uma feira sustentável nas escolas de Belém do Pará, no dia 20 de agosto de 2015, sendo a primeira edição do Projeto Virada dos Jovens Sustentáveis, na escola particular Ideal. Convidando parceiros para apresentar também no local como: Museu Paraense Emílio Goeldi, Núcleo de Meio Ambiente da UFPA e Unama.

Figura 19: Mapa de Localização das ações em Belém em 2015



Como vê-se na figura anterior, o primeiro ano de atuação se configurou como um momento de atuação para consolidação, com atividades voltadas para espaços educacionais, mas já iniciando sua jornada em espaços públicos, como a praça da República.

Em 2016, como pode-se ver na figura a seguir, houve a primeira ação em uma escola que recebeu o Projeto Ilhas Solares em Mosqueiro (Escola Donatila Santana Lopes). Agosto deste ano foi marcado pela ação com Jovens em Vulnerabilidade Social, com a realização de oficinas realizadas em dois dias em Canaã do Carajás, em que o público alvo escreveu uma carta com possíveis soluções para a realidade do município que foi levada ao prefeito. Houve também a primeira participação no projeto Museu de Portas Abertas, do Emílio Goeldi, realizada no parque Zoobotânico.

Figura 20: Ação no projeto Museu Goeldi de Portas Abertas, 2016.



Fonte: Acervo do EngajaÉGUA, 2016.

É importante salientar que este projeto é voltado para a popularização da ciência, levando para as periferias o contato com o que anteriormente estava restrito somente ao acesso de determinados grupos, tendo assim impacto direto em relação a Educação Ambiental e democratização do ensino no Pará. Além destes marcos, foi realizado no Instituto Federal do Pará em parceria com o Toró Gastronomia Sustentável, montagem de fornos solares e aquecimento de alimentos. é possível ver a especialização a seguir:

Figura 21: Mapa de Localização das Ações de 2016, 2021.

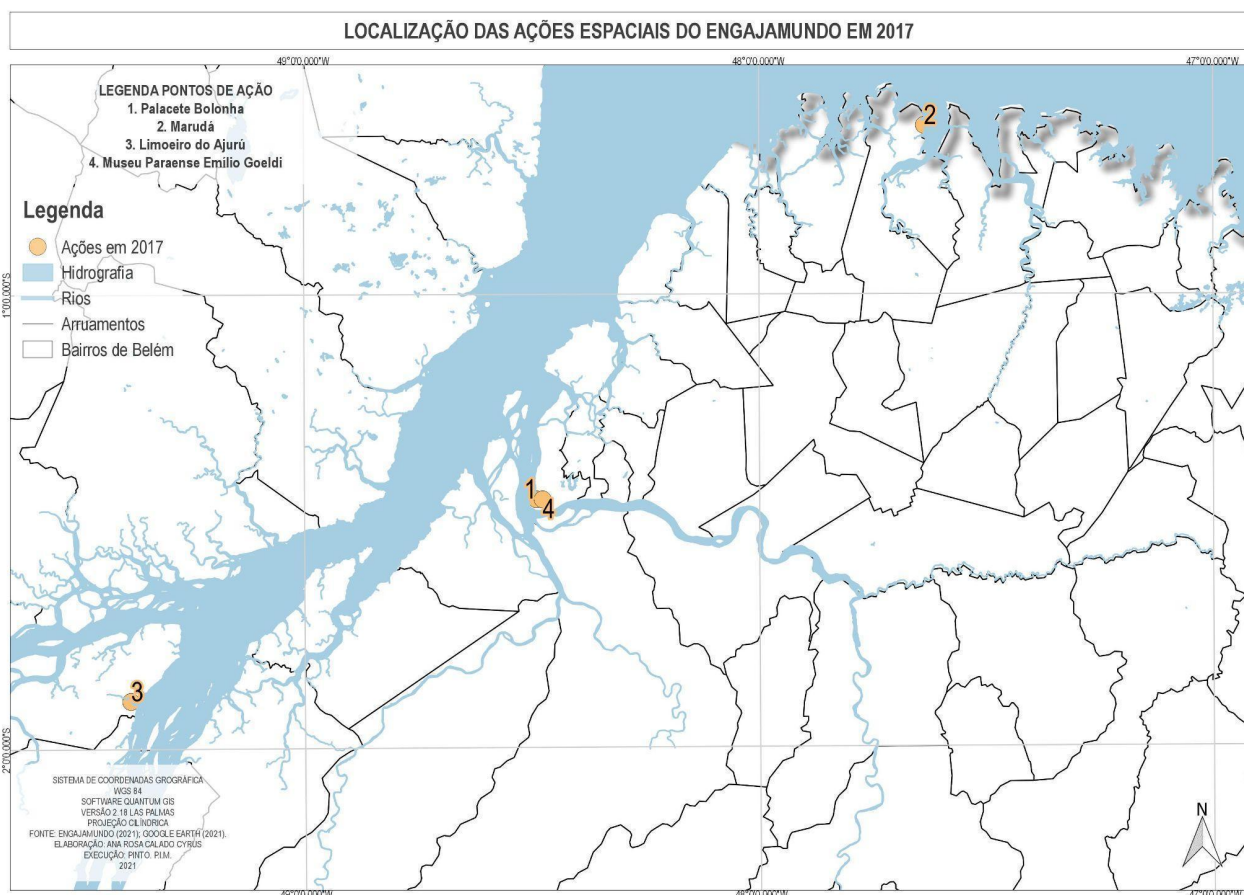


Em ritmo de expansão dentro de Belém e arredores, como se vê no ano anterior, seguiu-se o ritmo em 2017, em que realizou atividade sobre sustentabilidade em parceria com a Associação dos Biólogos do Pará e o Projeto Circular, no Palacete Bolonha, com o objetivo de popularizar a energia solar como solução energética para o Brasil.

O ano foi marcado pela ida do grupo, a convite do Museu Goeldi para exposição no Município de Limoeiro do Ajurú, pela primeira vez. Importante sinalizar que neste mesmo ano houve a mobilização para Apoiar o Museu Goeldi contra o corte de verbas, então o EngajaÉGUA se fez presente, principalmente na articulação que ocorreu no dia 18 de setembro, com distintos parceiros e uma pressão direta levando para frente a importância e ao mesmo tempo as projeções do museu, como a sua significativa contribuição para a pesquisa na Amazônia.

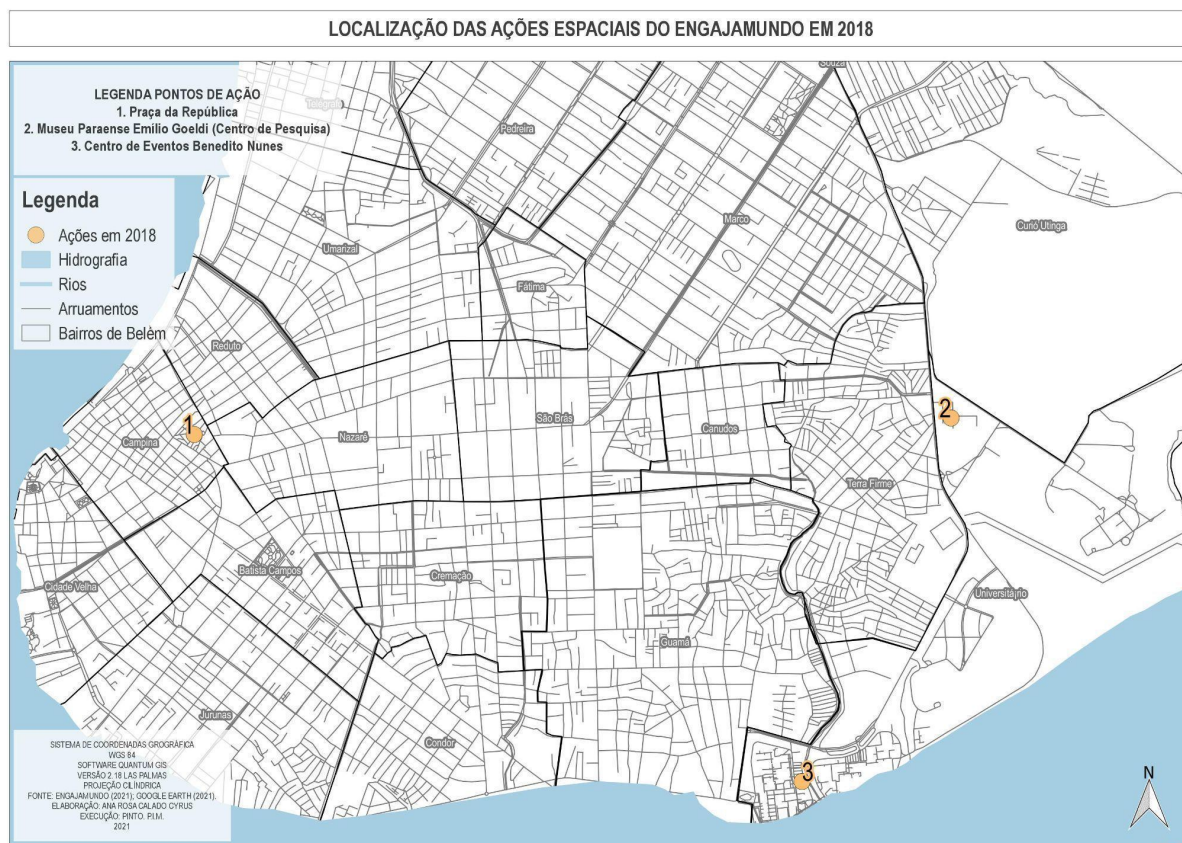
Em agosto do mesmo ano ocorreu a virada sustentável, nos dias 29 e 30, objetivando colocar em evidência as lutas locais de combate às mudanças climáticas, e aumentar a pressão sobre os governantes que estiveram presentes na Califórnia, mostrando a real demanda das pessoas em todo o mundo. Na figura pode-se encontrar os espaços percorridos:

Figura 22: Mapa de Localização das Ações de 2017, 2021.



Como pode-se analisar pela figura acima, o Engajamundo passou a atuar em espaços em que havia firmado parcerias, como com o Museu Emílio Goeldi através do projeto Portas Abertas. Em 2018, houve uma articulação mais voltada para debates com o Engajamundo a nível nacional, como com a campanha SOLução, que foi aplicada na Praça da República e também esteve no Centro de Eventos Benedito Nunes, por meio de exposição de materiais que funcionam através da energia solar, estando presente mais uma vez, agora no centro de pesquisa, no Museu Emílio Goeldi dentro do seu polo localizado na Terra Firme, como é ilustrado a seguir:

Figura 23: Mapa de Localização das Ações de 2018, 2021.



Percebe-se a interação deste com as comunidades paraenses, mostrando assim objetivos e perspectivas travadas pelos ativistas, assim como uma consolidação de ações dentro da cidade.

Em 2019, houve o projeto Ruas Verdes, na calçada da Universidade do Estado do Pará, no Campus de Ciências Sociais e Educação. Surgindo do incômodo com o descarte contínuo e sem critérios dos resíduos sólidos resultantes dos produtos consumidos, os quais criam diversos impactos ambientais, visíveis e muito presentes nas cidades brasileiras. Pensou-se áreas verdes em um local onde as problemáticas ambientais estão se intensificando e causando prejuízos tanto regionais quanto mundiais. O projeto tratou sobre memória e, ao mesmo tempo, debateu consumismo, revitalização e o processo de se criar significados a partir das margens, dos periféricos, renegados e excluídos.

A revitalização de espaços públicos tem impacto direto nas relações que os sujeitos estabelecem com as cidades, todavia, para além de uma ação de revitalização, atua na recuperação das memórias incrustadas nos espaços abandonados nas periferias da cidade de Belém.

O Ruas Verdes trata sobre memória e ao mesmo tempo debate consumismo, revitalização e o processo de se criar significados a partir das margens, dos periféricos, renegados e excluídos. Somos inovadores por partirmos da base da sociedade por meio de um movimento que articula novos/velhos atores como sujeitos coletivos na luta pela causa socioambiental amazônica. Acreditamos que a questão inovadora do projeto é justamente como encaramos as questões ambientais diante do quadro atual da humanidade. A grande defesa do projeto está ligada com a necessidade de desenvolver ações sobre cidades e questões ambientais de forma articulada com a visão socioambiental, metodologias colaborativas, formação política e histórica, enfatizando a necessidade de compartilhar, em âmbito local, conhecimentos, saberes, memórias e experiências para assim criar espaços e processos de aprendizagem significativa nas comunidades paraenses que serão atingidas pela iniciativa.

Figura 24: Projeto Ruas Verdes, 2019.



Fonte: Acervo do EngajaÉGUA, 2021.

Figura 25: Projeto Ruas Verdes, 2019.



Fonte: Acervo do EngajaÉGUA, 2021

O grande lema do projeto é articular novos/velhos atores como sujeitos coletivos na luta pela causa socioambiental amazônica. Além deste projeto, houve também a defesa de Doutorado da Professora Helena Quadros, em que se articulou no ICED- UFPA, uma versão reduzida do Museu de Portas Abertas, sendo este o objeto de pesquisa da tese, ocorrendo então mobilização na universidade.

Participaram do evento como parte da semana do meio ambiente, intitulado “Semana do Meio Ambiente: Os diferentes diálogos sobre a Natureza”, no qual estiveram para fazer a exposição de materiais solares, no Parque do Utinga. Ocorrendo em 2019, também, a exposição solar e formação sobre Educação Ambiental na FEIJ, tendo como público principal crianças e adolescentes.

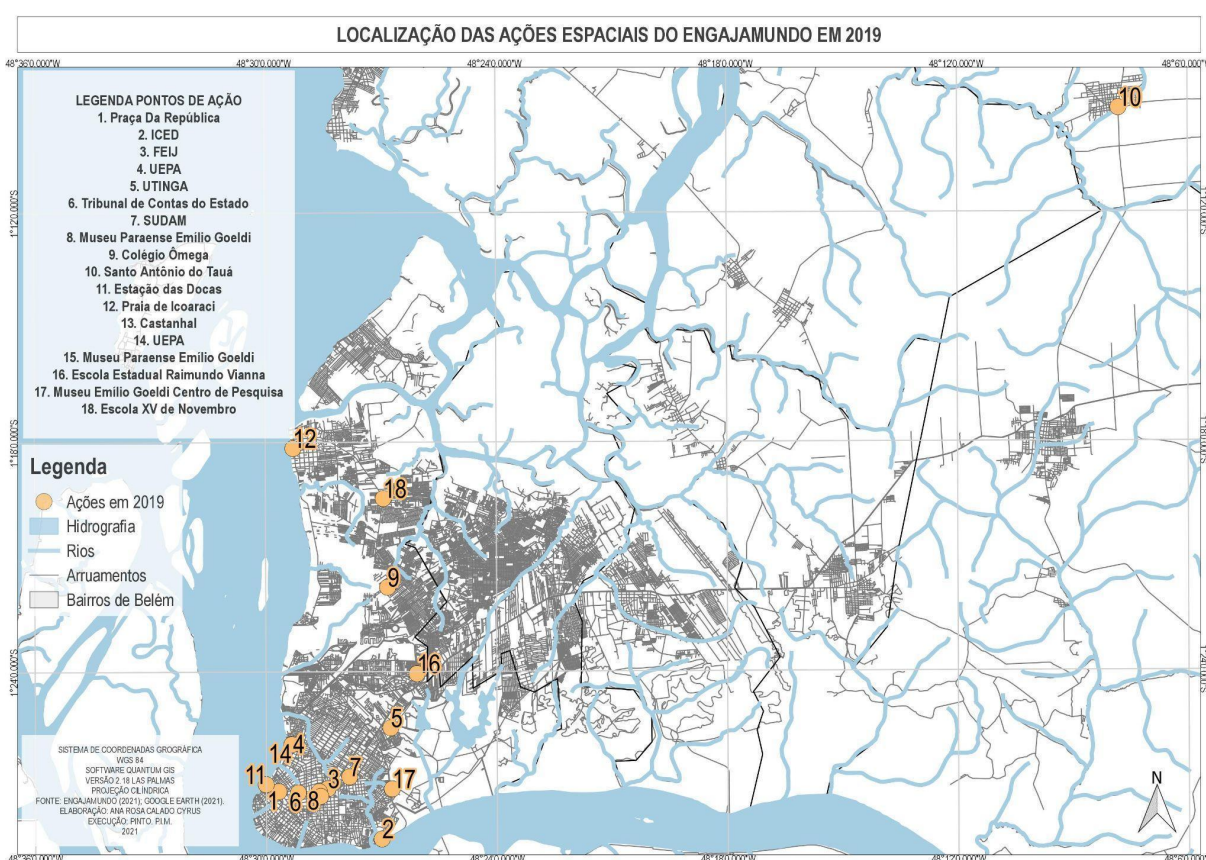
Importante trazer que neste ano houve a expansão do projeto Museu Goeldi para sua forma itinerante, fato este que configurou a caminhada do núcleo local por outros espaços, principalmente escolas, como Colégio Ômega, Escola Estadual Raimundo Vianna e Escola XV de Novembro.

Realizou-se palestras em distintos espaços, debatendo temáticas interseccionais, estando no Tribunal de contas do Estado/PA, alinhando as políticas públicas aos objetivos de desenvolvimento sustentável, assim como no

Auditório da SUDAM, estabelecendo diálogo público sobre também sobre os ODS na região do norte do Brasil.

Em 2019 as ações do grupo se expandiram em espaços públicos, o que de fato mostrou uma maior conexão com a população e aumento do impacto, assim como de ações cada vez mais interligadas com as realidades dos ativistas do grupo, afinal se concretizou uma rede de articulações dentro da cidade, possibilitando uma exploração de pautas antes não trabalhadas. Cabe observar a espacialização das ações a seguir:

Figura 26: Mapa de Localização das Ações de 2019, 2021.



Em 2020 houve o surgimento da pandemia do COVID-19. O planejamento anual e todas as estratégias tiveram que ser remodeladas para o contexto, dessa forma o Engajamundo dentro de Belém também passou a ter outras configurações.

Neste momento surgiram projeções dos ativistas da cidade para outros espaços da ONG, como uma acentuada participação no grupo de Trabalho de Gênero, surgindo ações como a campanha Parada Não Para, em que dois dos coordenadores eram articuladores do EngajaÉGUA, como pode-se conferir no relatório de atividades da ação. Além disso, o Núcleo também se fez presente ao

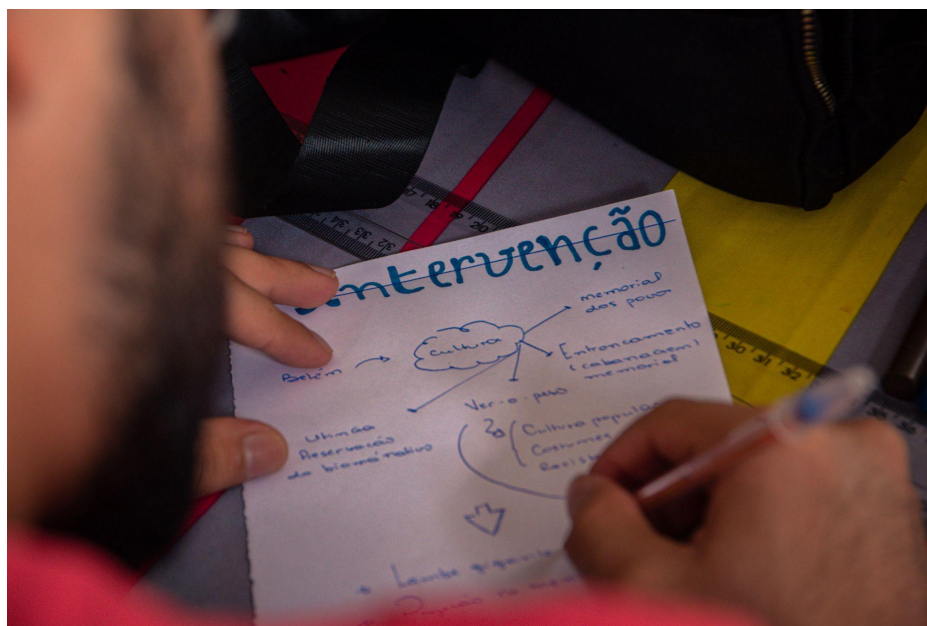
longo do processo de adaptação das metodologias institucionais - *passo a passo do Advocacy e Caminhos para Solução*- através do projeto “Sintoniza no problema, se liga na Solução”, em que teve participantes de Belém como multiplicadores de formações, as quais tiveram temáticas relacionadas com o debate de Gênero e suas correlações com a Amazônia.

Entre estas atividades, houveram as que foram acontecendo através do Núcleo Local, como lives, rodas de conversa e até mesmo movimentos para estruturar o grupo ao novo cenário vivenciado, ligado ao distanciamento social e as diversas problemáticas acentuadas pela pandemia, como crise financeira e sanitária.

Em 2021, em meios a grandes tentativas de encontrar estratégias para consolidar o grupo nesta realidade, o Engajamundo lançou o Edital Ativando Utopias, para financiar seus projetos, cada um com 15 mil reais, como pode-se conferir nas redes sociais da ONG.

O Núcleo Local de Belém teve sua proposta aprovada para a execução do projeto “Receita de Maniva: Programa de Ativação ARTEvistas em Belém”, o qual tem como grande objetivo a atuação da população no seu espaço por meio de movimentação de jovens para os debates voltados a assuntos como patrimônio, desenvolvimento, pressupostos históricos e entre outras pautas regionais, através da lente artística. Este projeto teve inicialmente a formação de ativistas, em que houve a primeira ação presencial de 2021, contando com logística para contenção e medidas de prevenção.

Figura 27: Imersão de planejamento do Projeto Maniva, 2021.



Fonte: Acervo do EngajaÉGUA, 2021.

As ações do programa possuem o intuito de criar artes, através do sentidos, levando a receita da Maniva, uma comida típica da região, como uma analogia ao surgimento de ativistas na Amazônia, principalmente com o fato do ativismo ser plural, sem necessariamente ter um único caminho a ser seguido. É, por meio da arte, mostrar o que está latente dentro de quem luta no cotidiano.

Diante disso, o projeto Maniva, como o grupo chama, é o primeiro deste novo momento de adaptação, além do mais é também pioneiro em relação a tratar de Belém na perspectiva socioambiental levando em consideração como foco principal a vertente cultural.

Como pode-se perceber, o grupo empreende ações e práticas ligadas com a realidade que se torna latente, há diálogos, parcerias e aperfeiçoamento de formas de realizar intervenções ao longo do tempo. É um processo de expansão que ao mesmo tempo se configura como também a consolidação da escala Belém dentro da rede Engajamundo, fato este que sinaliza a descoberta destes ativistas enquanto protagonistas tanto a nível local como nas projeções que realizam ao atuarem em outros espaços da ONG, levando a essência de Belém - *formas de fazer, maneiras de olhar, manuseios para interpretar*- para outros espaços através da luta coletiva.



Procurei durante anos uma forma de fazer pesquisa que estivesse ligada com a sensibilidade e abertura para que histórias fossem contadas. Investigava em cada passo, a cada canto, uma brecha para encaixar uma nova possibilidade de criar. Mergulhei em livros, pensamentos e metodologias das mais variadas, tentativas essas que serviram para abrir portas, interrogações, às quais as respostas estavam cada dia mais distantes de serem encontradas.

Encontrei inspirações, tentei embarcar em um processo de caminhar da mesma forma que pessoas marcantes, históricas, mas essa também se tornou uma tentativa falha. Achava que replicar os feitos de mestres bastaria para conseguir trazer um pedaço da essência da mudança.

Só que o tempo e o aprofundamento me surgiu o aprendizado: a história que conto, até perder o fôlego, é justamente a que precisa ser falada e formas de fazer já executadas anteriormente não contemplam o que tantas particularidades solicitam.

Lidar com esses desafios de encontrar caminhos é também reconhecer que, da forma que vier, o objeto não deve se curvar diante da teoria, afinal se torna um movimento conjunto para expansão.

O grande passo para concretização desta pesquisa só foi dado após o estalo de que andanças tímidas, silenciosas, aparentemente óbvias também causam revoluções e precisam estar aqui, registradas. Esta forma de fazer pesquisa, sem dúvida, pode ser um erro. Há o que temer, mas precisamos encontrar formas para tentar, **é preciso arriscar.**



v

## Palavras-mundo e suas aplicações na dinâmica dos Grupos Focais: As experiências a partir de Belém



As práticas empreendidas pela ONG Engajamundo surgem pela indispensabilidade de lutar diante das disparidades vivenciadas na cidade de Belém, situada no norte do Brasil, em plena Amazônia Oriental, o que exige conhecer os caminhos que desenham a realidade atual da região. Para contextualizar a formação territorial da Amazônia é essencial levar em consideração os distintos contextos e experiências que dela emergem afinal não há como se pensar na região de forma dissociada da sua historicidade. A Amazônia sofreu modificações que se configuraram devido ao contexto de mutações pelos quais os cenários internacionais e nacionais vêm passando. Castro (2017) aponta que essas mudanças estão interligadas a um modelo de desenvolvimento fomentado por distintos agentes buscando instigar a entrada no território de instrumentos para se expandir o alcance e influência do capital. Diante destes instrumentos é essencial afirmar que, de acordo com Castro (2017), na Amazônia há uma gama plural de interpretações do mundo, embaladas por vivências, práticas e saberes que constroem teias de distintas visões, as quais estão conectadas, são indissociáveis, de movimentos por lutas neste território.

Antes de se iniciar o processo de escrita deste capítulo foi essencial refletir sobre o que contar nestas páginas. Este ato exigiu um grande deslocamento para aprofundar-me em uma leitura da Amazônia que não fosse interpretada sob um olhar de cima- *o olhar de quem não vive, de quem não sente*-, então as palavras que virão possuem o intuito de falar sobre o que se passa aqui, acerca do que lateja.

A necessidade de se criar um movimento para recontar a história é também uma busca para se criar memórias dos processos de resistências que embalaram a constante luta dos povos na busca por sobrevivência. Temos territórios invadidos. Temos terras queimadas. Corpos sucumbem diante da exploração.

Portanto, ao longo da coleta de dados foram usadas, como já exemplificadas no capítulo metodológico, a dinâmica de grupos focais gerados a partir de uma análise profunda do cotidiano do grupo, no sentido de trazer categorias relacionadas com pontos sensíveis da relação do grupo interna e ao mesmo tempo da projeção de suas ações na cidade de Belém. Partindo disso foram construídos os seguintes grupos, categorias e questões para coleta ao longo do debate:

**Quadro 8: Roteiro de sessões.**

FAZER	ESTRATÉGIAS	VIVÊNCIA
1- O que é Engajamundo? 2- Quem são vocês dentro do Engajamundo? 3- Como funciona o diálogo com as demais partes do Engaja? 4- O que vocês mais aprenderam como ativistas aqui em Belém na rede? 5- O que as outras partes do Engajamundo ensinaram para vocês?	1- Vocês possuem estratégias próprias para fazerem as coisas acontecerem? 2- Quais são elas e estão ligadas com o que? 3- Como vocês criam as suas estratégias? 4- Como vocês escolhem os lugares que precisam fazer as ações em Belém? 5- Quais os resultados delas? Quais coisas vocês aprenderam ao serem ativistas juntos?	1- O que é lutar pela Amazônia? 2- Como é ser um núcleo local da Amazônia no Engajamundo? 3- O que vocês enfrentam de problemas ambientais em Belém na realidade de cada um de vocês? 4- Quais os problemas que vocês já lutaram pra reverter? 5 -O que é o engajamundo na Amazônia?

Fonte: Roteiro de entrevista de campo, 2021.

Como pode-se perceber, as perguntas que foram apontadas como essenciais para o diálogo assumem caráter de guiar a conversa entre os sujeitos, todavia, ao longo da aplicação, não foram especificamente exploradas, já que em alguns relatos as respostas interseccionam com o debate sem necessariamente se fazer alusão direta a temática, ou seja, em muitos momentos surgiram os dados por meio de relações existentes entre os debates. Tendo em vista tal roteiro metodológico, foram considerados com sujeitos da pesquisa os perfis a seguir:

**Quadro 9: Sujeitos da Pesquisa.**

IDADE	LOCALIDADE	TEMPO COMO VOLUNTÁRIO DO ENGAJAMUNDO	ESPAÇOS DE ATUAÇÃO NO ENGAJAMUNDO
21	Jurunas	2 anos	participei do GT Gênero e do núcleo local
22	Telégrafo	Menos de 6 meses	Participei fazendo alguns vídeos pro instagram do Núcleo Local
23	Marambaia	2 anos	Participei de atividades, mobilizações nacionais, várias capacitações e eventos sobre advocacy, assisti palestras, lives, apoiei campanhas, participei de GT e coordenei um núcleo local.

25	Curió utinga	6 anos	Participei de ações, encontros, projetos.
25	Pedreira	5 anos	Participei das campanhas solar e da água. Fui coordenadora de campanha. Participei de um intercâmbio de jovens. Participei de vários encontros do engajamundo Participei de várias ações locais.
21	Cremação	2 anos	Participei de imersão, sou ponto focal e participei de alguns eventos de educação ambiental
20	Pedreira	2 anos	Atuou no gt de gênero no time de recepção e acolhimento de membros além de participar do núcleo local de Belém/PA
17	Águas lindas	1 ano e 6 meses	Participei de eventos e ações dentro do GT Gênero e hoje estou como coordenadora do NL de Belém.
25	Pedreira	6 anos	Participei de projetos, encontros nacionais, ações de ativismo, oficinas, publiquei trabalho com foco nas atividades do grupo.
22	sacramenta	3 anos	Ações de mobilização do Núcleo Local
23	Satélite	2 anos	Ações de mobilização do Núcleo Local
22	Terra Firme	1 ano	Ações de mobilização do Núcleo Local
21	Icoaraci	3 anos	Ações de mobilização do Núcleo Local

Fonte: Roteiro de entrevista de campo, 2021.

Ao longo dos grupos focais estes perfis foram encaixados de acordo com o tempo da organização e locais em que atuou dentro do Engajamundo, dessa forma a composição destes círculos foi realizada de maneira em que realidades de distintos espaços, de tempos e atuações distintas se encontrassem ao longo da dinâmica, propiciando uma diversidade de olhares sobre as categorias exploradas.

### 5.1 Amazônias e Vivências: caminhos sentidos, não somente narrados

Malheiro, Porto-Gonçalves e Michelotti (2018) refletem acerca do movimento necessário de analisar-se e inscrever-se a história da Amazônia a partir das ruínas do passado que influenciam diretamente nos cenários atuais, evidenciando a questão de que o capital deixou marcas na região e a transmuta por meio dos instrumentos de colonizar para um simples lugar a ser domado, uma imensidão vazia, pensamentos este advindo justamente de uma violência que lê a Amazônia apenas como um conjunto de lembranças de algo que nunca existiu concretamente, não possibilitando a ela nem mesmo o direito à memória de histórias que aqui se fizeram reais. Retira-se também a possibilidade de sentir que existe um presente, no agora, para os que neste território lutam pelas suas trajetórias.

Os autores propõem que não há como ler-se a Amazônia apenas a partir de uma trajetória linear resultante do projeto de expansão do capital, mas se torna fundamental mergulhar-se nas brechas abertas, pois estas revelam outra face da dominação, a vivenciada pelos que tiveram seus corpos invadidos e suas naturezas sucateadas. Os que tiveram suas particularidades engolidas, em detrimento das glórias e ascensão do colonizador, desenvolveram tecnologias de sobrevivência, com uma gama de articulações, estratégias e ensinamentos que se configuraram como movimentos de resistência diante do contexto de flagelo imposto.

É preciso conhecer a história da Amazônia a partir de um olhar que busque romper as amarras coloniais, que notam a região como apenas um lugar a ser dominado e domado. Souza (2009) reflete sobre o fato de que existe uma ampla gama de interrogações e palpites acerca do início da caminhada do ser humano na Amazônia, havendo então inúmeras explicações que pretendem explicar a chegada no território.

Souza (2006) traz um fato que convida muitos a (re)pensarem a história que é contada acerca da Amazônia: a chegada de Chineses anterior ao fato de europeus pisarem nas terras do Novo Mundo, através de expedições que não pretendia encontrar recursos, mas sim entendimentos sobre outras realidades para agregarem ao seu Império. O autor ao trazer as navegações trilhadas pelos Chineses busca firmar o pensamento que os europeus não foram os primeiros a pisarem na Amazônia e que, muito menos, quando o fizeram, foi através de instrumentos próprios, afinal seguiram as pegadas já deixadas por outras sociedades.

Existe uma significativa barreira para se entender a região, todavia, se torna um equívoco, como leva a refletir Souza (2009), acreditar que as trajetórias dos

sujeitos amazônidas iniciam-se apenas após o contato com europeus, já que já havia ali uma complexa forma de existir, com meios de desenvolver processos como agricultura, com as contribuições advindas dos indígenas. É viável afirmar então que a Amazônia nunca foi um vazio, já que:

Quando os europeus chegaram, no século XVI, a Amazônia era habitada por um conjunto de sociedades hierarquizadas, de alta densidade demográfica. Ocupavam o solo povoações em escala urbana, possuíam sistema intensivo de produção de ferramentas e cerâmicas, agricultura diversificada, uma cultura de rituais e ideologia vinculadas a um sistema político centralizado e uma sociedade fortemente estratificada. (SOUZA,2009, p. 38).

Ou seja, ao chegarem no território não viu-se um espaço sem finalidades e significados, pelo contrário, encontrou-se uma dinâmica de fluxos que revelava a complexidade dos povos, distintos entre si, mostrando as diferenças entre os que se desenvolviam em terra firme e outros que habitavam as beiradas, expressando uma diversidade significativa de expressões que lidavam e constituam formas diferentes de construir, segundo Souza (2006) a *Cultura da Floresta Tropical*, um rico meio de organizacional social que partia de práticas agrícolas, o que revela o fato de não haver uma linha homogênea em que fosse possível interpretar todas as comunidades com base em apenas um olhar ou uma única verdade.

Trazer estas interpretações acerca da Amazônia e sua História, mesmo que de forma introdutória, Porto- Gonçalves (2018) situa que para se estabelecer novas alternativas e olhares para a Amazônia é preciso caminhar-se para debates interculturais, criando-se debates diretamente com quem sente em suas vivências as consequências do avanço da concepção opressora sobre a região. Diante da necessidade deste movimento, é essencial refletir-se sobre a seguinte interrogação: *Como ler-se as Amazônias sem ter como ponto de partida o olhar colonial?*

Porto- Gonçalves (2005) reflete sobre como as particularidades das Amazônias - *no plural para representar os distintos lugares e cenários que esta abarca*- foram inferiorizadas em detrimento do avanço das infraestruturas modernas sobre o território, que trazem consigo não apenas propostas de incorporação do neoliberalismo, mas também destinam ao lugar e aos que ali estão, enquanto consequência, o flagelo. Neste sentido, Castro (2017) evidencia que existem contaminações vindas do olhar colonial, as quais impedem a visualização dessa diversidade, afinal:

O avanço da modernidade e do neocolonialismo na Amazônia atual impõe um padrão referido à lógica de mercado que a transforma, de modo restrito,

em lugares de negócios. É necessário empreender novas leituras sobre a Amazônia capazes de frear as interpretações lacunosas e equivocadas da ciência, e dos discursos dominantes que realimentam, ainda, as idéias coloniais de Amazônia homogênea, vazia e fonte inesgotável de recursos. (CASTRO, 2017,p. 36-37).

Inúmeros cenários se desenrolaram na Amazônia em nome de um possível (des)envolvimento, visando integrá-la ao restante do país, intensificando o crescimento populacional, mudanças culturais, alterações políticas e entre outras questões que tomaram outros rumos a partir das novas configurações que se impôs à região.

Porto-Gonçalves (2005) fala sobre as drogas do Sertão, no período colonial, movimento que pretendia suprir as necessidades de avanço e exportação do mercado europeu, surgindo inúmeros embates ligados às explorações dos recursos naturais.

Após, vê-se, de acordo com Porto-Gonçalves (2005), o período de intensa extração de látex, importante símbolo da revolução industrial, que marcou o avanço desta prática com o surgimento do processo de vulcanização em 1839, sendo importante afirmar que houve a chegada de novos personagens na organização local, porém, não este momento não pode ser considerado um marco de avanços para a população em geral já que o crescimento de recursos e benefícios foram destinados a poucos, afinal alimentava ciclos distintos que ocasionaram a dependência econômica existente entre os extratores-seringalistas e o seringalista. Após este momento, veio a crise do seringalismo devido a intensificação da produção asiática, o que trouxe consigo a diminuição de conflitos gerados pelo sistema que não colocava como foco o desenvolvimento da região levando em consideração as questões que emergiram do povo.

Dentre esses movimentos de integração houve esforços vindos em 1953, no governo Vargas, que veio a incentivar o desenvolvimento por meio da industrialização na região e um intenso estímulo à migração, objetivando ligar a região ao restante do país. Após, de acordo com Oliveira (2018), o governo de Juscelino Kubitschek, veio com uma proposta de em cinco anos entregar ao Brasil os avanços que não foram realizados em cinquenta, tendo metas que priorizavam destinar incentivos fiscais para novas iniciativas que viessem a se instalar na Amazônia para se ocupar o espaço.

Em 1964 houve o início da Ditadura Militar em que projetos de desenvolvimento foram impostos e assim se desenhou um objetivo para a região de acordo com os interesses do período e sua ideologia, havendo a construção de obras como as hidrelétricas de Tucuruí e Itaipu, a abertura da Transamazônica. Santana (2009) situa que esses movimentos de integração foram rotas para buscar integrar a região ao sistema ditatorial em que o país estava imerso, afinal havia uma constante mobilização para modernização e crescimento obedecendo os padrões trilhados pelo regime. Neste período vieram criações como Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia- SUDAM, que buscava incentivar a ida de pessoas para a região, com o surgimento também do Instituto de Colonização e Reforma Agrária- INCRA, em 1967, e o Plano de Integração Nacional- PIN, no ano de 1970, buscando ocupar a Amazônia para o crescimento do Brasil.

Estas ações tiveram graves resultados que até a atualidade estão presentes na formação da Amazônia, além da desapropriação e dos problemas socioambientais que foram se desenrolando no cotidiano dos amazônidas com a busca pela interação da região com o restante do país, percebe-se também os efeitos causados por obras como a transamazônica, em que até a atualidade se articulam diversos conflitos, seja com indígenas, pelo autoritarismo em nome do avanço, nos confrontos que resultaram em mortes principalmente nas questões do trabalho e ambientais que foram desencadeadas pela devastação desenfreada dos recursos locais. Cabe afirmar então:

As dinâmicas recentes no Brasil, desde a primeira década deste século, mostram o paradoxo de uma legislação ambiental avançada, a aprovação de dispositivos legais e institucionais, mas cujo desafio de manter a floresta em pé se torna impossível pelo avanço da fronteira do capital floresta adentro. O paradoxo também de reconhecimento de direitos à terra como bem comum, de povos indígenas e quilombolas, ao mesmo tempo que financia o avanço rápido da pecuária, das plantações de soja e dos megaempreendimentos em direção a esses territórios. Tais problemas definem a geografia dos conflitos no encontro dessas frentes. (MALHEIRO E CRUZ, 2016, P. 26).

As problemáticas socioambientais na Amazônia são frutos do avanço do capital e dos distintos instrumentos de manutenção da colonialidade da natureza que surgem quando se vê a floresta como uma moeda de troca. Malheiro e Cruz (2016) situam que a natureza quando vista como uma barreira, a ser domesticada, corrobora para a efetivação e instrumentalização dos ideais vindos da necessidade do avanço do (des)envolvimento, em que vê-se a natureza como depósito de

recursos a serem explorados para servirem ao mercado, impondo como normas o ato de engolir a diversidade por meio da implementação de projetos que normalizam a obliteração das particularidades territoriais, surgindo o questionamento “Serão necessários quantos desastres ambientais para que deixemos de naturalizar essa visão instrumental e predatória da natureza e passemos a pensar outros modos de agir observando a preservação da natureza, considerada como portadora de direitos?” (MALHEIRO E CRUZ, 2016, p.29).

De acordo com Castro (2017) os movimentos sociais que se desdobram para lutar diante da realidade socioambiental na Amazônia carregam pautas interligadas com as distintas violências que sofrem em detrimento da expansão do (des)envolvimento, reagindo diante de grandes projetos, como hidrelétricas, questionando a desterritorialização de distintos povos, com seus saberes e distintas vivências, devido aos interesses dominantes que por meio de processos de violências desenham as realidades, todavia:

Apesar dos grandes projetos se constituírem por processos de territorialização de exceção, a geo- grafia por eles esboçada é, também, uma geo-grafia marcada por lutas, conflitividades, antagonismos, r-existências. Os grupos atingidos/afetados não são passivos, ao contrário, são protagonistas de lutas e enfrentamentos e demonstram sua força construindo táticas de resistências, movimentos, organizações, redes, alianças, repertórios de ações coletivas, ou seja, reinventando outras possibilidades de vida, mesmo diante de condições precárias em contextos de exceção. A luta dos povos e comunidades em defesa dos rios, das florestas, da terra, das riquezas minerais é uma luta em defesa da vida, que tenciona e politiza os processos e os sentidos de apropriação da natureza. (MALHEIRO E CRUZ, 2016, p.29).

Os territórios de luta que surgem com a chegada dos grandes projetos se configuram como o surgimento de uma geografia de (re)existências criada a partir de processos voltados para a sobrevivência, em um sentido voltado para não somente o ato de existir mas também enxergando saberes, territórios e outras distintas manifestações que emergem dos sujeitos como extensões do ato de viver, afinal de contas, como trazem os autores, quando estes grupos solicitam e exigem domínio sobre seus territórios não estão pedindo apenas autonomia para gerir terras, estão mostrando que seus territórios carregam a dimensão material do ato de existir já que guardam significados - *ligados com o falar, sentir e construir*- afinal “território agrega uma espessura, uma densidade, pois traz os conteúdos históricos e existenciais desses grupos, uma vez que é suporte material da cultura, da memória,

da ancestralidade e dos saberes acumulados ao longo do tempo.” (MALHEIRO E CRUZ, 2016, p. 29).

Diante dessa amplitude de questões ligadas com a Amazônia, é importante tratar da ação da ONG Engajamundo dentro dessas realidades, a partir de uma visão voltada para entender contextos de luta, pode-se então conferir relatos sobre estas essências na tabela seguinte:

**Quadro 10- Lutas pela Amazônia**

Grupo Focal (GF)	<p align="center"><b>Pergunta:</b> O que é lutar pela Amazônia?</p>
I	<p><i>Ativista I:</i> como eu disse na primeira pergunta é amar a terra e se revoltar com as injustiças que acontecem contra ela, essa sensação de pertencimento, nasci aqui nessa terra, ela que me criou, essa terra me acolheu. Tu tens noção de que tudo é um sistema interligado, nada fechado, então tu passas a ter uma visão não só daqui, não só preservar a Amazônia, mas o mundo inteiro. E lutar por justiça também está ligado com a questão da resistência. Isso faz com que as outras pessoas dos outros cantos do país vejam que aqui tem gente que se importa com o lugar e quebrar a imagem errada que eles têm da gente.</p> <hr/> <p><i>Ativista II:</i> Eu acho que colocar em prática, continuar a propagação da questão ambiental social dentro da Amazônia é fortalecer essa união e mostrar aqui nossa vivência. Que é uma luta longa e ao lado das pessoas que lutam pelas causas urgentes, um aprendizado contínuo, diário e bastante ativismo para gente conseguir fazer pequenas e grandes ações, com grandes transformações de modo geral, propor soluções para que esses problemas sociais e ambientais consigam ser solucionados levando em consideração todo o ambiente cultural e social.</p> <hr/> <p><i>Ativista III:</i> É lutar por ti, por teus antepassados. Pela tua história, por tudo o que ainda está por vir, ou o que já aconteceu. Não esquecer feridas, nem tentar fechar, mas cuidar pra que os nossos existam.</p>

<p>II</p>	<p><i>Ativista I:</i> A gente carrega muita coisa e as vezes nem consegue falar do nosso próprio problema da Amazônia, então é quase um descobrimento sobre quem somos e também desenhar algo novo por meio da luta.</p> <hr/> <p><i>Ativista II:</i> Eu mencionei anteriormente que os olhos do mundo estão voltados para Amazônia porque tudo a gente encontra aqui desde a riqueza natural né quem por isso que a gente tá sendo degradado, cheio de pobreza social que desde o começo a gente tá mercê da violência. Desde o início da colonização, isso interfere na qualidade inferior em relação à educação, saúde, segurança, saneamento básico então a gente sempre tá no olho do furacão. E aí tem uma carga muito forte em cima do o nosso grupo assim quando eu falo do nosso grupo em relação às pessoas, a gente enfrenta por viver nesse território e também dos nossos anseios porque a gente tem o anseio da mudança de tempo inteiro. Ser um grupo na Amazônia está longe de ser algo bonito, de ser romantizado, é perigoso, doloroso.</p> <hr/>
<p>III</p>	<p><i>Ativista I:</i> quando a gente se fala de lutar pela Amazônia é uma coisa vem coisas bem complexas na cabeça porque enfim lutar pela Amazônia às vezes custa a própria vida aqui por exemplo no estado onde a gente mora né então quando a gente fala ele lutar pela Amazônia a gente tá falando de lutar pela maior floresta, com maior biodiversidade do mundo e aonde a gente vive.</p> <hr/> <p><i>Ativista II:</i> É lutar pela nossa realidade, lutar pela sua realidade. Quando a gente luta para agora, para nossa realidade subjetiva, a gente luta pelo futuro todo e pelo nosso mundo, por uma importância Global sabe, não é só a nível Regional ou Nacional. Tanto que nos acordos de clima e etc tem várias empresas que incidem no Brasil por causa da Amazônia e às vezes pagam instituições para cuidar da Amazônia em para lutar pela Amazônia. Então não é mais do que o nosso papel enquanto amazônidas lutar e defender aquilo que a gente acredita que a gente vive, que a gente convive e que a gente tenha que ter essa importância na cabeça sabe de que é onde eu moro. E esses espaços precisam ser criados com a gente dentro, não tem como fazer isso com outros falando pela gente, eu quero falar do que vivo e vou falar, vou lutar por isso.</p> <hr/> <p><i>Ativista III:</i> É entender toda sua complexidade né os povos tradicionais da região onde o ribeirinho mora por exemplo o tipo de cultura que existe aqui é lutar por tudo isso. Não só pela primeira coisa que vem na nossa cabeça né proteger a fauna e a flora enfim tem pessoas que moram aqui, que faz parte de todo esse contexto Global, essas outras Amazônias, entender toda a complexidade que Amazônia traz todas as cidades que ela é e por nós morarmos aqui numa região diga você muito mais urbanizada que é uma capital na Amazônia.</p> <hr/>

No **grupo focal I** a visão sobre a luta socioambiental na Amazônia está interligada com uma sensação de pertencimento e ao mesmo tempo com uma relação direta com os conflitos que emergem das injustiças, dessa forma é marcada

pelos entrevistados uma noção da qual a Amazônia se faz também como produtora de significados e mundos, estando para além de um simple local a ser desenvolvido, que virá a ser algo, afinal as pessoas que compõe a mesma, a fazem e refazem em seus cotidianos, possuem particularidades que não podem ser desconsideradas e violadas. A luta socioambiental travada pela ONG também se faz próxima a um, como aponta ativista II, a um “aprendizado contínuo, diário e bastante ativismo para gente conseguir fazer pequenas e grandes ações e com grandes transformações”, revelando então que as práticas e ações realizadas ao longo dos processos em sua maioria estão direcionadas para gerar mudanças, independente de quais sejam ou até mesmo qual o nível de impacto, do micro ao macro, todas as mudanças são consideradas necessárias para os objetivos e estratégias criadas pelo grupo.

Ativista II situa uma outra visão sobre a questão ao relatar que “quando a gente luta para agora, para nossa realidade subjetiva, a gente luta pelo futuro todo e pelo nosso mundo, por uma importância Global sabe, não é só a nível Regional ou Nacional”, ou seja, a luta socioambiental travada não é somente sobre o agora, sobre o vivido neste momento, mas sobre também a quebra das amarras para um futuro, o qual esteja situado em um cenário que não seja somente parte da agenda em níveis locais, regionais e até nacionais, mas sim onde a Amazônia, em suas múltiplas dimensões, seja vista como parte fundamental da discussão global, através da participação de sujeitos amazônidas dentro dessa escala, os quais também precisam estar dentro do processo de construção desses espaços, do contrário não há possibilidade de criar-se agendas e mobilizações inclusivas e democráticas, como aponta o entrevistado “Esses espaços precisam ser criados com a gente dentro, não tem como fazer isso com outros falando pela gente, eu quero falar do que vivo e vou falar, vou lutar por isso”.

Nessa mesma linha o ativista III traz uma noção voltada para um diálogo intergeracional, colocando sobre a luta também ser sobre a história e paralelamente em debate com futuro, como uma soma, em que o resultado está inteiramente interligado com os desdobramentos do presente.

O **grupo focal II** caminhou por uma interpretação mais interligadas com as dúvidas que surgem a partir do questionamento, tratando sobre a complexidade que é pensar-se Amazônia, apontando para as entranhas presentes nos miúdos, no quase não visto, no esquecido, sendo assim, a luta ambiental na Amazônia, sendo

realizada pelos seus sujeitos, também se caracteriza como um momento de descobrimento identitário e de entender sobre origens.

O ativista II direciona seu relato para uma análise também das heranças coloniais, apontando para como “os olhos do mundo estão voltados para Amazônia, porque tudo a gente encontra aqui desde a riqueza natural, a gente tá sendo degradado, engolido, cheio de pobreza social que desde o começo a gente tá mercê da violência”, fato este que discute diretamente com a noção de colonialidade e as consequências deste processo na atualidade, como Cruz (2018) introduz quando trata sobre a noção dos distintos instrumentos de violação desenvolvidos pelo sistema colonial para homogeneizar e obliterar todas as formas de se estar/sentir o mundo diferentes das que se prega como padrão.

Neste caminho de violência, o **grupo focal III**, inicia o relato tratando sobre os riscos do ativismo na Amazônia, recaindo em um debate voltado para a complexidade de lutas que se projetam também como formas de existências na região, dessa maneira, o ativista III traz que é “entender toda sua complexidade, dos povos tradicionais da região, onde o ribeirinho mora por exemplo o tipo de cultura que existe aqui, é lutar por tudo isso. Não só pela primeira coisa que vem na nossa cabeça, né, proteger a fauna e a flora enfim, tem pessoas que moram aqui né, que faz parte de todo esse contexto Global com a Lia, disse então lutar pela Amazônia é entender toda a complexidade que Amazônia traz todas as cidades que ela é e por nós morarmos aqui, numa região diga você muito mais urbanizada que é uma capital na Amazônia”, ou seja, a região não pode ser interpretada apenas pela sua riqueza material, mas é necessário saber-se da dimensão social como também uma parte significativa da questão ambiental, de fato, olhar-se para um sistema integrado, sem fragmentar ideias, estruturas e ao mesmo tempo vivências. Após este momento de reflexão, partiu-se para uma ligação direta entre o Engajamundo e a região, como pode-se analisar a seguir:

#### Quadro 11- Engajamundo na Amazônia

Grupo Focal (GF)	Pergunta: O que é o Engajamundo dentro da Amazônia?
------------------	--

I	<p>Ativista I: O engaja dentro da Amazônia é um lugar de oportunidades e divisibilidade da nossa potência enquanto Juventude sabe é um que tá levando a gente eu não gosto muito de usar a palavra tirando mas levando a gente daqui para a lugares de tomar as decisões que a gente talvez nunca iria conseguir alcançar né então eu acho que o engaja dentro da Amazônia é essa ponte entre a gente e o mundo.</p> <hr/> <p><i>Ativista II: Internet falhou.</i></p> <hr/> <p><i>Ativista III: É a busca por levar a nossa voz para fora a gente conseguiu emergir em lugares que a gente jamais imaginaria né eu, aqui de Belém como eu estar em outro lugar né então a gente ganha uma ponte que facilita muito que a gente consiga levar nossa voz que a gente consiga ser ouvido em lugares que jamais conseguiríamos chegar.</i></p> <hr/> <p><i>Ativista VI: Internet falhou.</i></p> <hr/>
II	<p><i>Ativista III: eu acho que é muito importante ter a presença aqui né E aí falando um pouco do Pará a gente tem outros grupos locais aqui no Pará também e é justamente é importante ter mais de um pela extensão territorial, tão grande o problema que a gente tem em Belém na região metropolitana não é o mesmo problema que a gente tem no Pará todo por exemplo. Fazer esses contatos é uma coisa que que faz a gente se integrar mais sabe. E aí não falando entrega da ONG Mas falando das pessoas que estão aqui né E aí quando eu falo direto da onde eu vejo que eles têm uma certa preocupação principalmente com a nossa segurança por a gente tá meio muitos conflitos né E também que eles buscam uma coisa que é muito importante que é justamente coloca a gente no local de fala quando é necessário né e saber que existem pessoas que atuam na Amazônia e que as pessoas merecem merecem não essas pessoas precisam ser ouvidas precisamos estar nas faltas que conversa desde E aí é isso eu vejo que o acho que estão ela valoriza bastante voluntários daqui nesse sentido e que também é que Em contrapartida a gente deveria traçar também uma estratégia de construção para gente estar mais participativo né nesse momento ah sobre isso eu acho que é importante que tem esse lugar, eu acho que é um direito nosso também né fazer parte da dessa região então é tipo assim é confortante saber que qualquer carro de fala a gente vai estar lá Amazônia vai estar representada por que o tem se preocupado com isso entendeu e acho que é isso.</i></p>

III	<p><i>Ativista I:</i> Importante encontro de ideias que podem se transformar em ações super legais que vão engajar a população principalmente a população jovem e são os integrantes e as pessoas que simpatizam na causa né e assim a gente pode formar uma bola de neve a multiplicação de boas ações que venham a trazer benefício para a população local Nossa aqui e para todo mundo né então fazendo essas coisas reunindo essas ideias e pondo em prática</p> <hr/> <p><i>Ativista II:</i> O engaja vem como uma rede de fortalecimento sabe e também de mobilização e de formação também porque muita das vezes a gente quer fazer as coisas mas não sabe como ou então tipo como incidir de que forma aí às vezes também o engaja ele traz a formação então tenho diversas dinâmicas jogos formação de tipo palestra com coisas online mesmo</p> <hr/> <p><i>Ativista III:</i> então ele vem como uma rede que fortalece as nossas vozes e também nos incentiva acho que é bem assim ele é isso também de encontro que é muito oportuno para gente que possibilita muitas oportunidades seja por financiamento mesmo lá para a gente colocar em prática aquilo que a gente pensa com a formação de jovens ativistas e o fortalecimento desse, pertence dessa sensação de pertencimento pensando em algo mais técnico mesmo dia a gente saber como fazer e colocar em prática aquilo que a gente pensa né para resolver nossos problemas eu acho que é um espaço totalmente de oportunidades que vem para somar muito esse ponto de encontros né então como eu falei então a gente discute muito dos problemas que a gente vence ia que em outros lugares não vivenciou eles discutem isso aí quando a gente coloca em prática né as soluções que são apontadas.</p>
-----	--

De acordo com os relatos, o Engajamundo surge como uma ponte entre ativistas jovens locais e as estruturas a serem alcançadas a partir da luta ambiental no intuito de transformar a Amazônia, então se torna uma relação diretamente ligada com o desenvolvimento e formação destes ativistas enquanto agentes que transmitem o que vivenciam a partir da imersão dentro da ONG, suas estruturas e ferramentas disponíveis.

A ONG então não assume o papel de protagonista da luta ambiental na Amazônia, mas desenvolve possibilidades de sujeitos dessa realidade criarem mecanismos de luta, assegurando fortalecimento, segurança, suporte para criar-se processos autônomos ligados com as pautas defendidas pelo grupo, afinal, como sintetiza ativista I, do **grupo focal I**, “o engaja dentro da Amazônia é essa ponte entre a gente e o mundo.”

Partindo desta leitura acerca de territórios de (re)existências é possível afirmar que destas frentes de lutas emergem ambientalismo que dialogam com pautas distintas, afinal de contas o ambientalismo não pode ser contado a partir das

vivências de uma única narrativa, em razão do mundo não ser vivido e sentido somente por um grupo seletivo, que apresenta os mesmos anseios, trajetórias e entranhas. É preciso então dedicar-se a conhecer as frentes de luta dentro da Amazônia que não foram contadas, aquelas que a sociedade, com suas heranças coloniais, não permitiu que fossem narradas e legitimadas, como as práticas e vivências dos ativistas amazônidas com seus ambientalismo, configurando-se no surgimento de resistências diante de conflitos e injustiças a partir dos contextos amazônicos.

## 5.2 Escalas, o fazer e estratégias: relações e conexões

Em uma visão geral sobre as categorias exploradas como pontos de partida na discussão dentro dos grupos focais, foi possível realizar cruzamentos entre o fazer e estratégias, sendo que estes também emergem da produção e surgimento da escala local enquanto Núcleo, dessa forma se iniciou uma conversa primeiramente sobre o Engajamundo a nível geral, no seu sentido nacional, levando-se através do relato dos sujeitos a se compreender como os sentidos e significados dados a ONG também iniciam o processo de ligação entre o grupo de Belém e as demais instâncias, como pode-se averiguar no quadro seguinte:

**Quadro 12- Significados sobre Engajamundo.**

Grupo Focal (GF)	Pergunta: O que é Engajamundo?
I	<p><i>Ativista I:</i> É uma forma de poder contribuir mais. Na minha carreira, na faculdade eu escolhi estudar sobre ambiente, porém eu percebi que não se fechava só aquilo então para mim engajamundo é uma forma de ligação porque muitas vezes na universidade ela carece de prática.</p> <hr/> <p><i>Ativista II:</i> Antes tudo o que rolava de voluntariado na minha vida era idealizado por mim e pela minha irmã, então eu tinha que ter a visão de que de que eu tava sozinha, <i>aqui não</i>. Lembro que quando eu conheci o engaja eu fiquei muito feliz de ter gente da minha idade fazendo a mesma coisa na sua cidade antes mesmo de saber como colocar e começou assim para mim uma forma de conexão de achar gente que pensava como é eu tava fazendo como eu fazia e a parte disso virou um processo de aprendizagem.</p> <hr/>

	<p><i>Ativista III:</i> Ele é muito plural né tu entras lá e são muitas pessoas participando é muita gente de muitos lugares diferentes, com muitas histórias diferentes, então para além, tudo que a gente fazia tinha esse aprendizado.</p> <hr/> <p><i>Ativista IV:</i> Para mim o Engajamundo é um espaço de diálogos de muitas informações e um passo para liberdade, me sinto livre e à vontade para discutir diversas pautas de interesse coletivo.</p>
II	<p><i>Ativista I:</i> Pode conversar com mundo para mim é como se fosse uma casa praticamente eu circulei em vários espaços, convivo com pessoas de todo tipo de pensamento, de etnia, de regiões né. Então para mim porque além da atividade Educacional é também muito importante para tentar fazer alguma coisa pra mudar o que me incomoda.</p> <hr/> <p><i>Ativista II:</i> Eu acredito como ele falou né é uma casa, porque ali a gente tem diversos jovens de várias regiões e eles trocam as ideias assim situações das regiões deles e da nossa, e a gente vê que a gente tem nossas peculiaridades, mas a gente também é um pouco parecida com a deles.</p>
III	<p><i>Ativista I:</i> Bom eu acho que o próprio nome já diz né, ele tem objetivo de engajar esses jovens aí em temática super relevantes e atuais como o clima, biodiversidade, gênero, influência de políticas públicas também, né, fazendo jovem levantar e ter mais voz e ser mais atuante aí na sociedade em temas extremamente relevantes.</p> <hr/> <p><i>Ativista II:</i> para mim representa além de tudo isso que o Giovani falou né quer o que que seria engajamundo ele vem também trazendo algo tipo assim de descoberta dentro de mim. nesse sentido de ver quanto se é capaz de ter por exemplo a minha voz sendo ouvida e também de levar vozes para serem ouvidas, no caso das juventudes. Ele vem como oportunidades também, muitas oportunidades de tanto participação né de incidir de fato de ter que ela vivência e experiência, quanto também de teoria de aprendizado de conteúdos, sabe uma coisa mais mesmo teórica e prática, acho que para mim é é bem complexo interpretar o engaja porque de tanto desde o início já teve várias versões, então atualmente ele surge como uma troca de conhecimentos e que me fez ter uma visão diferente sobre muitos temas que antes eu não debatia sem conhecer mais a fundo</p> <hr/> <p><i>Ativista III:</i> Então para mim ele é um espaço totalmente necessário né, que permite com que a gente reflita sobre muitas questões e até mesmo tem um olhar para muitas coisas que não são discutidas. Então vem exatamente para ampliar a voz das pessoas que não têm normalmente tanto espaço. Então hoje em dia ele representa um espaço de infinita possibilidade porque quando a gente se engaja de fato muitas oportunidades surgem a partir daí aí então acho muito relevante no contexto jovem.</p>

Fonte: Pesquisa de Campo, 2020.

Como sinalizam os dados anteriores, o Engajamundo representa para estes ativistas uma plataforma de visibilidade para as lutas que se concretizam no espaço local. O **grupo focal I** revela uma ligação entre perspectivas profissionais e descobrimento de habilidades, além de uma enfática ligação com uma pluralidade de histórias que se cruzam dentro da ONG, o que também caracteriza conexões ativistas, por meio de diálogos construídos dentro do cotidiano vivenciado por estes sujeitos, tanto em contato com os integrantes do grupo local, quando com as outras instâncias, como GTs e o próprio CF.

Já no **Grupo Focal II** percebe-se uma ligação voltada para como o acolhimento se revela enquanto uma das ferramentas que diferencia o Engajamundo, segundo os relatos, afinal também se torna um espaço em que há circulação de ideias, as quais também possibilitam uma visão de perceber diferenças que ao mesmo tempo propiciam articulações, como ativista II aponta “a gente tem nossas peculiaridades mas a gente também é um pouco parecido com a deles”, neste sentido, é possível situar que essas distinções são o ponto de encontro das juventudes na ONG.

**Grupo Focal III** trazer a discussão sobre o Engajamundo e sua amplitude temática e interseccionalidade entre as ações, assim como o sentido do espaço também ser uma porta para a construção de vivências e processos voltados para a aprendizagem coletiva, enquanto troca, surgindo assim, como relata o ativista III, o sentido de ser convertido em “ampliar a voz das pessoas que não têm normalmente tanto espaço”. Neste rumo, coube realizar a seguinte indagação:

#### Quadro 12- Relação do Núcleo Local com o Engajamundo

Grupo Focal (GF)	Pergunta: Qual a relação do NL com o restante do Engajamundo?
I	<i>Ativista I:</i> Levar para diversas pessoas as pautas do local e as interações com outros outros grupos nessa conversa com diversas outras instituições, oferecer oportunidade para o grupo ampliar o conhecimento, levar a questão de educação ambiental e projetos para achar saídas. Belém então eu acho que o que faz o grupo de Belém seu grupo de Belém é a mão na massa leva para frente a gente vai fazer ideias e colocar em prática as demandas que são colocadas para gente.

II

*Ativista I:* Acho que é levar a Amazônia, a partir da gente, do que sentimos, para espaços que a gente não tem como acessar no dia a dia, é deixar um pouco de si no engaja.

---

*Ativista II:* Ele nos dá uma oportunidade, conhecer locais, de conhecer pessoas realidades e isso é algo importante para entender também como Belém se projeta tanto para fora quanto ressoar na gente, internamente.

---

*Ativista III:* Hoje em dia eu vejo que já têm mais importante mão de via dupla, de 2019 pra cá, uma mais visibilidade, né acredito que por exemplo tem algumas das nossas lideranças que costumam puxar as coisas e puxar também ajudou a ter maior visibilidade do nosso grupo. assunto assim uma falta eles darem mais assim atenção para cá para a gente né de ter mais esse essa troca com ele Ultimamente eu percebi isso, quando temos lideranças que saem daqui da Amazônia aumenta a visibilidade do núcleo local, dá mais oportunidade para gente né, deram mais oportunidade e tem uma pessoa como representante daqui lá no nacional, seja nos gts, no cf, enfim em espaços que ligam várias coisas, é interessante identificar essas conexões que também dizem muito sobre para onde nosso grupo vai.

---

*Ativista III:* Quando eu conheci o engajamundo ampliou os horizontes, potencializou muitas coisas tanto dentro de mim quanto profissionalmente para mim, então vamos dizer assim que o engaja potencializou tudo aquilo que eu já acreditava e que me deu ferramentas possíveis para trabalhar com isso, entendeu, para determinar para poder pagar tanto aquilo que eu conheço, como agregar mais coisas para minha vida e para minha profissão. E acaba que isso é algo que fala muito sobre o que significa a relação do nosso núcleo com o resto do engaja, a gente faz do movimento nossa vida, nossa estrada de acreditar no futuro. Talvez existam algumas barreiras de região mesmo não sei assim por que o motivo de alguns não se sentir então partes do mundo todo e mais o grupo local do que do engaja deu como todo por essas barreiras, parece que a gente é um anexo assim entendeu às vezes agora. É assim é muito importante né, para a gente conhecer outras pessoas e trabalhar de forma coletiva, e aí eu vejo que é isso aproximou um pouco das outras partes do engaja.

---

*Ativista IV:* Me dá muitas oportunidades assim como diversos jovens que querem se engajar e eu me vejo dessa forma né dentro de muitas oportunidades, de fato sendo valorizada conseguindo participar das atividades, conseguindo ver o resultado das atividades que a gente faz sejam elas presencial ou nível remoto, como foi no último ano por causa da pandemia. Mas vejo que tudo tem uma relação de acolhimento, de fato pelo grupo tanto a nível local quanto a nível Nacional, local principalmente porque todos os voluntários começam a construir uma rede e essa rede para pessoa sair do núcleo nela permanece como a gente vê isso com o passar dos anos dentro da ONG, eu me sinto uma voluntária que é reconhecida pelo meu trabalho seja ele dentro do meu núcleo local para o trabalho ou de fato né atuando na rede como um todo. Tem sim problemas, tem desde da nossa realidade aqui e até com outros grupos de trabalho, e nessa relação existem obstáculos, o que rola é que existe uma tímida comunicação porque eu não sei o que acontece também exatamente mas a gente não tem tanto contato

	<p>com o CF, quanto outros grupos locais outros núcleos eu ainda não consegui identificar o motivo exato mas a gente sente um pouco distante.</p>
III	<p><i>Ativista I:</i> O núcleo na Metrópole no meio da Amazônia é extremamente importante por esse quesito também e por vários outros, por ter pessoas dispostas a ajudar tanto institucionalmente quanto eu posso dizer regionalmente né, todas as temáticas relevantes que engaja propõe a debater botar em prática intercruzam com o que vivemos aqui, então acho que o núcleo de Belém é é uma veia principal do corpo do engaja, ao menos eu vejo assim.</p> <hr/> <p><i>Ativista II:</i> Belém é protagonista e é muito importante, eu tive a primeira oportunidade de fato assim como ponto focal meio que levar essa missão nossa e percebi como nosso grupo é forte, ele é importante né para enfim para ter uma representatividade, eu acho que a gente é muito importante, mesmo ser ter noção, nem ciência disso. Essa visão de Belém que é uma protagonista no NL protagonista dentro dele fortalece ainda mais as ações.</p> <hr/> <p><i>Ativista III:</i> Eu gostei da palavra que ele usou quando fala de protagonista porque Belém tá no meio da Amazônia. Nada mais justo do que ter pessoas com propriedade, vivências e pertencimento mesmo para lutar contra as causas ambientais e sociais da Amazônia eu acho que Belém vem como núcleo mesmo de protagonismo. De merecer uma atenção sabe não por que ele seja Belém mas tipo assim questão do Pará até os maiores índices de desmatamento então quando a gente luta junto com outras vozes eu acho que a gente ganha força sabe, então eu acho que essa questão de pertencer, de pertencimento mesmo vem muito a somar com tudo isso.</p>

Fonte: Pesquisa de Campo, 2021.

Como pode-se observar no quadro anterior existe uma conexão entre o núcleo local e as demais partes que compõem a ONG. O **grupo focal I** conta com o relato do ativista I, o qual aponta que as relações estabelecidas com as outras partes do Engajamundo geram oportunidades que também conversam com a ampliação de entendimentos sobre questões relacionadas, em determinados momentos, com o processo de mobilização de pessoas, apontando então que uma das características mais marcantes do NL é justamente a forma de trabalhar teorias e práticas, sempre voltando suas ações para a “mão na massa”, que está ligado com o movimento em trazer para a realidade o que é pensado, movendo recursos, ideias e sujeitos em prol de suas pautas.

No **grupo focal II**, vê-se outros caminhos para interpretar essa relação. Surge a noção de entender-se o Engajamundo como um espaço em que se pode “deixar um pouco de si” por conta dos compartilhamentos e trocas existentes, assim como a

possibilidade de projeção do Núcleo, enquanto Belém, para outros espaços e discussões, tratando também de um trajeto de projetar-se também dentro do grupo, apontando para um processo de autoconhecimento.

Neste grupo é apontada uma relação que está sendo concretizada, de acordo com Ativista III, desde 2019, um sistema baseado em “mão de via dupla”, o qual está ligado diretamente com esse movimento de interação entre as escalas da ONG, de forma em que se cria pontos de encontro e mescla de experiências para construção coletiva, tanto em nível estrutural - como gestão, quanto de mobilização e entre outras estratégias que emergem destes espaços. Ativista III também aponta para a importância de lideranças que saiam de Belém e ocupem outros espaços, afinal “aumenta a visibilidade do núcleo local, dá mais oportunidade para gente né, deram mais oportunidade e tem uma pessoa como representante daqui lá no nacional, seja nos gts, no cf, enfim em espaços que ligam várias coisas, é interessante identificar essas conexões que também dizem muito sobre para onde nosso grupo vai”. Nesse relato também é importante destacar como os sujeitos locais, quando circulam em outros espaços, levam a essência local, nesse sentido, por onde se anda um ativista de Belém, também estão os saberes, as estratégias e trocas que foram estruturadas e sentidas no grupo.

No **grupo focal III**, a discussão trata sobre como ser um Núcleo Local de Belém interfere diretamente na relação com as demais partes da ONG, no sentido de que isso amplia as formas de participação, convertendo então “Belém é é uma veia principal do corpo do engaja”, de acordo com ativista I. Ativista II coloca Belém como protagonista na rede, ilustrando isso com a sua experiência como ponto focal - *o representante do grupo a nível nacional*- questão esta que transparece o fato da visibilidade do NL se dar de forma intensa ao longo das ações. Em um caminho de complemento ao que foi trilhado pela fala anterior, o ativista III declara que “ nada mais justo do que ter pessoas com propriedade, vivências e pertencimento mesmo para lutar contra as causas ambientais e sociais da Amazônia”, mostrando então que o processo de luta dentro da ONG também é trilhado a partir de lugares construídos em diálogo com vozes ligadas a realidades que emergem de territórios afetados pela questão ambiental da região, ou seja, os que sentem essas mazelas são as pessoas que estão a frente de mobilizações, havendo assim representatividade local. Neste sentido, o grupo produz, por meio de sua dinâmica estratégias para atuação, cabe então explorar estes instrumentos:

Quadro 13- Criação de estratégias

Grupo Focal (GF)	Pergunta: Como vocês criam as suas estratégias?
I	<p><i>Ativista I:</i> Elas são baseadas nas demandas sociais que a gente vê, muitas vezes, nos espaços públicos, como praças, com o intuito de levar a informação, sensibilizar. Então as estratégias percebo como uma ponte para resolver possíveis problemas sociais, né? E como prática a gente leva demandas para impactar pessoas. Acho que é isso tudo é modificado a partir do lugar que a gente vai ocupar. Então não tem uma estratégia certa, mas a gente tá sempre muito atento para onde a gente vai, o que a gente vai falar, de que forma a gente vai fazer.</p> <hr/> <p><i>Ativista II:</i> A gente sempre modifica com base no lugar, concordo muito com isso. Um exemplo disso tem sido o formato online, depois que a gente passou a viver na pandemia eu percebi que ficou um pouco mais complicado, né? que é um pouco mais difícil ainda, já as pessoas nessa situação, né. A gente vem fazendo as coisas, mas também assim sem ser cara a cara né, nada pessoalmente, é mais difícil, e fazer coisas ao longo desse período também é uma estratégia, ter que aprender a usar ferramentas, ensinar para os outros, tem que ser bem estratégico para tudo isso.</p> <hr/> <p><i>Ativista III:</i> As estratégias mudam como nós jovens também. É preciso ser inovador, ficar ligado nas inovações, como agora que a atuação maior é nas redes sociais. Além disso, as nossas estratégias também envolvem o engajamento a partir de ferramentas que foram aperfeiçoadas, foram desenvolvidas, na academia por exemplo, e a gente faz adaptações para nossas realidades.</p> <hr/> <p><i>Ativista VI:</i> É uma questão de adaptação mesmo mudou a forma que a gente fazia mudou público que a gente atingir, mas foi uma coisa assim que não tem jeito e foi uma forma que a gente achou de não parar né, por exemplo na pandemia, então eu vejo que essas estratégias são sempre ligadas com como a gente tem que driblar problemas, seja onde vamos incidir em algo externo como também resolver coisas internas do nosso grupo. Tudo vai por meio de entender o que precisamos e refletimos juntos.</p>
II	<p><i>Ativista I:</i> Existe essa grande autonomia de fazer essas coisas, projetos nossos. verdade uma coisa grande tradicional por causa da questão a gente consegue. É legal essa parte de trocar a coordenação né de todo mundo ter oportunidade de entrar na coordenação. Também agora com essa organização assim a gente faz com que engajamento, dos times né de cada de cada participante entrar em um time ter essa função assim por exemplo de redes sociais, de criar conteúdo pensando nas ideias das próximas ações.</p> <hr/> <p><i>Ativista II:</i> Concordo acredito que com a entrada dos novatos a gente sempre tem que estar estimulado também para receber eles, eu percebi que teve uma saída assim de alguns voluntários porque para você ver que tá bem parado a galera</p>

	chega assim com força total de querer mudar e tudo, dar um gás, e isso é incrível para trazer novos ares pro grupo.
III	<p><i>Ativista I:</i> acho que é um mix de criatividade com problema e que às vezes seja por demanda né, que surgem detalhes ou então de ações coordenadas pelas outras partes do Engaja.</p> <p><i>Ativista II:</i> eu acho que mais que as estratégias estão por demanda e para que tem que falar criatividade mas assim normalmente não é mesmo as pessoas que estão na frente então elas acabam tomando para elas aqueles problemas e tentando pensar em soluções, claro que ouvindo o grupo, mas também como se fosse conduzindo a solução</p> <p><i>Ativista III:</i> Acho que em alguns momentos isso vem da rede, em outros surge da gente ou como demanda institucional mesmo, então sinto que tudo é muito adaptável de acordo com a demanda e o lugar de onde surge a problemática. A gente não tenta resolver nada sem antes saber a história de algo.</p>

Fonte: Pesquisa de Campo, 2021.

As estratégias desenvolvidas pelo NL estão ligadas inteiramente com processos de construção coletiva que emergem a partir de demandas. No **grupo focal I**, mostra-se uma lógica de criação ligada com a adaptabilidade e reconstrução constante dos caminhos seguidos para desenvolver atividades, ações e até mesmo a gestão do grupo, afinal, como aponta Ativista I, “A gente sempre modifica com base no lugar”, sendo assim é perceptível como utilizam instrumentos de mapeamento anterior, como um estudo do local, sendo assim “É preciso ser inovador”, como bem coloca ativista III.

Já no **grupo focal II** o foco está voltado para se criar estratégias ligadas com a autonomia dos sujeitos além da oxigenação com a entrada de novos membros, fato este que dialoga com o como se vê a questão no **grupo focal III**, afinal enxergam estratégias como algo que surge dentro do grupo mas também construída em conjunto com a rede em geral em determinados momentos. O relato do ativista I aponta para um esquema de criação extremamente interligado com as falas apresentadas nas conversas estabelecidas em outros focais, neste sentido, é possível sistematizar o seguinte fluxograma do grupo:

Figura 28: Fluxograma sobre criação de estratégias, 2021.



Fonte: Dados coletados em pesquisa de campo, 2021.

#### Quadro 14- Organização de estratégias

Grupo Focal (GF)	Pergunta: Como vocês se organizam para implementá-las?
I	<p><i>Ativista I:</i> A gente basicamente analisa uma problemática, nos juntamos para conversar e então a gente decide o que vai fazer, como vai fazer, criar essas estratégias a partir do diálogo, né? A gente também vai por meio de interesses, habilidades, por aquela causa que as pessoas se identificam, e que querem mudar aquilo, que querem modificar, então a gente não pode ficar parado, então a gente para pra pensar o que vai fazer para ele mudar.</p> <hr/> <p><i>Ativista II:</i> Sempre partimos da conversa, sabe, pra trocar vivências porque às vezes aquela problemática já atingiu alguns nossos voluntários então eles dizem que tiveram a experiência que eles tiveram e o que que eles acham que pode ser feito então acho que o ponto-chave dessas estratégias é o diálogo.</p> <hr/> <p><i>Ativista III:</i> A gente parte da identificação do problema, né? A gente percebe que aquilo é uma problemática e sente vontade de fazer alguma coisa a partir disso ver o que que a gente pode fazer, o que tá dentro do nosso alcance e como que a gente chega lá. Sempre mediado como ela falou por meio do diálogo, são essas trocas, aí as coisas caminham a gente observa problema, tem esse desejo de</p>

	<p>mudar ver o que a gente pode fazer e vai atrás desses meios que a gente tem, né, pra enfim fazer.</p> <hr/> <p><i>Ativista IV:</i> Existem várias visões de um assunto e que a gente entende como eu falei ainda agora tá tudo conectado que não adianta só eu falar do meio ambiente na visão do meio tipo assim a natureza e tudo mais mas tem o social né aqueles, três pilares ambiental, social e econômico. Mas tipo um impacta tanto no outro sabe não tem como a gente olhar só um então é isso que eu gosto muito também de ter essas outras visões sabe, de poder trabalhar com outras pessoas que têm outras opiniões, outras visões acerca de um assunto.</p>
II	<p>Ativista I: Mensagem de potência, então acho que a gente tem que trabalhar mais nisso e não ficar muito na questão das lives né porque querendo ou não vai ficar batida né de fazer essas coisas porque sim todo mundo ninguém hoje em dia vai parar para ver uma live de um assunto que já tinha sido falado dois meses atrás entendeu, então essa renovação de ideias de assunto de pautas é essencial pra gente.</p> <hr/> <p><i>Ativista II:</i> eu concordo com ele, também acho que o primeiro passo é a força de vontade, de movimentar, de querer se movimentar e tomar a frente mesmo né.</p> <hr/> <p><i>Ativista III:</i> De forma espontânea assim, que acontece assim desde a criação do esse laço de amizade que é onde é um ambiente no qual a gente se sente confortável, onde não tenho medo de ser julgado por uma ideia, uma pauta levantada por que são pessoas com mais gente que a gente fica então acho que esse ambiente facilita, é um bom espaço para se criar onde a gente sente confortável. Mas é isso falando sobre esse lado mesmo eu acho que no grupo a gente tem muito o lado sentimental muito vivo então quando a gente pensa estratégias agora falando assim de forma pessoal né eu tento avaliar muita potência do grupo então eu tento identificar pessoas que têm potencial para a atividade pessoas, que têm potencial que a gente merece estimular se a gente consegue estimular.</p> <hr/> <p><i>Ativista IV:</i> Então eu acho que é uma questão de sentimento muito forte é até em relação ao pertencimento a cidade. E aí a gente traz questões como a empatia, compreensão e querer também ver outras pessoas ocupando espaços grandes. Então a gente tem uma atividade é uma oportunidade de algum evento, alguma coisa do tipo a gente faz uma análise do grupo que ela dá uma análise crítica eu acho que ela vem de uma análise de realmente de sentimento, então a gente busca estimular, tutelar, vamos apoiar. E aí eu acredito que todas as estratégias do grupo ela de fato é regida pelo lado emocional assim do grupo, não sai do lado do lado racional mas acho que ela traz muitos sentimentos, assim uma coisa muito interessante também que assim que contribuem muito para a formação acadêmica eu acho que tem muito disso também como a gente tem uma experiência né algumas pessoas cada um tem. Isso é uma estratégia também né de criação porque quando a gente está criando a gente pensa em coletivo.</p>

III	<p><i>Ativista I:</i> As demandas, o que a gente está precisando no momento por exemplo, agora está numa situação nesses dois anos que a gente precisou atuar mais online então a gente fazia a reunião online. E tudo vai depender assim do que que tem de demanda. Então eu acho que é muito dinâmico nas estratégias que a gente atua e mais daquela questão das oportunidades também né. Tem uma oportunidade de você participar de um evento, também então essas estratégias são dinâmicas a meu ver né, e adaptado. Que também é um método interessante né que a gente além de estar se aperfeiçoando a nossa missão de acordo com realidades.</p> <hr/> <p><i>Ativista II:</i> eu acho que vai de demanda também conforme a realidade e disponibilidade das pessoas eu lembro bastante e a gente depende muito da disponibilidade das pessoas então não adianta a gente fazer um uma gigante estratégia de uma ação sendo que não tem pessoas para sustentar aquilo sabe então as estratégias elas são bastante autônomas dos grupos e das pessoas que estão disponíveis, daí fazemos coisas como reuniões mensais e assim vai.</p> <hr/> <p><i>Ativista III:</i> Penso a mesma coisa precisa de engajamento do grupo porque senão nada funciona e para outro lado depende da demanda, daí a pessoa acha legal participar de tal negócio e ela participa junto com pessoal que é cabeça no negócio para botar para frente então acho que essa principal estratégia de reuniões engajamento do próprio grupo e as demandas que vem de articulações internas e externas.</p>
-----	---

Fonte: Pesquisa de Campo, 2021.

Os relatos apontam para uma análise das estratégias enquanto também formas de engajar os ativistas dentro das causas e pautas surgidas de realidades diferentes, dessa forma é possível sinalizar dois caminhos de incidência das estratégias ligadas com uma necessidade interna e outra externa, como pode-se ver a seguir:

Figura 29: Desdobramentos das estratégias, 2021.



Fonte: Dados coletados na pesquisa de campo, 2021.

Essas categorias mostram um caminho de ligação entre as estratégias e a relação local de adaptação metodológica de ação de acordo com os espaços que circulam e atuam. As estratégias internas envolvem questões articuladas com as individualidades, vivências e até mesmo experiências que ocasionaram em habilidades, já no âmbito externo vê-se mecanismos de estudo para diagnóstico prévio das ações, dialogando também com a amplitude de interpretações que podem surgir a partir de cada problema analisado. Neste caminho também se sinaliza o impacto como também um instrumento estratégico para atuação, assim como aprofundamentos analíticos e coletivos das demandas que surgem para o Núcleo Local. Nesse sentido, existem inúmeras problemáticas de implementação destas estratégias na realidade do grupo, como pode-se conferir a seguir:

#### **Quadro 15: Dificuldades para implementar estratégias**

Grupo Focal (GF)	Pergunta: Quais as dificuldades que enfrentam na cidade para implementar estratégias?
I	<p>Ativista II: É sobre não ser ouvido, né? É muito, é muito difícil, porque a gente leva a nossa necessidade e geralmente eles pegam sem necessidade problemas sociais e ambientais que a gente viu nossa região e só querem ouvir o que é mas as demandas da gestão das seguidas por outras pessoas e criando a nossa rotina a nossa vida e decidem de forma insustentável e que não falou isso a nossa nossas práticas sociais aqui na região. Então essa dificuldade vai muito além do que já foi comentado antes, né? Algumas pessoas nos utilizam como um foco na atenção o que falar da Amazônia atrativo né, mas poucos estão ali se importando com que a gente realmente precisa falar, a gente muitas vezes fica calado.</p> <hr/> <p>Ativista III: Eu acho que o primeiro ponto de tudo é o nosso empoderamento enquanto amazônida, enquanto povo da Amazônia, justamente por ter essa dificuldade aí a gente tende a não gostar de onde a gente nasceu e de quem a gente é, dá força que a gente carrega, das funcionalidades que a gente carrega, a gente tende a ter dificuldade de compreender, de amar essa essa força porque é muito mais difícil até nortista né então acho que o primeiro. É isso que a gente gostaria muito que esse aspecto fosse mudado né entendesse ser amazônida. Começar a se entender ser Amazônida como realmente uma potência sabe uma dizer com orgulho verdadeiro orgulho de que a gente é daqui e outra coisa eu acho que no aspecto mais social queria mudar os nossos hábitos e a nossa educação porque aqui a gente não valoriza de novo pelo mesmo motivo os recursos naturais que a gente tem que a gente tem potencial para muita coisa infelizmente não é valorizada é só suportado né. Então valorizar mais para proteger os recursos que a gente tem eu acho que isso ambientalmente falando é um ponto-chave muito grande porque a gente tem Belém não só Belém mas o norte do país tem muito potencial para crescer e ser uma das maiores cidades maiores estados do Brasil com o dinheiro com tudo que a gente tem que ir mas infelizmente não acontece porque não é interessante o Plano Nacional então eu acho que é uma das duas coisas que eu queria muito assim vê acontecer e fazer acontecer.</p> <hr/> <p>Ativista IV: Compartilhei também dessa questão de valorização importante uma questão de mudança, acho que é basicamente tudo, então eu concordo com ela nessa pesquisa tu uma pergunta por favor o que é que você acha que deveria mudar em relação a sua cidade em relação a sua realidade em torno das questões ambientais.</p>
II	<p><i>Ativista I:</i> A gente busca a mudança por meio da movimentação dos jovens na Amazônia porque tem muitos jovens que acabam perdendo por estudar, trabalhar, e acaba perdendo os trabalhos universitários ou outros como o do próprio engajamento por ser jovens porque não é do jeito como nós queríamos que fosse, mas se a gente se dividir nós temos como agregar mais pessoas, mudando a realidade deles.</p> <p><i>Ativista II:</i> Também de levar jovens não só dá meio universitário, né? não sabe que jovem não é só quem tá na universidade, que já trabalha mas os jovens mesmo do do ensino básico, para levar esse conhecimento a eles, e também</p>

<p>fazer com que ele se identificam, que eles têm essa esse potencial de mudança que falam que os jovens não conseguem, que jovem é muito novo para para realizar tal coisa que nos deixa muito para baixo, a gente sabe que a gente pode fazer muito mais por conta do nosso contato a gente ter tem uma questão assim pode engajamento muito mais forte e levar conhecimento e formação correta acredito que essa movimentação como ele do falou de trazer mais mas é voluntário é essencial, assim que vão parar em outras realidades. Sair do meio universitário também que seria interessante, deveríamos trazer mais isso para para o nosso grupo, poderíamos ter mais pessoas para conectar com outros jovens acabamos perdendo por não ter muita gente, incentivar outras pessoas para ajudar com o engajando suporte, o pará tem muitas regiões deveríamos ter mais representatividade.</p>
--

Fonte: Pesquisa de Campo, 2021.

O **Grupo Focal I** trata sobre a falta de visibilidade e barreiras no reconhecimento enquanto ser amazônica, já o **Grupo Focal II** traz a situação da juventude em Belém enquanto ao acesso a oportunidades e presença de estigmas. Conhecendo essas estratégias, é possível então caminhar para os aprendizados que surgem a partir destas experiências, como pode-se conferir:

#### Quadro 16- Aprendizados com estratégias

Grupo Focal (GF)	Pergunta: Existem aprendizados nessas estratégias?
I	<p><i>Ativista I:</i> Eu mesmo fui perceber muito que a colaboração de todos é essencial assim tipo uma pessoa só fazer as coisas ficar muito sobrecarregado então eu pude perceber muito assim a questão da colaboração, cooperação para um só objetivo e aí eu percebi que sem ter o comprometimento né sem ter isso assim sem ter um cronograma seguir também as coisas não andam Então para mim eu pedi para você ver isso é muito importante cada peça daquela cada peça do projeto todo tem que estar em funcionamento e tem que estar assim caminhando é com o mesmo pensamento com o mesmo objetivo.</p> <hr/> <p><i>Ativista II:</i> Escutar a opinião e a fala dessa pessoa respeitar e também ter escutado então eu acho que esse escutar é muito importante quando a gente tá falando de um grupo.</p> <hr/> <p><i>Ativista III:</i> eu também compartilhei disso, né que eu aprendi experiência em dividir, de dialogar mais, de ver necessidade do outro e consegui entender que existem realidades diversas que são compartilhadas ali no meio. Então aprendi isso mesmo, a vivenciar outras palavras, saber ouvir e saber definir meu espaço no meio também. Consegui adquirir muito aprendizado com todo de modo interno e externo também quando a gente tava compartilhando as ações.</p> <hr/> <p><i>Ativista IV:</i> aprendi muita coisa sabe mas uma coisa que tipo bem bem visível para mim era no passado a gente fez muitas formações, como a caminhos da solução e eram coisas que assim só dizendo sabe que eu não fazia nem tinha nem noção de como funcionava. Então a partir de agora todas as coisas que eu vou fazer todas as minhas ações elas tem um pouquinho de tudo sabe, eu carrego comigo então eu acho que eu aprendi muito a fim de que conhecimento teórico meio fora todo conhecimento que a gente tem assim de perder contato de história de porque às vezes a gente tem um problema aqui que a gente tá passando a gente vai conversar com alguém do grupo e ele já passou uma coisa, o então eu poderia fazer algo parecido isso aqui mudando para minha realidade.</p>

<p>II</p>	<p><i>Ativista I:</i> As nossas ações têm foco em questões ambientais e assim por diante. E aí a pergunta é mais direcionada agora no sentido de estratégias para saber como é que funciona ou não para se pensar strategic concretizem essas ações que façam elas de fato se tornarem reais a questão das estratégias como a questão da além do que já foi dito de de escutar a opinião e da questão da tomada de liderança eu acho que a questão da gente se compreender atualmente com um grupo de ativista.</p> <hr/> <p><i>Ativista II:</i> Aprendi que a força de vontade também do grupo de movimentar de querer se movimentar e tomar a frente mesmo. A gente aprende a pensar em soluções e como há potencial, analisar, mapear, estudar mesmo a fundo o que queremos fazer e como.</p> <hr/> <p><i>Ativista III:</i> Sim eu sinto que o que aprendo aqui é a sede por aprender muito mais. Eu sinto que conhecimento é mutável, o tempo todo a gente tá em trânsito para algo, o tempo todo tento me renovar então né e eu acredito que isso só fortalece assim nossa vontade de crescer de representatividade. Da gente ser representante também para rede do que sabemos e iremos saber, acredito que é muito importante.</p>
<p>III</p>	<p><i>Ativista I:</i> Para mim sim todas as formas de vivência e conhecimento para mim dentro da ONG com relação a conversas e ter contato com outras pessoas foram válidas sabe, então acho que eu cresci bastante, em trocas de ideias até mesmo por percepções e eu aprendi a com aquilo.</p> <hr/> <p><i>Ativista II:</i> Bem eu acho que a interação entre os jovens desse diferentes regiões de diferentes ideias de culturas é sempre muito enriquecedor, então acho que isso tudo é muito é muito rico e válido para gente como cidadão.</p> <hr/> <p><i>Ativista III:</i> As diferentes realidades trazem ensinamentos essenciais, de experiência mesmo, em relação a sair se conectando e estar aberto para mudar.</p>

Fonte: Pesquisa de Campo, 2021.

A dinâmica do grupo proporciona ensinamentos que surgem de diferentes escalas de contato com a ONG, seja dentro do grupo ou em contato com as demais estruturas do Engajamundo, neste sentido, cabe trazer que o diálogo, a experiência, colaboração e o processo de construção de lideranças locais são instrumentos que trazem aprendizados interligados com a gestão e aumento do impacto e visibilidade dos ativistas de Belém.

Além disso, o relato do grupo focal I, mais necessariamente do ativista IV, mostra que “a partir de agora todas as coisas que eu vou fazer todas as minhas

ações elas têm um pouquinho de tudo”, fato este que revela uma grande conexão entre aprendizados e ações dentro do cotidiano do grupo. Neste sentido, coube interrogar os impactos gerados por essas estratégias e os seus resultados, como vê-se a seguir:

**Quadro 17- Resultados das estratégias**

Grupo Focal (GF)	Pergunta: Essas estratégias geram resultados? Se sim, me contem sobre eles!
I	<p><i>Ativista I:</i> é o resultado de quem sempre espera poder transformar de poucos o meio, então a gente tem uma praça pública, por exemplo, a gente sabe o que a gente espera alcançar o máximo de pessoas que estejam abertos a dialogar, entender como funciona o processo e o resultado dele demora para acontecer, né? Quem está trabalhando continuamente diariamente buscando soluções que promovam demorar para acontecer mas quase imediato que a gente espera ali naquele ambiente na nossa atuação é sensibilizar aquelas pessoas.</p> <hr/> <p><i>Ativista II:</i> eu acho muito também só não acrescenta não que essa esse ato de a gente ir lá e realmente falar sobre o meio ambiente no contexto que a gente tá hoje é persistência mesmo, coragem de poder falar isso mesmo, com tantos desmonte que a gente tá tendo aí, nada ao meio ambiente, as leis e tudo mais mesmo com tanta desinformação, sabe? então eu acho que também é isso, é persistência.</p> <hr/> <p><i>Ativista III:</i> A gente sempre espera conseguir impactar pelo menos uma pessoa, se a gente consegue transformar a vida de uma pessoa e quando a gente fala transformar não é uma grande mudança, é essa pessoa começar a pensar sobre o assunto, já é uma forma de transformação. Então se a gente impacta uma pessoa eu acho que nosso trabalho. Eu acho que a gente trabalha mesmo como geral, a gente sempre trabalha se preocupando não só com a nossa realidade mas como a do outro né, como o outro vai viver como ele está vivendo, como que as gerações futuras vão pegar essa realidade.</p> <hr/> <p><i>Ativista IV:</i> Assim eu penso agora muito sobre impacto, né, sobre o que é que eu tô fazendo e por quem. E antes não era uma coisa que eu costumava pensar muito como eu falei para você eu comecei a fazer as coisas muito nova então no início para mim era alguma coisa que eu fazia, era divertido porque eu gostava muito de ensinar, então lá o que que eu tô aprendendo aqui vou passar lá para o coleguinha, vai ser bacana conversei ontem com um amigo meu e tava contando que eu quando tinha 9 para 10 anos eu botei uma meta de pelo menos ensinar pelo menos três pessoas a ler na minha rua, que ia fazer uma escolinha em casa e aí no final do ano aconteceu, fiquei feliz da vida. Só que eu perdi isso com o tempo e o núcleo local me ajudou a resgatar. Foi a partir de diálogos. Foi aí que eu fui resgatando sabe isso que eu tinha desde criança de perceber esse impacto que a gente tem hoje, não em números mais de forma de marcar para que elas lembrem depois é para que alguém me pare de tipo assim “ah eu reconsiderarei tal</p>

	<p>coisa depois que eu assisti, depois que eu li e pensei sobre isso”. E foi essa noção de impacto que o grupo trouxe para minha formação.</p> <hr/>
II	<p><i>Ativista I:</i> eu acho que tem um objetivo quando é tipo uma data comemora Tipo de Neve sensibilizar o pessoal de chamar atenção de fazer aquele processo de ativismo mas muitas das vezes é uma coisa mais pontual né então acho que a gente atingir um objetivo, para quê, para o que nós propomos né agora, as suas mais continuar desta assim é mais difícil então acho que essa forma de atuação mesmo, que já é padrão enfim não que seja ruim né, que é o que ocorre o que dá para fazer, é o que a gente consegue e surta efeito né, a gente consegue um bom desenrolar de atividades com relação aos resultados.</p> <hr/>
III	<p><i>Ativista II:</i> eu acho que a gente sempre teve um pouco de dificuldade de ter esse resultado em números porque a gente sempre pensa no estado social, não sabe o impacto que a gente causa a gente tem dificuldade de mensurar, mas desde as últimas ações que pelo menos eu participei a gente tentou fazer pensar em uma forma de mensurar isso então a gente já conseguia mensurar a quantidade de pessoas que participaram coisas nesse sentido para a gente ter resultados mais palpáveis.</p> <hr/> <p><i>Ativista III:</i> Eu acho que é mais ou menos que ela já falou mesmo as ações sempre tem o objetivo de mesmo que pontuais né como ele falou mas eu acho que no geral a gente consegue sim o alcançar nossos objetivos mesmo que eles sejam subjetivos muitas vezes né, mas a gente sempre consegue.</p>

Fonte: Pesquisa de Campo, 2021.

De acordo com os relatos anteriores é possível sintetizar que os resultados das práticas estratégicas desenvolvidas pela ONG estão em sua maioria ligados com o impacto e potencial de mudança, tanto de nível individual quanto coletivo, em realidades que tocam, sendo em ações pontuais ou de duração mais ampla, além disso, é perceptível a noção de resultados enquanto algo variável, o qual se transforma de acordo com cada ação e público atingido.

### 5.3 Belém e estratégias: essa cidade foi feita por/para quem?

Como pensar Belém a partir de uma análise que não obedeça às normativas estabelecidas pela vertente dominante de ler-se a crise ambiental, mas de maneira que dialogue com o vivido e sentido pelos sujeitos que compõem esta realidade?

É preciso, antes de iniciar as reflexões sobre os aspectos socioambientais, *conhecer a cidade e recapitular, mesmo que de forma introdutória, sua história.*

Dessa forma Abelém (1988), aponta que as análises das questões urbanas necessitam englobar os cenários regionais em que determinada cidade está intermetida, além de considerar as funções exercidas por outros personagens que desenham a realidade, como o Estado. É fato que os processos de avanço do capital na Região Amazônica moldaram as relações que os sujeitos com o meio, afinal percebe-se metamorfoses que incidiram em dimensões, entre elas a necessidade do cidadão, antes camponês, tornar-se refém das amarras que dão base ao trabalho assalariado, este sempre imerso em atritos advindos de processos desiguais, tendo que disputar terras com entidades internacionais e nacionais em um conflito em que o capital dita as regras.

Trindade-Júnior (1998), relata que ao se lançar um olhar sobre Belém é possível captar uma paisagem em que tempos passados se fazem presentes, fazendo paralelo a um tempo que acompanha as dinâmicas que marcam os movimentos do cotidiano urbano. Belém mira na missão de incorporar a contemporaneidade buscando superar um tempo, o qual se faz finítimo, mas que já não lhe contempla, surgindo assim novas representações que constituem interpretações sobre o mundo que modificam para além das espacialidades passadas, afinal alteram também as maneiras de se estabelecer relações entre os seres e destes com a Natureza.

Para conhecer Belém é essencial embarcar-se em uma busca por entender, também, os processos históricos que desenham a realidade ambiental da cidade, então cabe trazer os marcos da expansão urbana, como se adentrou no território e assim relacionar-se com o que se vive atualmente. Com o crescimento do domínio europeu se ampliou os locais de influência dos interesses e necessidades do modelo econômico que regia e guiava os passos dos colonizadores: o capitalismo. Neste viés:

Em muitas dessas áreas a incorporação se fez a partir da criação de um núcleo urbano que nasce destinado a desempenhar, inicialmente, duas funções. Primeiramente, de servir como ponto de defesa do território face às pretensões de outros países e, em segundo lugar, como ponto de penetração e conquista do território. Esta é uma primeira e necessária fase

do processo de elaboração da rede urbana em muitos países da Ásia, África e do Continente Americano. No território brasileiro numerosos são os exemplos dessas criações urbanas que antecederam ao povoamento de suas futuras regiões de influência: Salvador e Rio de Janeiro, entre outras, criadas no Século XVI, são exemplos notáveis. O mesmo pode-se dizer de São Luís, fundada pelos franceses em 1612 e conquistada pelos portugueses em 1615. Não é outra a origem de Belém. (CORRÊA, 1987, p. 43).

De acordo com Corrêa (1987) a fundação de Belém ocorreu em decorrência da vinda de portugueses de São Luís, no ano de 1616, em que houve a construção do Forte do Presépio por Francisco Caldeira Castelo Branco. É desta fundação que se configura o desenvolvimento da cidade. Todavia, como sinaliza o autor, Belém não estava “vazia” em relação aos interesses de dominação, afinal aqui já haviam ingleses, holandeses e franceses, que realizavam entre idas e vindas para buscar a penetração no território, cambios com os nativos para estabelecer relações comerciais, fato este que mais tarde deu origem a necessidade da retirada destes grupos das terras amazônicas como estratégia de dominação lusa, surgindo núcleos, como Cametá, para realizar ações que viriam a proteger de possíveis invasões.

O local de onde surgiu a construção da cidade, o forte, anteriormente era denominado de Mairy pelo povo que ali estava, tendo um relevo alto comparado ao restante da extensão. Entretanto, ao longo dos tempos houve especulações, vindas ao longo do período do governo de Jerônimo Fragoso de Albuquerque, que colocaram em foco a possibilidade de alteração da capital do Grão-Pará devido, o que pontua Meira Filho (1976), o espaço não ser próprio para a erguer-se a cidade, por conta principalmente do alagadiço do Piri, este localizado ao redor do povoado que estava surgindo na localidade.

Nos tempos que sucederam após a fundação houve duas vertentes que desenharam o crescimento do viés urbano de Belém, sendo direcionado para o acompanhamento da orla atingida pela Baía do Guajará e Rio Guamá, já a outra vertente de crescimento materializou-se em direção ao Leste-Oeste.

A primeira direção da expansão ocorreu devido a própria tendência dos trânsitos estabelecidos pelo rio, a circulação de pessoas e infra estruturas que emergem das necessidades da cidade. A segunda forma teve característica oposta à supracitada. Anteriormente caminhava, de acordo com Moreira (1966), para o rio e adentrava nas matas, neste segundo se funde e paralelamente dialoga com estes.

Distintos fatores vieram a contribuir para a dinamização desta frente de expansão do urbano por meio de mecanismos de penetração, ligadas com:

- a) Crescimento da população, impondo novas derivações para a pressão interna; b) Vantagens das terras centrais sobre os ribeirinhos não só para fins agrícolas como por serem mais saudáveis; [...] MOREIRA, 1966, p. 50).

Devido a estas forças, a população passou a se firmar ao redor do Forte do Presépio, surgindo então debates sobre as questões e condições ambientais de saneamento que emergiram em conjunto com a expansão da cidade.

Ao longo da história, de acordo com Corrêa (1987), vê-se diversas mudanças na realidade de Belém em relação aos fatos que emergiram e a modificaram: As drogas do sertão e o surgimento de núcleos Fortins, a criação da A Companhia Geral do Grão-Pará e Maranhão e a rede urbana amazônica, o período do extrativismo da borracha e os desdobramentos disso para a cidade até mesmo o momento de estagnação na economia e os efeitos que isso trouxe para a realidade da capital.

Em virtude destes fatos, caminhar pelos contextos que trilharam o cenário socioambiental de Belém exige remeter a alguns marcos, como o aterro do rio Piri. Que tinha uma forma de ser evitado, proposta no ano de 1771, pelo Major Engenheiro Gaspar João Gronfelts, em que firma:

propunha que “em vez de empregar trabalhos hidráulicos para obter a exsicação desta lezira era melhor ir com a indicação da natureza e aperfeiçoar sua obra, fazendo um lagamar que as águas da inundação do rio e as ascendentes no fluxo do mar naturalmente ocupassem. O que desejava o referido engenheiro era abrir canais e não aterrar o Piri; propunha que se fizessem três entradas “duas já apontadas pela natureza na paragem do Arsenal de Marinha e na do Ver-O-Pêso, e uma que devia ser aberta por detrás da casa do Pepe”, “...para se aproveitar a comunicação do igarapé do Reduto já principiado pela natureza, que o levou na direção do Pau d’ádua...” (PENTEADO, 1968, p. 113).

Mesmo diante desta proposta houve o aterro da parte baixada alagadiça do Piri em 1848, fato este que veio a iniciar os processos de saneamento na cidade, por meio de abertura de valas, canais e afins. Todavia, este processo não levava em consideração os contextos geográficos da cidade, sem olhar-se para pluralidade do rio - *seus significados, memórias e importância na realidade local*- e com isso concretizou-se o aterro. Além deste marco há também a expansão da cidade e surgimento das periferias, assim como a adoção de uma política de exclusão dos que não estavam dentro dos padrões que buscava-se estabelecer na cidade, afinal:

A formação geográfica e as condições físicas do sítio marcam o processo de ocupação de Belém. Até meados do século XX, as várzeas serviam

como barreiras naturais para expansão, visto que eram áreas alagadas ou alagáveis, com cotas de até quatro metros acima do nível do mar. As demandas oriundas do crescimento demográfico modificaram o processo de ocupação espacial, na medida que os espaços com cotas mais altas e firmes foram eleitos pela produção formal da cidade, e tornaram-se local de acumulação de investimentos em infraestrutura, voltados para a elite local e marcado pelo alto padrão construtivo das edificações. Até o final da década de 1950, Belém tinha todos os terrenos de terras firmes que não apresentavam problemas de inundações, ocupados (CARDOSO, VENTURA NETO, 2013), e conforme ocorreu o crescimento do número de famílias de baixa renda formou-se o urbano periférico, por meio da ocupação dos espaços de várzea, desprovidas de infraestrutura básica. (QUEIROZ, 2019, p. 22).

Quando se analisa a ocupação é possível perceber que a formação da cidade ocorreu imerso em injustiças ambientais, com uma parcela tendo acesso a recursos e condições consideradas básicas para sobrevivência, ocasionando a acumulação de bens e serviços em uma determinada área, de terra firme, enquanto os demais, que vieram a se instalar nas várzeas, tiveram que lidar com os descasos, faltas de recursos estruturais, como saneamento.

Queiroz (2019) analisa que em áreas localizadas nos ditos centros os valores atribuídos aos solos tiveram uma grande elevação em custo e isso também fez com que houvesse a migração para demais espaços dos que tinham como manter-se nessas áreas. A autora, partindo desta reflexão, mostra que a Região Metropolitana de Belém retrata de forma intensa diversos processos que desaguam em distintas problemáticas socioambientais, devido a cenários imersos em injustiças que geram disparidades violentas nas realidades dos que ali vivem.

Diante dos contextos traçados anteriormente acerca da expansão urbana de Belém e os debates trilhados sobre a Justiça Ambiental, quando se encara os aspectos socioambientais da cidade é possível se deparar com grandes entraves que assolam a realidade de inúmeros paraenses. Todavia, é previsto, de acordo com o Plano Diretor do Município de Belém, no Art. 3º, no primeiro inciso, que:

Função social da cidade, que compreende os direitos à terra urbanizada, à moradia, ao saneamento ambiental, à infra-estrutura e serviços públicos, ao transporte coletivo, à mobilidade e acessibilidade, ao emprego, trabalho e renda, à assistência social, bem como aos espaços públicos e ao patrimônio ambiental e cultural do Município; (BELÉM, 2008, p. 3).

Teoricamente, deveriam ser disponibilizados aos cidadãos recursos básicos de sobrevivência, levando em consideração toda a diversidade e particularidade que há dentro da realidade da cidade. É previsto também no capítulo III, intitulado de “DA POLÍTICA DE INFRA-ESTRUTURA E MEIO AMBIENTE”, exatamente no Art. 30,

a necessidade de se visualizar e criar uma política de saneamento voltada para manter-se estabilidade ambiental, visando alcançar níveis sustentáveis de viver-se no urbano.

Mais adiante é possível se deparar com o Art. 33, tratando sobre as questões relacionadas ao acesso à água, assegurando, minimamente, que todos possuem o direito a uma porção de recurso que seja adequada para suprir as demandas básicas exigidas de acordo com padrões regulados pelo Ministério da Saúde. Neste sentido, no Art. 38, primeiro inciso, vê-se o debate sobre os resíduos sólidos, garantindo que haja um domínio sobre ambientes nocivos provenientes do depósito inadequado e manipulação destes despejos, já no sexto inciso, há a missão de garantir a promoção da Educação Ambiental no intuito de dialogar em busca de novas possibilidades de controle sobre depósitos irregulares dos resíduos, assegurando a devida fiscalização e infraestrutura necessárias para efetivar tal ação. O questionamento que surge diante destas teorias sobre como deveria ser a cidade de Belém é: como se configura a realidade vivida pelos habitantes? Ela está como é prevista pelo plano diretor ou corre em sentido contrário?

Neste caminho, o Núcleo Local do Engajamundo na cidade possui cotidianos que podem ilustrar o quadro ambiental de Belém, como pode-se observar nos dados dispostos na tabela:

**Quadro 18- Problemas ambientais em Belém**

Grupo Focal (GF)	Pergunta: Quais são os problemas ambientais que são mais enfáticos dentro da realidade de cada um de vocês?
I	<p><i>Ativista I:</i> É a questão dos resíduos sólidos mesmo, esse problema se da nossa cidade que é crônico e eu cresci assim na baixada e eu moro na beira de um canal então eu cresci vendo isso, essa questão da sujeira mesmo, e eu sempre me incomodo e talvez por isso eu tenho tomado esse caminho de falar das questões ambientais, e eu percebo que isso tá ligado também com o racismo ambiental, que as pessoas daqui né que sofrem mais com a questão dessa poluição e que às vezes não são nem elas que causam isso. Elas não tiveram as mesmas condições que as pessoas que estão ali no centro tiveram, então isso sempre mexeu muito comigo.</p> <hr/> <p><i>Ativista II:</i> Compartilha da mesma ideia, o problema ambiental ele tá com questão social nas pessoas. Quem tem tal renda, tal condição social, acaba sofrendo as consequências maiores a gente consegue perceber isso muito muito muito forte na região, a gente percebe por exemplo a questão de mineração na região e onde exploram levam para fora o que é proveitoso e deixam restos para gente. E aí</p>

	<p>afeta todo o contexto social né daquele jeito, quando afeta a água o pescador não pesca não tem renda e aí acaba não tendo alimento para a família e aí começa a desencadear diversos problemas sociais, a partir de uma ação ambiental e as pessoas que fazem parte de sutura não exploram né não sofre as consequências disso e a penalidade é tão pouca para eles que vale o risco então problemas ambientais relacionados essa realidade. E na cidade de Belém isso não é diferente, eu ter que pegar um ônibus que demora 4 horas pra chegar em algum lugar, no meio de uma pandemia, também é uma injustiça.</p> <hr/> <p><i>Ativista III:</i> A menina mora na beira de um canal, né, e isso é normal pra gente. Para a gente é porque a gente foi ensinado aqui se era normal que vai por exemplo encher o canal chover e vai todo mundo tomar banho no meio do lixo, entendeu? para gente isso é normal nas periferias. Belém é uma cidade linda e isso é comentado em outros estados, Belém é uma cidade linda mas uma cidade extremamente suja. Então tudo isso é uma coisa que me impactou muito quando eu tô morando em Ananindeua, eu morei por muito tempo na cabanagem e uma coisa que me deixou pensativa logo que eu mudei pra cá foi o ar, qualidade do ar, da Cabanagem para cá é tão gritante, fora como a cidade é planejada para atender somente um público, os que possuem dinheiro para bancar estilo de vida alto, quem não tem pena pra viver. Então é gritante assim as modificações dentro da nossa cidade.</p> <hr/> <p><i>Ativista IV:</i> Na minha cabeça só vem coisas relacionadas com a saúde, educação, lazer. Porque não tem como a gente ir desentrelaçar uma coisa da outra não tem, tanto essa questão social porque quem é que vai morar assim nessas áreas marginalizadas que não possuem acesso a recursos que são tidos como básicos.</p>
II	<p><i>Ativista I:</i> Primeiramente sobre a gestão da nossa cidade, atualmente a gente entrou numa gestão nova que a gente tá vendo uma diferença na questão do saneamento, na questão do lixo, mas a gente teve uma gestão extensa que não foi voltada para essa questão ambiental, da nossa cidade, e que a população se acostumou. Ela sabe quem de quem é o papel, mas não tem braços para cobrar, a gente sabe que a população não pensa no futuro, não pensa que vai prejudicar ela mesmo naquela comunidade, lá naquele bairro. Eu acredito que uma gestão boa da nossa cidade e mostrar que a gente precisa fazer, tem uma solução para a população, é muito importante, acho que começa da parte desse princípio e fazer o que a gente precisa que é uma mudança bem drástica principalmente na educação ambiental da população.</p> <hr/> <p><i>Ativista II:</i> Saneamento básico é uma coisa que pra gente faltou muito nos últimos anos e que ainda falta, é urgente, continua sendo de Belém esse problema continua sendo assim na mais latente, carro-chefe. A gente enfrenta muitos problemas com relação à orientação sexual a poder se expor e ter um medo maior conta que em Belém acho não sei se for a cidade de ser menor ou todo mundo se conhece, eu não sei mas a gente vê isso muito nítida.</p> <hr/>

III

*Ativista I: A cidade ela cresceu de uma forma muito desordenada e que não leva em consideração as próprias particularidades do nosso espaço, por exemplo a arborização é uma coisa triste em Belém na gente ver um grande espaço de concreto que não coexiste com aquele espaço que que é original né. O processo de urbanização de Belém potencializa ainda mais os problemas, que tem toda relação com a qualidade de vida da população no geral. Então eu acho que a gente vive essas pequenas coisas que a gente nem para sabe né, como isso tem mudado mas é um exemplo dentro de muitos, como os alagamentos que no meu bairro é muito recorrente que afeta pessoas em todos os sentidos desde a saúde humana né, parasitoses e outras doenças ou até mesmo transtorno econômico que se traz, eu mesmo fui uma das famílias afetadas e graças a Deus a gente teve condições de subir um pouco a casa mas existem muitas famílias que perderam tudo.*

---

*Ativista II: Nas minhas vivências os problemas ambientais também são vários, em todos os planos tipo assim todos de características urbanas por exemplo ele falou sobre os alagamentos sobre destinação de lixo de saneamento básico disponibilização de lixeiros e lixeiras na cidade, tem a questão também das mudanças climáticas e querendo ou não nos micro biomas da Amazônia já estão sendo sentidas então tem umas estudos de meteorologia que já mostra que aquela famosa chuva de tarde sabe tipo depois que a gente lembra na nossa infância descer depois do almoço e enrolar depois da chuva elas não acontecem mais ou elas são tipo chuvas torrenciais para lá alguma cidade então isso são reflexos das mudanças climáticas que a gente já está vivendo nos dias de hoje. Fora a questão imobiliária na cidade, existem vários problemas ambientais que causam impacto né dentro da nossa vivência lá, mas todas as características de urbanização quem nem vê quem somos.*

---

*Ativista III: Eu acho que esses problemas os mais comuns é sinal que a gente mais vê reclamação que Belém é tão mal planejado né não considerou a sua própria realidade local a cidade se expande e hoje não tem como mexer modificar que fazer uma quebradeira aí fazer um saneamento básico decente porque esse é um problema gigantesco dessa região aqui não tem saneamento básico, o fornecimento de água é uma piada, mesmo estando na região Amazônica cercada de água é um problema seríssimo a questão do lixo é nem nem se fala, todo mundo que mora aqui sabe e quem vem para e percebe na hora então eles são problemas urbanos decorrentes da degradação ambiental, do desmatamento enfim todas as questões que impactam diretamente na qualidade de vida na sociedade em que vivemos. São grandes extensões de áreas asfaltadas e com prédios e calçadas que não tem autorização simplesmente, isso forma ilhas de calor, enfim a gente acaba caindo numa diminuição da qualidade de vida das pessoas que moram aqui então tudo isso tem a ver com esses impactos ambientais que nós mesmos provocamos.*

Os problemas ambientais citados pelos ativistas caminham para problemas urbanos, como a ausência de saneamento básico, poluição por resíduos sólidos, crescimento urbano desordenado, falta de políticas públicas na educação e na saúde. Nesse sentido o **Grupo Focal I**, atrela a questão social com a questão ambiental urbana, como situa ativista IV: “porque não tem como a gente desentrelaçar uma coisa da outra, tanto a questão social porque quem vai morar nessas áreas marginalizadas não possui acesso a recursos que são tidos como básicos”. Já o **Grupo Focal II** sinaliza os problemas ambientais ligados à gestão da cidade, enquanto o grupo III processo de urbanização, a desigualdade que emerge deste, afetando questões como saúde e mudanças climáticas, como coloca ativista III: “São problemas urbanos decorrentes da degradação ambiental, do desmatamento, enfim, de todas as questões que impactam diretamente na qualidade de vida na sociedade em que vivemos”.

Estes relatos apresentados anteriormente dialogam diretamente com, de acordo com Acselrad (2008), a Justiça Ambiental. Esta emerge na possibilidade de estabelecer um diálogo entre movimentos e lutas que vieram a contestar práticas que caminham diretamente para a valorização da proteção de uma concepção de ambiente - *ligada com as cobiças propostas pelo capital*- e leva os demais a obedecerem a esta ordem. Cabe afirmar então que Justiça Ambiental está ligada com:

o direito a um meio ambiente seguro, sadio e produtivo para todos, onde o “meio ambiente” é considerado em sua totalidade, incluindo suas dimensões ecológicas, físicas construídas, sociais, políticas, estéticas e econômicas. Refere-se assim as condições em que tal direito pode ser exercido, preservando, respeitando e realizando plenamente as identidades individuais e de grupo, a dignidade e a autonomia das comunidades. (ACSELRAD et al., 2008, p.16).

Ou seja, parte-se de uma ideia que todos os aspectos e frentes da sociedade se tornam essenciais para analisar-se e lutar-se diante das questões ambientais, levando como ponto essencial o cenário em que quaisquer prática, expressão e particularidade se tornam primordiais para entender-se os contextos contemporâneos. Cabe afirmar que a exploração, os riscos e os processos que envolvem as desigualdades não emergem de um contexto fechado, pois de acordo com Acselrad (2008), como se fosse uma exceção à regra, e sim surgem de uma caminhada histórica envolvendo dominação e silenciamento por meio de ferramentas distintas de manutenção do poder.

Quadro 19- Desigualdade em Belém

Grupo Focal (GF)	Pergunta: Vocês falaram agora um pouco dos problemas que os afetam na cidade, então tem como dizer que Belém desigual?
I	<p><i>Ativista I:</i> Desigual, um rombo em relação à questão ambiental e social, que é muito grande. Por conta do relevo ela acaba sendo tendo área de inundação bem presente e aí acontece as diversas coisas que favorecem para problemas ambientais eles ficaram se intensificando por exemplo por essa questão de ordem social as pessoas que possui uma renda maior acaba ocupando os lugares de melhores condições de vida e conseqüentemente a margem dos rios, em palafitas como a gente conseguia ver antigamente era muito comum em diversos problemas associado à questão de daquelas pessoas estarem à margem da sociedade. Acaba tudo normal aquela marginalização onde as pessoas de baixo poder aquisitivo têm diversos problemas sociais, então Belém é muito desigual em diversos cenários a gente consegue perceber de maneira muito nítida.</p> <hr/> <p><i>Ativista I:</i> Além desse problema relacionado com o que falaram, tem a questão de segurança pública, sabe, de ter policiamento nas ruas, falta de iluminação, falta de espaços de lazer, programas de inclusão, enfim.</p> <hr/> <p><i>Ativista III:</i> Essa questão aí que ela tava falando também tipo outra Belém né é o que eu sinto aqui as pessoas que são esquecidas, desvalorizadas. Então isso me lembra que uma vez fui pesquisar sobre a questão dos resíduos sólidos de caroços de Açaí em Belém, e aí a gente tava correndo na cidade né procurando se tinha esses pontos de descarte de caroço e aí eu disse para o meu orientador né para a gente não vai por aqui né, tava apontando para a parte da doca, os bairros mais nobres de Belém e aí ele disse “tu não vai encontrar nada aí porque aí vai tá limpo sabe aí tu acha que tipo essas pessoas aqui morando vão deixar sujo, ele vão deixar um ponto a gente cheio de caroço aí? não vão a gente tem que ir para para cá para dentro”, então fomos mesmo e para essas áreas mais periféricas, foi selado mano, tava lá o canal tipo aqui mesmo perto de casa né a beira do canal cheio de caroço de Açaí, saca derramada. Então é isso sabe tu vai no canto tu não vai encontrar nada irregular e porque ali vive gente de poder, né? E tu vai para Periferia tu encontra todas as mazelas.</p> <hr/> <p><i>Ativista IV: A Internet falhou.</i></p>
II	<p><i>Ativista II:</i> Eu acredito que sim porque a gente percebe a diferença do centro com a periferia, a gente vê que a falta de conhecimento, a pouca visibilidade, para o local é imensa. Por exemplo, algum bairro não teve condições mínimas, o básico de condicionamento de educação, as escolas são longes daquele bairro, acredito</p>

que é muito desigual. A gente também tem que olhar para as ilhas. Eu estudo as Ilhas, a gente percebe que desigualdade, no centro tinha coleta de lixo todo dia e eram duas vezes por dia. Aqui eu que moro na Augusto Montenegro é um dia sim um dia não, tem essa desigualdade entre os lugares fora a questão também que cada cidadão tem a vivência de cada local que a pessoa mora, muda. Então é a desigualdade já tá aí, tem essas diferenças e que depois vão formando um cidadão que é diferente do outro totalmente diferente.

---

*Ativista III:* E aí quando chove não é o centro que vai para baixo, não são as pessoas ricas que deixam de estudar, deixam de trabalhar, que perderam eletrodomésticos, que adquirem doenças, são pessoas pobres e falando isso só em relação a enchente como geral, que pega o ônibus em relação a transporte agora tu fala em relação a mobilidade também, mas, a gente tem uma qualidade de ensino inferior na periferia nas escolas públicas em geral né a gente tem uma péssima qualidade de saúde também pública mas ele tendo aí falta e aí sim mas igual a própria política pública voltada à diversidade sexual é baixa aqui agora que tá vendo você tendo mais essas faltas porque a uma representação maior agora de pessoas LGBT que a mais na tomadores de decisão política. Então agora que a gente consegue ver um pouco mais desse olhar para adicionar de faltas mas já levantado que antes era bem mais escasso, mas ainda assim é desigual porque é muito pequeno em relação a todos os problemas que a gente enfrenta.

---

*Ativista IV:* As pessoas pobres acabam sendo mais prejudicadas por causa dos problemas ambientais e isso faz a sociedade de Belém ser muito desigual porque essas pessoas são as que menos contribuem para os problemas, grandes áreas verdes de Belém são tomadas para construir em enormes empreendimentos que não servem para nada, a não ser para pessoas ricas para o final de semana ou então são obras grandes que o governo faz e que acaba não tem utilidade nenhuma para pessoas pobres ou então para a sociedade civil no geral, as obras são paradas ao meio dando prioridade principalmente a asfalto em relação a áreas verdes as árvores de Belém cada vez mais estão com problemas assim não só sendo cortadas né, raízes irregulares crescendo o asfalto ele não é de nada então tudo isso a gente parte da Justiça ambientais é porque são sempre pessoas que não estão nem aí para essas construções para o gasto excessivo de dinheiro enquanto as pessoas que vivem com o mínimo é que são as coisas que mais contribuem que fazem Agricultura Familiar pessoas que fazem a reciclagem A periferia é o local onde mais existe reciclagem de das coisas né a reaproveitamento de utensílios para reciclagem compostagem então dê um exemplo de uma sociedade, as cooperativas estão localizadas na periferia, de catadores, de agricultores Então são exemplos de sociedades que são sustentáveis em uma sociedade que não é sustentável por causa de por causa do poder econômico né.

III	<p><i>Ativista I:</i> Sem sombra de dúvidas as regiões mais carentes por exemplo são as que mais alagam tem menos acesso a recursos de pavimentação menos acesso a coleta de resíduos - acesso a transporte né ciclovias uma série de situações onde as pessoas que moram mais para as áreas centrais. Essa justiça ambiental como a gente poder público demora muito mais para chegar lá do que uma pessoa que mora na zona central da cidade e é muito cara descarado isso aqui.</p> <hr/> <p><i>Ativista II:</i> É muito disparada a diferença entre a periferia e o centro urbano de Belém, é só uma cidade de Belém né, rola demais injustiça ambiental em Belém. Eu acredito que que sim até mesmo no caso de resolver problemas é muito mais fácil o prefeito, o governador, resolver um problema que tá rolando no centro da cidade do que um calo na periferia então é mais fácil ele tá para um buraco na Avenida Nazaré, que erosão do que ele ia asfaltar um uma vila em uma periferia da cidade, tem uns 300 lá mas a gente consegue observar até mesmo na própria logística da cidade, os postos de saúde a maioria da periferia lá não consegue, ela não suporta ser tratada ou tem atendimento no posto do bairro porque sempre falta vacina ou então faltar médico e enfim tem que se deslocar do seu bairro por exemplo para um outro para um algum do centro, algum que não seja no seu bairro, os acessos são limitados, a gente percebe isso com muita clareza quando a gente convive com pessoas que estão numa situação mais de balneabilidade.</p> <hr/> <p><i>Ativista III:</i> O que vem do interior também tem essa visão somente aqui em Bragança que é uma cidade muito antiga mas que ainda tem problemas muito coloniais sabe enfim que compartilham desse mesmo paradigma de construção porque se não é um problema exclusivo da Amazônia, né? Se um problema que ele é compartilhado no geral e todo o nosso processo de construção das cidades, até em São Paulo, no rio principalmente, a gente vê essas discrepâncias mas infelizmente bem sim, tá incluso e eu acho que é potencializado porque ainda pior foi o nosso processo de urbanização, né? E de construção porque foi totalmente predatório e bem descrito na literatura Então eu acho que quando a gente fala a realidade da Amazônia tem potencialização mesmo.</p>
-----	---

Fonte: Pesquisa de Campo, 2021.

O **Grupo Focal I** trouxe perspectivas que abordam a desigualdade social na cidade. Foram apontadas diversas problemáticas que potencializam as diferenças sociais principalmente na estrutura da cidade (periferia/centro), como coloca o ativista I “Belém é muito desigual em diversos cenários a gente consegue perceber de maneira muito nítida”. Já no Grupo Focal II se enfatiza a questão de segurança pública, de ter policiamento nas ruas, falta de iluminação, falta de espaços de lazer e programas de inclusão, fato este que também é tratado novamente pelo Grupo Focal II, quando trazem o mesmo apontamento de Belém enquanto uma cidade desigual. Ou seja, as diferenças entre periferia e centro são corriqueiramente ressaltadas, como exemplo pode-se ter a fala do ativista II, o qual apontou uma série de fatos

cotidianos que afetam moradores pobres e periféricos. No **grupo Focal III** comentou-se injustiça ambiental, por pessoas que menos contribuem serem as mais afetadas por problemas relacionados ao meio ambiente. Após este momento, se passou para entender como o grupo articula a sua visão sobre a cidade com a prática que desenvolve para incidir nesta através das estratégias que foram aprofundadas nas perguntas anteriores, obtendo-se o seguinte universo de dados:

**Quadro 20: Atuação diante da realidade desigual**

Grupo Focal (GF)	Pergunta: Vocês já fizeram algo para alterar essa realidade desigual?
I	<p><i>Ativista I:</i> Uma ação que marcou muito essa questão de resíduo está associado também alagamento foi um movimento ruas verdes, no qual ali um ocupar as vagas né de carros com vegetação, mudas de árvores que deveriam ser plantadas para as pessoas estão passando, mostrar a questão de resíduo e revitalização como uma solução para o problema que estava sendo apontado ali. Então como ele como o grupo eu acredito que essa ação as maiores que ela saiu um pouco da sensibilização verbal e partir para uma prática bem maior, pra conseguir impactar aquela região no positivo tem certeza que as pessoas passaram por ali conseguiram sentir uma energia uma mudança bem forte na verdade.</p> <hr/> <p><i>Ativista II:</i> Quando fomos falar sobre educação ambiental no hospital, mas a gente também falou sobre desigualdade, a gente também falou sobre como eles podiam mudar a realidade deles ambientalmente. Nossa me marcou muito porque eu não esperava aquele tipo de recepção não era as pessoas que trabalhavam ali ele se interessaram muito e a gente viu que aquilo ia para frente sabe que a planta a semente que foi plantado ali ia dar frutas muito bacana muito mesmo.</p>
II	<hr/> <p><i>Ativista I:</i> Então acho que algumas partes que a gente já já levantou para incidir sobre essas temáticas que a gente falou né a gente já fez várias estratégias dentro de Belém tanto com outros grupos locais de outras ONGs dentro de por exemplo da campanha do Carnaval sem assédio que mais a greve Global pelo clima enfim a revitalização de espaços dialogando sobre sobre os impactos que trazem através daquele local que tá mais assim para parar de vezes e aí importante mencionar que a gente sente muito por essas faltas porque a maioria dos nossos voluntários eles residem em periferias, são pessoas não brancas, são pessoas não héteros também. E aí a gente tem todas as nossas questões trazidas para o grupo e a gente precisa trabalhar com que o grupo é, a gente não pode trabalhar com coisas que não nós não somos, não consigo eu acho que isso é muito tocante. As nossas ações a gente vai porque a gente tem que aquele nosso local que aquela é a nossa luta, a identificação de fato dos voluntários com a pauta do núcleo, e porque o grupo tá cada vez mais diversificado e é muito legal essa inclusão está diversidade da mistura toda.</p>

III	<p><i>Ativista I:</i> Acho que a gente já fez algumas ações relacionadas aos resíduos sólidos que é um problema aqui da cidade e também a questão da campanha da água que eu me recorde agora são essas questões que a gente debateu e tentou fazer alguma ação a respeito.</p> <hr/> <p><i>Ativista II:</i> A gente fez alguma coisa nem que seja pontual relacionado essas problemáticas locais da cidade e região, minicursos, na verdade palestra, a gente levou essa questão de resíduos sólidos, a gente já fez oficinas também tipo de reciclagem de brinquedo, educação ambiental nas escolas, ocupar espaços de falas também como foi dito na época das formações pelas palestras, enfim, fora eu acho que é basicamente isso né agora que ainda vai vir mas eu acho que a gente consegue sim dentro de um contexto mínimo, mesmo que dentro das escolas fazer uma diferença mesmo de sensibilizar e tudo mais lembra também que a gente chegou um dia e levantou todos esses problemas locais e a gente criou dividiu vários grupos e criamos projetos para fazer submissão, né para poder alocar recursos para fazer então eu lembro que destes projetos surgiram muitas boas ideias, legais e também estavam relacionadas com resíduos sólidos com enchente mas assim esses projetos estão feitos criados mas nunca foram postos em prática mas com relação a pensar e parar escrever alguma coisa já rolou também então além das nossas ações práticas a gente também já tem histórico de alguns projetos que infelizmente não foram realizados mas foram elaborados por pessoas que não estão mais no grupo.</p>
-----	--

Fonte: Pesquisa de Campo, 2021.

Foram distintas as ações e projetos que foram consideradas transformadoras de realidades pelos ativistas, como pode-se ver no quadro acima, trouxeram ações de mobilização e ativismo, presença em campanhas nacionais (carnaval sem assédio e greve global pelo clima) e ações amplas desde oficinas, palestras e outras formas de articulação ligado aos objetivos e pautas do grupo. Dessa forma, o núcleo sinalizou que essas formas de atuar também se configuram como maneiras de incidir na realidade desigual que tanto se tratou anteriormente.

Para ilustrar esse cenário, nada mais eficaz do que fatos para ilustrar o quadro (socio) ambiental da metrópole.

De acordo com o G1 (2019) é possível constatar que a cidade de Belém até meados de 2019 ainda não possuía um destino eficaz para os resíduos sólidos produzidos por seus habitantes, estando em nesta situação juntamente com Marituba e Ananindeua, afinal o Aterro Sanitário de Belém, para onde esses materiais eram destinados, estaria prestes a ser fechado e ainda não havia um plano de ação das prefeituras, havendo na época a resposta do prefeito que nada poderia fazer quanto ao destino do destes resíduos. Sendo que 3 meses após, em

matéria também do G1 (2019), o problema ainda se manteve latente, quando foi decretada a emergência sanitária na cidade por meio de sua prefeitura.

Em torno de um ano depois do momento descrito acima, a cidade foi atingida por alagamentos que trouxeram prejuízos diversos para a população. G1 (2020) relatou que a situação não foi causada devido às grandes marés, mas que também esteve ligada a uma falta de planejamentos urbanos eficazes para a realidade local.

Problema este que modificou o cotidiano de inúmeros sujeitos e trouxe à tona a real situação (socio)ambiental da cidade: um cenário de descaso, com acesso desigual que permeia a calamidade, ou seja, um lugar que de fato poucos, afinal:

A capital, Belém, é o polo metropolitano, mas também o centro difusor da distribuição desigual dos impactos ambientais na mancha urbana metropolitana. As condições de gestão desiguais entre os municípios conduzem para a franja metropolitana, as concentrações de moradias precárias destinadas à parcela da população pobre que antes residiu nas baixadas e periferias já valorizadas do centro, originando zonas de sacrifícios em áreas segregadas, onde são perpetuados preconceitos, intolerância e conflitos na produção do espaço criado sob a égide do capitalismo urbano. (AMARTYA SEN, 1999). São Zonas de Sacrifício da periferia metropolitana da RMB os espaços que concentram práticas espaciais altamente poluidoras, responsáveis por danos e riscos ambientais, e que promovem a reconfiguração de dinâmicas socioespaciais originais pela conversão de usos, contaminação de rios, solos e desmatamento, inviabilizando condições de produção históricas associadas à esses recursos primários, mas também provocando situações de precariedade e de risco a vida humana (ACSELRAD, 2001; OLIVEIRA, MELLO, PEIXOTO, 2017). (QUEIROZ, 2019, p. 36)

Nesta linha de raciocínio percebe-se que a questão socioambiental e a (in)justiça ambiental em Belém caminham na mesma perspectiva, afinal, quando a cidade se torna mercadoria apenas os que possuem poder monetário vão de fato ter acesso aos serviços, sendo assim o urbano, em suas mais distintas dimensões, passa a ser de domínio de quem exerce maior poder, ou seja, de um pequeno grupo que goza dos direitos relacionados à condição de vida na cidade. Os ativistas que atuam na ONG desenvolvem ações que questionam este ordenamento da cidade de Belém, trazendo as suas práticas como resposta às problemáticas que assolam suas trajetórias.



# VI

## CONSIDERAÇÕES PARA NÃO FINALIZAR



Esta dissertação alcançou seu objetivo previsto inicialmente, de analisar como são empreendidas as práticas socioambientais a partir da ONG Engajamundo em Belém-PA. Ao longo do processo de atingi-lo foi essencial recorrer a estratégias metodológicas, entre a abordagem qualitativa, a dialética e a pesquisa participante, além de um denso processo de adaptação para abarcar as restrições do momento atual ligado a pandemia do COVID-19, realizando-se então um movimento de entender-se realidades, possibilidades e margens para desenvolver-se processos criativos ao longo da coleta de dados.

Este texto também esteve organizado em sessões que buscaram atingir os objetivos e ao mesmo tempo criar pontes para entendimentos essenciais para a compreensão das categorias exploradas como essenciais para analisar-se o objeto da pesquisa.

Iniciou-se trazendo a revisão de literatura, no sentido de observar as conexões necessárias para tratar a questão ambiental enquanto também um movimento para se descolonizar a visão existente sobre a natureza, realizando-se em seguida um caminho sobre as concepções de ambientalismo, frentes e correntes, recaindo-se então em uma discussão sobre conflitos, injustiças as distintas respostas da sociedade, sendo que estas, em diversos momentos, também se configuram como processos de resistência.

Nesta linha, desenvolve-se um apanhado sobre o conceito de Organizações Não Governamentais e sua relação com a Amazônia, trazendo-se uma visão acerca dos processos de instalação e até mesmo as problemáticas que surgem a partir disso em contextos distintos, revelando-se as inúmeras faces que estas iniciativas podem ocasionar nos territórios.

Após esta trilha teórica, embarcou-se em uma análise do Engajamundo voltada para trazer as espacialidades, as quais também geram uma solicitação para se dialogar com a categoria de escala, afinal a rede gerada a partir da ONG conecta e gera pontos de encontros/desencontros as quais projetam e resultam em políticas de escalas, voltadas para entender-se a agenda geral, com objetivos, missões e visões, mas que internamente também abre margens para processos de criação autônomos e adaptativos de acordo com as realidades das instâncias executoras, ou seja, o Engajamundo caminha para atingir determinadas metas e levando em consideração seus valores e princípios, a nível de alinhamento, entretanto, a partir disso, surgem estratégias e formas de atingir-se intuitos as quais se transmutam de

acordo com os sujeitos que as criam, sendo isso uma das potências geradoras de grupos mobilizadores, como o EngajaÉGUA.

Estes processos chegam para o Núcleo de Belém como uma possibilidade de transição, de chegarem, enquanto sujeitos amazônidas, em outros espaços de atuação ativista, projetando ações e ao mesmo tempo desenhando esquemas para consolidar a participação local nas aberturas realizadas pelo grupo. Apesar destas oportunidades e diálogos, também há o diagnóstico de obstáculos de comunicação entre as estruturas da organização, os quais por determinado recorte temporal afastaram as pautas locais do que era desenvolvido a nível nacional, de acordo com os relatos dos sujeitos, todavia, quando se iniciou o processo de desenvolvimentos de lideranças que surgiram em Belém e assumiram cargos em outros espaços da ONG, este distanciamento começou a ser superado.

Desta noção autônoma e ligada com a produção de lutas a partir do sentido, vivido e experienciado surgem as estratégias do Núcleo Local, além das suas visões sobre as questões socioambientais na cidade de Belém. As estratégias do grupo estão inteiramente interligadas com um processo de criação orgânico e coletivo, surgindo de necessidades, das demandas, sendo diretamente realizado para respostas a problemáticas que emergem no cotidiano. Além do mais, percebe-se processos a serem caminhados a níveis internos e externos, ou seja, as estratégias de execução para questões como engajamento e até mesmo organização de tarefas, acionam habilidades e saberes diferentes quando se trata de desenvolver-se ações para comunidades, mensurar impacto, incidir em espaços de tomada de decisão, por exemplo.

A partir do breve mapeamento de ações do ano de 2015-2021 é possível averiguar um processo de expansão, consolidado, como os dados apontam, por uma criação de redes locais, de movimentos, projetos e organizações parceiras, as quais produzem em conjunto formas de atuação e incidência em Belém, fato este que gerou uma frequência de mobilizações, atingindo seu ápice no ano de 2019, no qual abriram-se portas para a entrada de outras pautas antes não tocadas, fazendo com que os anos seguintes, 2020 e 2021, configurados pelo contexto remoto devido a pandemia, também se tornassem momentos estratégicos para entender-se os posicionamentos e caminhos a serem seguidos pelo grupo, recaindo-se então na criação do “Receita de Maniva: Programa de ativação ARTEvista em Belém”, em um cenário que a temática cultura ainda não tinha tomada como principal até então,

todavia percebe-se um giro para tratar as questões ambientais sem fragmentar de outros aspectos e expressões da sociedade.

Ou seja, o mapeamento das práticas empreendidas revela um processo de amadurecimento dos posicionamentos, um retorno para essência e em paralelo a busca pela identidade do grupo dentro do Engajamundo levando em consideração as especificidades carregadas por um núcleo local criado a partir da Amazônia.

É possível concluir também que o Núcleo Local EngajaÉGUA desenvolve sua agenda com base em suas realidades, criando-se então práticas, saberes e espacialidades para atuação, assim como maneiras de construir e ler-se a cidade de Belém, tornando-se evidente que há participação dos ativistas do grupo nos processos desenvolvidos e concretizados em espaços nacionais da ONG. Além deste movimento de entender-se a dinâmica interna do grupo, também é possível averiguar como o processo de (des)envolvimento instaurado na Amazônia ressoa na luta travada pelos ativistas, assim como a compreensão profunda do grupo sobre como isto projetou injustiças e conflitos socioambientais em suas realidades, fato este que também gera a criação de estratégias, apesar das dificuldades, como falta de espaços de participação para implementação das práticas e conseqüentemente o surgimento do sentimento de não estar sendo escutado, considerado, visto e compreendido como também sujeitos produtores e geradores de mudanças na metrópole.

Conclui-se então que a ONG se configura, na cidade de Belém, como um espaço de construção coletiva para incidência nas questões socioambientais a partir das estratégias desenvolvidas por ativistas amazônidas. Mesmo diante das inúmeras limitações advindas do contexto em que a presente pesquisa foi desenvolvida, a adaptação metodológica para o uso de funcionalidades e dinâmicas remotas, é fato que os debates e dados aqui expostos virão a contribuir com futuras pesquisas determinadas em propor diálogos com as questões socioambientais para além de análises que configuram um olhar hegemônico e distante das reais experiências geradas pela resistência de sujeitos da Amazônia.

Também é importante reforçar como as práticas empreendidas pela ONG configuram-se como estratégias que interrogam o urbano, sua lógica elitista, trazendo alternativas, a partir de vivências, para olhar-se para uma Belém já sentida por estes ativistas nos seus cotidianos, mas que pouco é falada: *a cidade desigual, repleta de injustiças ambientais*.

Mesmo diante disso, nunca houve sequer um momento em que a essência amazônica se rendeu. Se fizermos silêncio é possível escutar a solução para a crise socioambiental sendo sussurrada pelos ventos, sendo cantada pelos povos e narrada pelos mais antigos. Por meio de práticas de resistência, a Amazônia – *com todos os saberes e dimensões* – se mantém construindo histórias que se contrapõem à lógica capitalista, e assim concebe alternativas de ler-se as realidades. Nos revela possibilidades de construir novos mundos com base nas suas existências.

Dessa maneira, este momento da presente pesquisa não se configura apenas como um espaço para finalizar discussões, já que o grande intuito deste estudo é possibilitar aberturas, projetar interrogações e questionamentos que possam ser gerados a partir do que foi discorrido ao longo destas páginas, afinal cabe sinalizar que este estudo surge uma ímpar contribuição para a geografia em relação a entender-se as questões ambientais sem fragmentá-las de recortes essenciais para criar-se uma visão ligada com um estudo do miúdo - *do escondido, não falado*- mesmo que paralelamente considere um movimento de trazer processos já falados - *até mesmo anteriormente esmiuçados*- para recontá-los a partir de quem sentiu sua trajetória sendo tocada por eles. Afinal de contas, inúmeros métodos, abordagens e entre outras criações acadêmicas de nada valem sem conexão com a realidade, sem a face sensível que emerge do viver. Então, que busquemos não finalizar estudos, mas através deles abrir campos para romper dogmas e então analisar a questão ambiental a partir de lentes descolonizadas.

## VII- REFERÊNCIAS

ALIER, Juan Martínez. **O ecologismo dos pobres: conflitos ambientais e linguagens de valoração**. São Paulo: Contexto, 2007.

ACSELRAD, H. Ambientalização das soluções sociais - o caso do movimento por justiça ambiental. **Estud. av.**, São Paulo, v. 24, n. 68, pág. 103-119, 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142010000100010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142010000100010&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 07 de outubro de 2020.

ACSELRAD, H.; MELLO, C. A. M.; BEZERRA, G. N. B. **O que é Justiça Ambiental**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

ABELÉM, A. G. **Urbanização e remoção: por que e para quem?** Belém: Centro de Filosofia e Ciências Humanas /NAEA / UFPA, 1988.

BAUER, M. W. Entrevistas Individuais e Grupais. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BELÉM. Lei Municipal n. 8.655/08, de 30 de junho de 2008. Dispõe sobre o Plano Diretor do Município de Belém, e dá outras providências. **Diário Oficial [do Estado do Pará]**, Pará, v. 3, n. 6, p. 70, 30 out. 2008.

Belém ainda discute o que fazer com o lixo de 2,5 milhões de paraenses. **G1-PA**, Pará, 05 de jun. de 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2019/06/05/belem-ainda-discute-o-que-fazer-com-o-lixo-de-25-milhoes-de-paraenses.ghtml>>. Acesso em: 20 de jun. de 2020.

BECKER, B. K. Uma visão de futuro para o coração florestal da Amazônia. In: **Um projeto para a Amazônia no século 21: desafios e contribuições.** Brasília, DF: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, 2009. p. 37- 85.

GODINHO, Clarissa Prates Godinho; VIANA, Elis Medrado; ROSA, Helen Santa Rosa; ZHORI, Andrea. Conflitos ambientais e as contradições do desenvolvimento sustentável: o caso da Mineração em Conceição do Mato Dentro/MG e suas consequências. **Anais do XX Encontro Nacional de Estudos Populacionais.** Foz do Iguaçu: Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 2016.

GOMES, Zeide Lúcia Gusmão; BRITES, Cunha Ricardo Seixas; CAVALCANTE, Pedro Carneiro Teixeira; BESSA, Luiz Fernando Macedo. Ambientalismo: um estudo sobre as identidades das ONGs ambientalistas no Brasil. **Ambiência - Revista do Setor de Ciências Agrárias e Ambientais** V. 4 N. 3 Set./Dez. 2008. P 501-516.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, Apr. 2002.

BRANDÃO, C. R. A Pesquisa participante e a participação da pesquisa: um olhar entre tempos e espaços da América Latina. In: Brandão, C. R.; Streck, D. R. (Org.). **Pesquisa participante: o saber da partilha.** Aparecida: Ideias & Letras, 2006. p. 21-54.

CARLOS, A. F. A. **O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade.** São Paulo: Labur Edições, 2007, 123p.

CARNEIRO, T. Alagamentos em Belém não são causados só pela forte chuva e maré alta, diz especialista; entenda. **G1-PA**, Pará, 12 de mar. de 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2020/03/12/alagamentos-em-belem-nao-sao-causados-so-pela-forte-chuva-e-mare-alta-diz-especialista-entenda.ghtml>>. Acesso em: 20 de jun. de 2020.

CARNEIRO, C. M. W.; CANEPARO, S. C. **ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS AMBIENTALISTAS – A ATUAÇÃO DA SOCIEDADE**

CIVIL EM CURITIBA E REGIÃO METROPOLITANA. R. RA´E GA, Curitiba, n. 19, p. 125-137, 2010. Editora UFPR.

CASCINO, F. **Educação ambiental: princípios, história, formação de professores.** São Paulo: SENAC, 2000.

CASTRO, E. Amazônia na encruzilhada: saque colonial e lutas de resistência. In: CASTRO, E. **Territórios em transformação na Amazônia: saberes, rupturas e resistências.** Belém: NAEA, 2017. P. 19-48.

CASTRO, Iná Elias de. O problema da escala. In: CASTRO, Iná Elias de. et al. (orgs.): **Geografia: conceitos e temas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1995.

CORRÊA, Roberto Lobato. A periodização da rede urbana da Amazônia. In: CORRÊA, Roberto Lobato. **Estudos sobre a rede urbana.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 23.ed. São Paulo: Cortez, 1989.

CUNHA, L.H.; COELHO, M. C. N. Política e Gestão Ambiental. In: CUNHA, S. B.; GUERRA, A. J. T. ( Org.). **A questão Ambiental, Diferentes Abordagens.** RJ: Bertrand Brasil, 2003.

CHIZZOTTI, A. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação.** Braga-PT, v. 16, n. 2, p. 221-236, 2003.

CRUZ, V. C. Geografia e pensamento descolonial: notas sobre um diálogo necessário para renovação do pensamento crítico. In: CRUZ, V. C.; OLIVEIRA, D. A. (Orgs). **Geografia e giro descolonial: experiências, ideias e horizontes de renovação do pensamento crítico.** Rio de Janeiro: Letra Capital, 2017. p. 15-36.

ENGAJAMUNDO, Associação de Jovens. **Relatório de Atividades 2019.** São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://www.engajamundo.org/novosite/wp-content/uploads/2020/03/Relat%C3%B3rio-Engajamundo-2019.pdf>> Acesso em: 20 de jun. de 2020.

ENGAJAMUNDO, Associação de Jovens. **Relatório de Atividades 2017/2018.** São Paulo, 2019. Disponível em: <[https://www.engajamundo.org/novosite/wp-content/uploads/2019/07/2017\\_18-Relat%C3%B3rio-de-Atividades-Engajamundo-bianual-2.pdf](https://www.engajamundo.org/novosite/wp-content/uploads/2019/07/2017_18-Relat%C3%B3rio-de-Atividades-Engajamundo-bianual-2.pdf)> Acesso em: 19 de dez. de 2020.

ENGAJAMUNDO, Associação de Jovens. **Relatório de Atividades 2016.** São Paulo, 2017. <<https://www.engajamundo.org/novosite/wp-content/uploads/2019/07/2016-Relat%C3%B3rio-de-Atividades-Engajamundo-1.pdf>> Acesso em: 19 de dez. de 2020.

ENGAJAMUNDO, Associação de Jovens. **Visão das Juventudes do Engajamundo para o desenvolvimento do Brasil.** São Paulo, 2020. Disponível em:

<<https://conteudo.engajamundo.org/nos-levem-a-serio>> Acesso em: 10 de jan. de 2021.

FERREIRA, Victor Cláudio Paradela. ONGs no Brasil: **Um estudo sobre suas características e fatores que têm induzido seu crescimento**. 2005. 257 F. Tese (Doutorado em Administração) – Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 2005.

FILHO, Guilherme Felix Machado. A POLÍTICA DE ESCALAS NAS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013: O CASO DO MPL-RJ. Anais do XI ANPEGE. 2015. ISSN 2175-8875.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GHANEM, Elie. As ONGs e a responsabilidade governamental com a escola básica no Brasil . **Pro-Posições**, Campinas, v. 23, n. 2 (68), p. 51-65, maio/ago. 2012.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOHN, M. G. Abordagens teóricas no estudo dos movimentos sociais na América Latina. **Caderno CRH**, Salvador, v. 21, n. 54, p. 439-455, 2008.

GOHN, M. G. M. **Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e modernos**. 3.ed. São Paulo: Loyola, 1997.

GOHN, M. G. M. **Novas teorias dos movimentos sociais**. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

GOHN, Maria da Glória. Sociedade Civil no Brasil: movimentos sociais e ONGs . Meta: **Avaliação**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 14, p. 238-253, mai./ago. 2013.

GRANDI, Matheus Da Silveira. O DEBATE CONTEMPORÂNEO SOBRE AS ESCALAS GEOGRÁFICAS NA GEOGRAFIA BRASILEIRA: REFLEXÕES PRELIMINARES. **XIII ENANPEGE**. São Paulo. 2019.

HARVEY, D. **Cidades Rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

IPEA. **Gestão do uso do solo e disfunções do crescimento urbano: instrumentos de planejamento e gestão urbana: Belém, Natal e Recife / IPEA, USP, UFPA, UFPE**. Brasília: IPEA, 2001. v.2, pgs. 35-75.

ITABORAHY, N. Z. Uma reflexão sobre a pesquisa participante em Geografia: lugares em construção. In: Encuentro de Geógrafos de América Latina, 2013, Lima. **Anais do XIV EGAL**, 2013.

LEFF, E. **Saber Ambiental: Sustentabilidad, recionalidad, complejidad, poder**. 1º edición. México: SigloVintiuno editores, s. a. de c. v, 1998.

LEFEBVRE, H. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.

LEFEBVRE, H. **Direito à cidade**. São Paulo: Ática, 1991

LACOSTE, Y. **A geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Campinas, SP: Papyrus, 1993.

MARCONI, M. D. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. – 5a Ed - SÃO PAULO: Atlas, 2003.

MALHEIRO, B. C. P.; CRUZ, V. C. “Geo-grafias dos grandes projetos de des-envolvimento: territorialização de exceção e governo bio/necropolítico do território”. **Geo-graphia**, v. 21, n. 46, mai-ago 2019, p. 18-31.

MOORE, Adam. REPENSAR A ESCALA COMO UMA CATEGORIA GEOGRÁFICA: DA ANÁLISE PARA A PRÁTICA. **GEOgraphia** Niterói, Universidade Federal Fluminense ISSN 15177793 (eletrônico) **GEOgraphia**, vol. 20, n. 42, 2018: jan./abr.

MORAES, A. C. R. **Geografia pequena história crítica**. São Paulo: Annablume, 2003.

MOREIRA, E. **Belém e sua expressão geográfica**. Belém: Imprensa Universitária, 1966. p. 174.

MEIRA FILHO, A. **Evolução histórica de Belém do Grão-Pará**. Belém: Grafisa, 1976.

MELUCCI, Alberto. Um objetivo para os movimentos sociais? **Lua Nova**, São Paulo. n. 17, p.50-66, jun.1989.

OLIVEIRA, Aldo Eurípedes Soares de. **ONGs ambientalistas: desafios e gestão de agentes voluntários de políticas ambientais**. 2006. 141 f. Dissertação (Mestrado em Economia) -Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

OLIVEIRA, A. U. **A agricultura camponesa no Brasil**. 4ª Ed. São Paulo: Contexto, 2001.

OLIVEIRA, L. G. **Ativismos e a cidade: redes de resistência na produção do urbano**. 2016. 181 f. Dissertação (Pós- Graduação em Arquitetura e Urbanismo-NPGAU) – Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

PENTEADO, A. R. **Belém: estudo de geografia urbana**. Coleção amazônica. Série José Veríssimo. Belém: UFPA, v.1, 1968.

QUEIROZ, V. A. V. B. **O Ambiente periférico metropolitano: O caso de Marituba - PA**. Dissertação (Programa De Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo) Instituto de tecnologia, Universidade do Estado do Pará. p. 78. Belém, 2019.

QUIVY, R.; COMPENHOUT, L. **Manual de Investigações em Ciências Sociais**. Lisboa: Gradiva, 2005.

PÁDUA, J. A. Natureza e projeto nacional: nascimento do ambientalismo brasileiro. In: SVIRSKY, Henrique; CAPOBIANCO, J. P. R. (Orgs). **Ambientalismo no Brasil: passado, presente e futuro**. São Paulo: Instituto Socioambiental: Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo, 1997. 112 p.

PEDON, N. R. **Geografia e movimentos sociais: dos primeiros estudos à abordagem socioterritorial**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

PORTO-GONÇALVES, C. W. **Amazônia, Amazônias**. São Paulo: Contexto, 2005.

PORTO-GONÇALVES, C. W. **Amazônia: encruzilhada civilizatória, tensões territoriais em curso**. Rio de Janeiro: Consequência, 2018.

PORTO-GONÇALVES, C. W. **Os (des) caminhos do Meio Ambiente**. 15 ° edição. São Paulo: Contexto, 2011.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter (2001). **Geo-grafías: movimientos sociales, nuevas territorialidades y sustentabilidad**. Ed. Siglo XXI, México, D.F. P-217-256.

PROCÓPICO, Argemiro. Degradação ambiental e Ongs na Amazônia Continental. Boletim de Análise de Conjuntura em Relações Internacionais N° 82 Maio – 2007. ISSN 1518-1219.

RIBEIRO, F. V. A prática socioespacial da resistência. CARLOS, A. F. A; SANTOS, S. C.;ALVAREZ, I. P. **Geografia urbana crítica: teoria e método**. São Paulo: Editora Contexto, 2018. p. 53-64.

RODRIGUES, A. M. DESIGUALDADES SOCIOESPACIAIS – A LUTA PELO DIREITO À CIDADE. **CIDADES**, v. 4, n. 6, 2007, p. 73-88.

SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (Org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. 637 p.

SANTOS, M. **Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 21° edição. São Paulo: Cortez, 2010. 304 p.

SOUZA, M. L. **ABC do Desenvolvimento Urbano**. 2° ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

SOUZA, M. L.; CANDIOTTO, L. Z. P. A luta pelo ambiente. **AMBIENTES: Revista de Geografia e Ecologia Política**. Volume 1, Número 1, 2019, p. 5-13.

SOUZA, M. L. S. **Ambientes e Territórios: Uma introdução à Ecologia Política**. 1° edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

SOUZA, M. L. S. **Dos espaços de controle aos territórios dissidentes: escritos de divulgação científica e análise política**. Rio de Janeiro: Consequência, 2015.

SOUZA, M. L. S; RODRIGUES, G. B. **Planejamento urbano e ativismos sociais**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

SOUZA, M. **História da Amazônia**. Manaus: Editora Vale, 2009.

SOETERIK, Inti Maya Soeterik. SANTOS, Renato Emerson Nascimento Dos Santos. ESCALAS DA AÇÃO POLÍTICA E MOVIMENTOS SOCIAIS: O CASO DO MOVIMENTO NEGRO BRASILEIRO E A EMERGÊNCIA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS DE COMBATE AO RACISMO. **GEOgraphia** - Ano. 17 - Nº33 – 2015.

SILVA, E. ; NEVES, Gervásio R.; MARTINS, L. B. (orgs.). **José Bonifácio: a defesa da soberania nacional e popular**. Brasília: Fundação Ulysses Guimarães, 2011. 288 p.

SILVEIRA, R. L. L. Escalas Espaciais, Território e Desenvolvimento Regional: Notas para discussão teórica e metodológica. In: SOUSA, C. M., THEIS, I. M., and BARBOSA, J. L. A., eds. **Celso Furtado: a esperança militante** (Desafios): vol. 3 [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2020, pp. 193-215. Projeto editorial 100 anos de Celso Furtado collection, vol. 3. ISBN: 978-65-86221-12-1. <https://doi.org/10.7476/9786586221688.008>.

SVIRSKY, H.; CAPOBIANCO, J. P. R. (Orgs). **Ambientalismo no Brasil: passado, presente e futuro**. São Paulo: Instituto Socioambiental: Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo, 1997. 112 p.

SPOSITO, M. E. B. **Capitalismo e urbanização**. 8.ed. São Paulo: Contexto, 1997.

SPOSITO, E. S. **Geografia e Filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico**. São Paulo: UNESP, 2003.

TRIVIÑOS, A. W. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.

TRINDADE JR. Saint-Clair Cordeiro. **Produção do espaço e uso do solo urbano em Belém**. Belém: UFPA / NAEA, 1997.

TRINDADE JÚNIOR, S.-C. C. da. Assentamentos urbanos e reestruturação metropolitana: o caso de Belém. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, v. 2, n. 2, p. 39-52, 1998.

VIANA, N. Os objetivos dos movimentos sociais. **Revista Movimentos Sociais**, v. 1, n. 1, p. 41-87, jul./dez. 2016.

VIOLA, E.; LEIS, H. R.; FERREIRA, L. C. Confronto e legitimação (1970 a 1990). In: SVIRSKY, H.; CAPOBIANCO, J. P. R. (Orgs). **Ambientalismo no Brasil: passado, presente e futuro**. São Paulo: Instituto Socioambiental: Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo, 1997. 112 p.

LEFF, E. Ecologia Política: uma perspectiva latino-americana. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 27, p. 11-20, jan./jun. 2013. Editora UFPR.

Zenaldo Coutinho diz que não há solução definitiva sobre o destino do lixo da Grande Belém. **G1-PA**, Pará, 03 de jun. de 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2019/06/03/zenaldo-coutinho-diz-que-nao-ha-solucao-definitiva-sobre-o-destino-do-lixo-da-grande-belem.ghtml>>. Acesso em: 20 de jun. de 2020.

ZHOURI, Andréa. O ATIVISMO TRANSNACIONAL PELA AMAZÔNIA: ENTRE A ECOLOGIA POLÍTICA E O AMBIENTALISMO DE RESULTADOS. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 12, n. 25, p. 139-169, jan./jun. 2006.

# APÊNDICES



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA  
PESQUISA REALIZADA PARA UM ESTUDO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO  
DE CURSO.**

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA DA PESQUISA  
EXPLORATÓRIA PARA FUNDADOR DO NÚCLEO LOCAL:

Entrevista n°:

Nome:

Codinome:

Sexo:

1. O que levou você a participar do movimento ambientalista?
2. Como aconteceu o seu processo de engajamento no movimento?
3. O que fez você permanecer no movimento?

4. Quais as coisas que te levaram a trazer o grupo para Belém?
5. Houveram dificuldades?
6. Qual a diferença do grupo em Belém pro restante do Engajamundo?



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARÁ**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE PEDAGOGIA**  
**PESQUISA REALIZADA PARA UM ESTUDO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO**  
**DE CURSO.**

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA DA PESQUISA  
EXPLORATÓRIA PARA MEMBRO DO CF RESPONSÁVEL PELA FUNDAÇÃO:

Entrevista n°:

Nome:

Codiname:

Sexo:

1. Como aconteceu a fundação do Engaja a nível nacional?
2. O que mais marcou esse período?
3. Como surgiu a ideia de ter núcleos Locais?
4. E para fundar em Belém, me conta como isso aconteceu?
5. Qual a importância do engaja estar no norte do país?

6. Houveram situações que te marcaram ao longo desta fundação?



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA  
PESQUISA REALIZADA PARA UM ESTUDO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO  
DE CURSO.**

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA DA PESQUISA  
EXPLORATÓRIA PARA ATIVISTA LOCAL:

Entrevista n°:

Nome:

Codinome:

Sexo:

1. O que é o teu núcleo Local?
2. Como vocês se organizam?
3. Como acontece a relação de vocês como restante do Engaja?
4. Como é ser ativista em Belém?
5. O que vocês já fizeram aqui em Belém?



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA  
PESQUISA REALIZADA PARA UM ESTUDO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO  
DE CURSO.**

**ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA DA PESQUISA  
EXPLORATÓRIA PARA FUNDADORA A NÍVEL NACIONAL**

Entrevista n°:

Nome:

Codinome:

Sexo:

1. Qual a história do Engaja?
2. Como começou a tomar essa dimensão que há hoje em dia?
3. Quando foi que vocês perceberam o que tinham criado?
4. Quais os maiores marcos da rede para você?
5. O que representa a expansão do engaja para o norte do país?
6. O que o Núcleo de Belém significa para a rede?



**GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

**ATIVISMOS URBANOS ENQUANTO ESTRATÉGIA NO MOVIMENTO  
AMBIENTALISTA DE BELÉM-PA: (RE)EXISTÊNCIAS E PRÁTICAS  
JOVENS DA ONG ENGAJAMUNDO**

*Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. A colaboração, neste estudo, de seus relatos como entrevistados, caso desista não haverá nenhuma espécie de prejuízo a você.*

*Muito obrigada!*

---

Trata-se de uma pesquisa intitulada “**Ativismos urbanos enquanto estratégia no movimento ambientalista de Belém-PA: (re) existências e práticas jovens da ONG Engajamundo**”, em que se busca analisar as dinâmicas existentes no movimento social posto em enfoque, e pretende-se revelar quais práticas coletivas direcionam-se para a relação entre o movimento e a cidade, emergente da atuação de ativistas envolvidos pela causa ambientalista na Amazônia.

A partir destas discussões pretende-se alcançar o objetivo geral de etnografar os activismos urbanos que fazem emergir um ambientalismo a partir da ONG Engajamundo em Belém-PA. Já como específicos carrega a intenção de verificar os problemas socioambientais da cidade que se tornam pautas dentro do grupo, identificar a relação entre as lutas e resistências do movimento e as localidades em

que desenvolvem suas ações, assim como analisar as estratégias, mobilizações e vivências do movimento.

No caso de alguma dúvida ou consideração a responsável pela pesquisa é Ana Rosa Calado Cyrus, portadora do RG 7419161 e CPF 019478292-11, discente do curso de Pós-Graduação em Geografia-PPGG, orientada pelo Prof. Dr. Antônio de Pádua Mesquita dos Santos Brasil, docente da Universidade do Estado do Pará (UEPA) situada na Rua do Una, nº 156, Telégrafo.

Garantimos a retirada do consentimento a qualquer momento, assim como o abandono de participação no estudo sem qualquer prejuízo. As informações serão analisadas e fica garantido o sigilo da identificação dos e das participantes.

Os/as participantes têm o direito de serem mantidos/as atualizados/as sobre os resultados que sejam do conhecimento das pesquisadoras. Não há despesas pessoais para os e as participantes nem compensação financeira relacionada à sua participação.

Estou ciente do compromisso das pesquisadoras de utilizar dados e o material coletado somente para pesquisa e que poderão ser divulgados em meios científicos (congressos, revistas, artigos, etc.) nacionais e internacionais. Declaro estar suficientemente informado (a) respeito do que li descrevendo este estudo.

Fica claro para todos, quais são as propostas do estudo, os procedimentos a serem realizados, as garantias de confiabilidade e de esclarecimentos pertinentes a pesquisa. Fica claro também que a participação é isenta de despesas, de compensação financeira e que não oferecem riscos morais, psicológicos, de vida e de saúde.

Eu, \_\_\_\_\_, autorizo a utilização dos dados obtidos na realização da dinâmica acima citada, para fins científicos e educacionais, realizada com a estudante de pesquisa da UEPA, Ana Rosa Calado Cyrus, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia.

Belém, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2021.